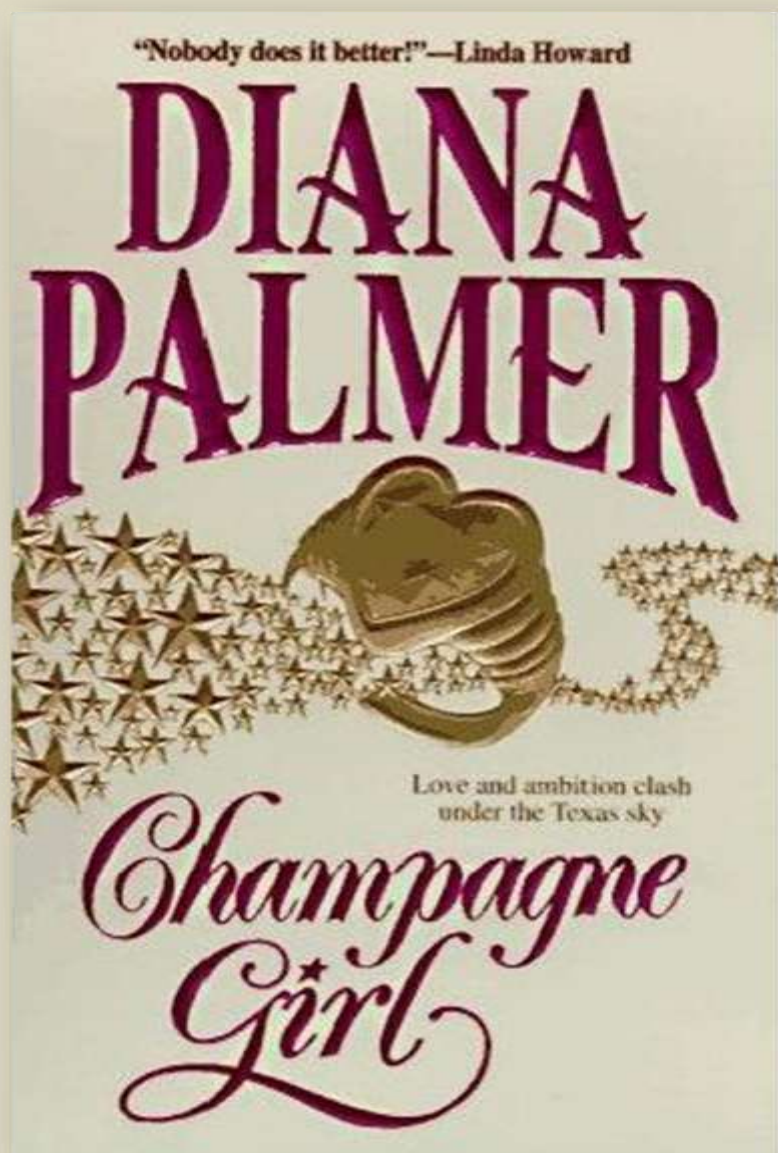


Revisão

Silver Fox



A versão que tínhamos desse livro era em português de Portugal, não saberia dizer se foi digitalizado ou traduzido mecanicamente. Nessa versão que circula na net, não aparece quem foi a pessoa que a fez, por isso não coloquei os créditos. Se alguém souber, por favor me avise que os colocarei. Minha contribuição foi apenas a revisão para o nosso português.



**Sob Seu Feitiço
(Champagne Girl)
Diana Palmer
1986**

Era sério ou ele estava brincando com ela?

Catherine Blake sempre foi perdidamente apaixonada por Matt Kincaid, embora soubesse que ele era um desses homens que não queriam nem ouvir falar de casamento. Resignada, fazia de sua adoração por ele um amor platônico e tinha se concentrado em seus estudos. Mas para sua surpresa, quando conseguiu um emprego, ele tentou impedi-la a todo custo. De repente começou a tratá-la de uma maneira diferente, como se tivesse percebido que ela já não era mais uma menina e sim uma mulher. Catherine tinha então um dilema: deveria deixar-se levar e sucumbir aos seus encantos? Ou lutar por sua independência e fugir antes que se ferisse?

Capítulo 1

Catherine Blake esboçou um sorriso ao fazer a curva e divisar o arco de entrada que tão bem conhecia. Comanche Fíats era um dos maiores ranchos locais, além de seu lar. E embora Matt, que era como um primo afastado, sempre a estivesse controlando como se ela fosse uma garotinha, estava desejando ver sua mãe e seus outros dois primos e lhes contar a grande notícia.

Parou seu Volkswagen em frente à enorme casa em estilo colonial sob o céu nublado e tirou sua bagagem do porta-malas.

Algumas semanas atrás tinha conseguido sua licenciatura em Jornalismo na Universidade de Fort Worth e se sentia muito orgulhosa. Durante os quatro anos que haviam durado seus estudos, morou em uma república para garotas, mas os fins de semana tinha passado no rancho. Aquela tinha sido a condição de Matt para deixá-la ir, e embora isso tirasse Catherine do sério, não houve alternativa a não ser ceder.

Mas aquilo ia acabar. Iria fazer vinte e dois anos e ansiava por ser independente afinal. Matthew Insensível Kincaid não voltaria a interferir em sua vida. Havia conseguido um emprego em Nova York e não poderia detê-la por mais tempo.

Acabava de retornar de uma viagem de quatro dias a San Antonio, onde tinha ido procurar emprego em pequenas empresas publicitárias e jornais locais. Não havia tido sorte, mas o chefe do departamento de recursos humanos da filial de uma empresa publicitária, disse que havia uma vaga na matriz em Nova York se lhe interessasse.

Se lhe interessava! O homem enviou seu currículo por fax ao vice-presidente executivo, que deve ter se impressionado, porque voou no dia seguinte até lá para entrevistá-la e a contratou no ato. Catherine não podia acreditar em sua boa sorte. Não começaria imediatamente, a não ser dentro de um mês, já que estavam a enviando a um dos escritórios da matriz, mas Catherine estava entusiasmada. Era sua grande oportunidade para escapar do domínio de Matt.

Desde menina sempre a tinha controlado, mas depois que terminou a faculdade de Jornalismo ficou muito pior. Catherine compreendia que ele tinha assumido o papel de chefe de família após a morte do velho Henry, tio avô dela e padrasto de Matt, e se tornou responsável pelo rancho. Mas isso não lhe dava direito de intrometer-se em sua vida, quando nem sequer eram primos de sangue. Por sorte Hal e Jerry, que sim o eram, seus primos em segundo grau por parte de mãe, além disso, meio-irmãos de Matt, nunca tinham sido tão autoritários. Claro que nenhum dos dois tinha seu feroz temperamento e nem sua arrogância.

Betty Blake, uma mulher afável de cabelos grisalhos e olhos brilhantes, saía nesse momento da casa para receber a sua filha.

— Nossa, chegou rápido! — saudou-a com um sorriso — Quando me ligou para dizer que estava vindo, fiz os cálculos e não achei que fosse chegar antes da hora do jantar.

— É que havia pouco tráfego — respondeu Catherine se aproximando com a mala na mão.

— Foi tudo bem? — Perguntou sua mãe beijando-a na bochecha e abraçando-a como se não a tivesse visto em vários meses — Não sabe a alegria que me dá seu retorno, querida.

— Mamãe! Só estive fora quatro dias...! — Protestou Catherine — Como Matt se portou? — perguntou quando sua mãe a soltou e pode voltar a respirar.

— OH, esteve insuportável — disse sua mãe, pondo os olhos em branco — Quase não me dirigiu a palavra por haver te deixado ir a San Antonio.

— Ele que vá se acostumando — replicou Catherine franzindo os lábios — Tenho vinte e um anos e posso fazer o que quiser com minha vida. Sempre quer me impor sua vontade, mas desta vez não vou baixar a cabeça e dançar ao seu ritmo. É ridículo! Ter que mentir e dizer que ia viajar quatro dias com uma amiga só para poder procurar um emprego! — resmungou irritada — Não tem o direito de me dizer o que posso fazer ou deixar de fazer. Além disso, não preciso dele para nada, tenho os rendimentos das ações que pôs em meu nome quando fiz dezoito anos — acrescentou. Sua mãe mordeu o lábio inferior, como se não se atrevesse a dizer algo, mas Catherine estava tão entusiasmada que não prestou atenção — Mesmo que não tivesse arrumado um emprego iria me arrumando com isso para...

— Disse “mesmo que não tivesse arrumado um emprego”? — a interrompeu sua mãe — Então... conseguiu?

Os olhos verdes de Catherine se iluminaram e um grande sorriso de satisfação se desenhou em seu rosto.

— Não em San Antonio, mas em Nova York.

— Em Nova York! — repetiu sua mãe surpresa.

— Sim, bom, sei que não te agrada que eu vá para longe, mas é um cargo importante, pagam bem, e, além disso, terá tempo para se acostumar à idéia porque só começo dentro de um mês.

— Não digo por mim — replicou sua mãe, franzindo os lábios e rodeando-a pela cintura com os braços — É Matt quem não aprovará.

— O que me importa se aprova ou não? — disse Catherine zangada.

— Não fale assim, Kit — a repreendeu sua mãe — sabe muito bem que se não tivesse sido por Matt agora estaríamos vivendo em algum apartamento de aluguel nos subúrbios e você não teria podido ir à universidade. Seu pai, que descanse em paz, não nos deixou mais que dívidas ao morrer no Vietnã...

— Contou-me isso cem vezes — disse Catherine com aborrecimento — isso e o muito que devemos ao tio avô Henry porque te acolheu estando inclusive grávida de mim — balbuciou, seguindo-a em direção à casa quando sua mãe se pôs a andar — Mmm... Adoro esta casa — suspirou elevando o rosto para a fachada e inspirando o ar puro do campo, antes de subir os degraus do alpendre — embora para mim seja uma espécie de gaiola dourada.

Sua mãe riu brandamente. — Seu tio avô revisou até o último detalhe de sua construção — disse — Tinha um gosto excelente.

— Exceto no que se refere às mulheres... — comentou Catherine.

— Kit, Por Deus... a mãe de Matt era muito mais jovem que ele quando se casaram, não faça esse tipo de comentários — a repreendeu Betty — Ela o amava e lhe deu dois filhos que o encheram de felicidade.

Catherine não respondeu e a seguiu escada acima. Matt e Hal, que eram solteiros, viviam também na enorme casa, enquanto que Jerry, que tinha casado no ano passado, construiu uma casa a uns dez quilômetros dali, dentro das terras do rancho.

— Amanhã de noite nos reuniremos todos para jantar — sua mãe anunciou — Jerry queria vir hoje, mas surgiu um compromisso e Matt está em Houston. Embora dissesse que possivelmente voltasse esta noite. Espero que voe com cuidado, porque estes dias tivemos umas chuvas terríveis e na previsão do tempo disseram que esperavam mais para esta noite.

— Bem, ao menos não vem de carro — Catherine respondeu asperamente — Quantos carros destroçou até agora?

— Não tantos quanto Hal — respondeu sua mãe entre risadas, detendo-se no patamar superior.

Catherine elevou a vista para o enorme retrato de seu tio avô pendurado na parede, assombrando-se, como sempre que o via, diante da semelhança com seu falecido avô materno: o mesmo cabelo castanho e a mesma cor azeitonada da pele que ela havia herdado.

— Não é que eu não goste — murmurou contraindo o rosto — mas o fotografo o deixou muito carrancudo, parece que está sempre nos reprovando. Não poderíamos colocá-lo na sala?

— E tê-lo me olhando fixamente cada vez que me sentar para assistir a televisão ou costurar? — provocou sua mãe entre risadas — O bom Henry... — disse olhando também o retrato — Era um grande homem.

— Embora aparecesse um dia com uma tia avó com a metade da sua idade? — perguntou Catherine com malícia.

Sua mãe lhe lançou um olhar de leve recriminação. — Evelyn, que descanse em paz, era uma boa mulher — replicou — Comportou-se muito bem com todos nós e foi uma mãe exemplar para seus filhos.

— OH, eu não disse que não gostava dela — replicou Catherine zombadora — Quando eu era pequena sempre me pareceu um sargento, mas do resto...

— Kit! — sua mãe cortou-a franzindo a testa — Anda, desfaça a bagagem. Vou te esperar lá embaixo.

Catherine e sua mãe jantaram sozinhas, escutando Annie, empregada da casa, resmungar enquanto levava os pratos da cozinha à sala de jantar e da sala de jantar à cozinha:

— Toda o dia cozinhando para que no final só comam dois... O Senhor Matt em Houston, o Senhor Hal desaparecido, o Senhor Jerry e sua esposa de repente não podem vir... E alguém se incomodou em me avisar? Não, é obvio que não. A velha Annie que se mate de trabalhar... Quem se importa?

— Não fique assim, mulher — disse Betty em tom conciliador — Matt não sabe se poderá vir esta noite com o tempo que temos e Jerry e Barrie tampouco podiam prever que ia surgir esse compromisso inesperado.

— E se for pela comida, não se preocupe — disse Catherine — repetiremos cada prato se for necessário.

— Enfim, acho que posso congelar o que sobrar — balbuciou Annie, levando a sopeira à cozinha.

— Ouça mamãe, onde está Hal? — perguntou Catherine.

Betty suspirou e meneou a cabeça.

— Antes de partir, Matt lhe disse que fosse ajudar os homens a colocar umas cabeças de gado longe da margem do rio, por que estava chovendo muito forte, e Hal saiu como uma bala. Já sabe que ele odeia se molhar.

— Odeia mais ainda que lhe dêem ordens — particularizou sua filha.

— Sim, como alguém que conheço... Catherine não pôde reprimir um sorriso malicioso, enquanto levava a boca um pedaço do bolo de berinjelas de Annie.

Catherine já estava na cama quando Hal voltou para casa. Ouviu a porta, e logo ele falando com sua mãe na sala, e imediatamente surgiu um sorriso em seus lábios. Hal era o único aliado que tinha contra Matt e se identificava com ele porque os dois eram rebeldes ao seu autoritarismo.

Fechou os olhos e se aconchegou sob as mantas, sentindo-se segura e quente em sua cama enquanto a chuva desabava lá fora. Matt poderia voar com esse tempo? perguntou-se deixando escapar um enorme bocejo, antes de cair no sono.

Horas depois despertava com o ruído de um motor. Ergueu-se e levantou a cortina da janela perto da sua cama para olhar lá fora. As luzes do caminho que chegava até a casa estavam acesas e pode ver saindo de um carro, um homem alto com uma capa de chuva marrom e um chapéu cinza pérola que conhecia muito bem. Matt!

Sentia-se como se estivesse observando um animal feroz, escondida atrás de uma árvore. Matt sempre sorria e brincava quando ela estava perto, mas quando não sabia que estava olhando-o, parecia que se convertia de repente em um estranho: sério, brusco. De fato, Matt era como um quebra-cabeças cujas peças não conseguia encaixar.

A maioria de seus homens o temiam, embora nunca fosse injusto nem muito exigente. Era seu ar de autoridade que fazia com que o respeitasse. Era o resquício da rigorosa educação que tinha recebido.

Matt era filho do primeiro casamento de Evelyn e pelo que Catherine tinha ouvido sua infância não tinha sido nada fácil. Seu pai tinha sido um alto oficial do exército e Matt tinha passado os primeiros quatorze anos de sua vida em uma academia militar. Mais ainda, quando seu pai morreu e sua mãe voltou a casar-se com o tio avô Henry, ainda permaneceu

outro ano na academia, e logo o enviaram a um internato, onde não recebeu muito amor. Henry tinha sido uma boa pessoa, mas... era seu padrasto e não seu pai, e era um homem bastante autoritário. Evelyn por sua parte tampouco tinha sido muito carinhosa, e tinha se comportado mais como uma mulher de negócios que como uma mãe.

Catherine franziu os lábios enquanto observava a musculosa figura de Matt avançando para a casa. Tinha um físico impressionante e não podia negar que era muito atraente, com aqueles intensos olhos castanhos e rosto moreno de traços aristocráticos. Era uma verdadeira ironia que estivesse perdidamente apaixonada por ele apesar do modo tirânico como a tratava e de que soubesse que provavelmente jamais a corresponderia.

Precisamente por isso queria ser independente o quanto antes. Partia-lhe o coração vê-lo sair com outras mulheres e havia tantas... Parecia que havia uma diferente para cada mês. Além disso, todas eram mulheres refinadas e com experiência, não como ela, uma ingênua garota do interior que suspirava em segredo por ele.

Morreria de vergonha se Matt soubesse o que sentia por ele e de que seus ataques de raiva não eram mais que uma tática defensiva, uma maneira de proteger seu coração.

Catherine deixou escapar um bocejo. Tinha perdido Matt de vista, que já tinha entrado na casa e não era momento de reflexões, pensou, mas sim de dormir. Além disso, tudo aquilo logo pertenceria ao passado, porque tinha conseguido um emprego e finalmente ia a abrir suas asas e viver sua vida. Deitou de novo, com um sorriso nos lábios e fechou os olhos.

Matt sempre começava a trabalhar cedo. Assim na manhã seguinte, quando Catherine desceu perto das nove e meia, ele já tinha saído de casa e na sala de jantar só estavam sua mãe e o desaparecido Hal. Este girou a cabeça ao ouvi-la entrar, e o brilho em seus olhos castanhos iluminou seu rosto brincalhão. Aos vinte e três anos, o mais novo dos três filhos de Evelyn, era um pouco mais baixo e menos musculoso que Matt. Era inteligente e gostava de mecânica, mas era preguiçoso, adorava festas e a boa vida. Sempre sumia quando precisavam de sua ajuda para algo.

Matt o tinha ameaçado muitas vezes com a suspensão de sua renda mensal e de expulsá-lo do rancho se não mudasse sua atitude, mas Catherine sempre teve um fraco por ele apesar de seu caráter conflituoso e brincalhão.

— Olá, prima! — saudou-a Hal muito alegre — Como foram as coisas na cidade?

— Ótimas — respondeu Catherine, sentando-se a seu lado e servindo-se de ovos mexidos e bacon — Consegui um emprego e nada menos que em Nova York, imagine! — disse inchando-se de orgulho ao ver a surpresa em seu rosto.

Entretanto, não foi um sorriso que prosseguiu à surpresa, a não ser um olhar de preocupação.

— E já contou a Matt? — perguntou.

— Não. Na verdade sequer o vi ainda. Mas por que essa cara?

Hal franziu os lábios e lançou um olhar a Betty. — Não contou?

Catherine inclinou a cabeça e franziu a testa ao ver que sua mãe não respondia nem parecia atrever-se a olhá-la.

— O que é que tinha para me contar? — perguntou vacilante.

Hal apertou os lábios e pigarreou antes de responder.

— Matt ficou sabendo para onde tinha ido realmente e cortou seus rendimentos — disse.

Os olhos do Catherine cintilaram de fúria, ficou de pé, jogando o guardanapo sobre a mesa.

— Mas por que...? Não pode fazer isso! Não pode! Essas ações são minhas!

— Por desgraça, temo que possa fazer o que quiser com elas até que você complete vinte e cinco anos, como fez com as minhas — replicou Hal esfregando a nuca.

Catherine suspirou — Onde ele está agora? — Perguntou-lhes — Onde está?

— Está na margem do rio — respondeu sua mãe à contra gosto — Assegurando-se de que todas as cabeças de gado foram tiradas dessa área antes das chuvas. Deixou essa tarefa para Hal antes de partir para Houston.

Ante a menção daquilo, Hal levou a xícara de café aos lábios e olhou para outro lado, corno se estivesse incômodo, mas Catherine estava muito zangada para prestar atenção nele. Não teria nenhum dinheiro até que recebesse seu primeiro pagamento; precisava de seus rendimentos para estabelecer-se em Nova York. Ele não podia fazer aquilo! Não podia!

— Vou matá-lo — resmungou.

— Kit, querida, não faça nada precipitado antes de falar com ele — disse sua mãe, tentando acalmá-la — Se tentar fazê-lo entender, tenho certeza que...

Mas Catherine já tinha saído da sala de jantar e estava subindo ao seu quarto para vestir calças e botas de montaria.

Capítulo 2

O ar frio da manhã fez com que Catherine estremecesse ligeiramente. O outono estava chegando, e prova disso eram as folhas douradas das árvores. Esquadrinhou o horizonte em busca de Matt sobre seus arreios, mas não o via por nenhuma parte.

Sentia vontade de gritar. Como ele podia ter feito aquilo? Era sempre a mesma coisa, sempre: ela fazia planos e Matt os arruinava.

Mas as coisas iriam mudar, pensou decidida. Não importava se ele era o Presidente e principal acionista da Kincaid Corporation e nem que ela fosse louca por ele. Não iria permitir que continuasse lhe dizendo como tinha que viver sua vida. De repente percebeu um movimento na enlameada margem do rio. Algumas cabeças de gado de pelagem branca e avermelhada pareciam ter ficado presas depois das chuvas torrenciais e um par de peões do rancho estavam ali tentando tirá-las. Matt não podia estar muito longe.

Com o coração lhe pulsando apressadamente, mas decidida, esporeou o cavalo naquela direção e a égua se lançou a meio galope pela ladeira da colina, fazendo que o vento despenteasse seus cabelos escuros.

Ao aproximar-se finalmente o viu: estava ajoelhado, examinando a pata de uma de suas preciosas vacas, seu rosto estava oculto pela sombra do chapéu. A primeira vista parecia mais um peão, vestido com calças jeans desbotadas, camisa de cambraia e botas, mas quando ficou em pé acabaram as semelhanças. Tinha um físico fascinante, tão alto, esbelto e proporcionado. Tinha as maçãs do rosto altas e a barba era tão cerrada que sempre parecia que precisava ser barbeado, mas lhe dava um ar muito sensual.

Mesmo sendo um fazendeiro levava sempre as unhas bem cortadas e limpas, e tinha um porte régio que sempre a fazia pensar em um quadro que havia na casa, de um antepassado escocês dele que tinha emigrado ao Novo Mundo séculos atrás, dando origem a linhagem dos Kincaid do Texas.

De fato, no passado, os Kincaid tinham sido muito importantes naquela parte do estado. Catherine tinha ouvido Evelyn contar várias vezes quando falava de seu primeiro marido. Jackson Kincaid, o pai de Matt. Ficava tão orgulhosa disso, que Catherine recordava dela dizendo sempre ao seu filho mais velho que não deveria esquecer quais eram suas origens e que devia andar com a cabeça bem erguida.

A Kincaid Corporation, uma empresa que fazia parte de um pequeno império, era o legado econômico que Matt tinha recebido de seu pai. Sua mãe deu algumas ações ao tio avô Henry, unindo assim os interesses de ambas as famílias, mas no primeiro momento se encarregou de deixar muito claro que seria seu filho mais velho quem dirigiria a companhia quando alcançasse a maioridade. E assim tinha sido.

Ao escutar o ruído dos cascos da égua de Catherine, Matt se virou. Seus olhos escuros se iluminaram maliciosos ao ver a expressão furiosa no rosto da jovem, e sorriu de uma maneira tão arrogante, que Catherine sentiu desejos de lhe dar um murro.

Bufando, desmontou de qualquer jeito e foi em sua direção.

— Querida, nunca será uma boa amazona se não me escutar quando procuro te ensinar. Que jeito é esse de desmontar de um cavalo? — disse em tom zombador.

— Não me chame de querida — resmungou Catherine olhando-o irritada com as mãos na cintura — Sei o que fez. Não tem o direito, não pode me fazer algo assim! Já não sou uma menina, cresci, e não vou admitir que siga dirigindo minha vida. Você me deu essas ações e agora me pertencem. Não pode me tirar isso

— Não tirei — replicou Matt sorrindo amplamente — Apenas mandei que se reaplicasse os rendimentos em vez de creditá-los na sua conta. Leia as letras pequenas Kit, retive esse direito quando cedi essas ações a você.

Catherine apertou os dentes. — E como espera que eu pague o aluguel quando for para Nova York? Pedindo esmola nas esquinas?

— Nova York? — Matt repetiu arqueando as sobrancelhas.

— Isso mesmo, Nova York — disse Catherine, cruzando os braços — Uma importante empresa publicitária de Nova York me ofereceu um emprego. É uma grande oportunidade para mim, e o salário que pagam é...

— Só tem vinte e um anos — Matt a cortou franzindo os lábios — Além disso, Nova York é uma selva, não é um lugar para uma menina do interior como você.

— Não sou mais uma menina! — respondeu descruzando os braços e apertando os punhos.

Matt a olhou de cima abaixo de um modo insolente e sorriu.

— Não tinha me dado conta.

Catherine emitiu um gemido exasperado e deu um soco, mas ele desviou para o lado bem a tempo e ela acabou com as costas na grama molhada e na lama entre as gargalhadas de Matt, que virou a cabeça em direção aos seus homens, que estavam observando a cena com curiosidade.

— Será melhor que se levante ou Ben e Charlie pensarão que está tentando me convencer a fazer amor contigo — disse a Catherine com um sorriso malévolo.

— Matthew... Insensível... Kincaid... te odeio! — ela balbuciou tentando levantar-se sem sucesso, já que escorregava cada vez que tentava.

Matt tampouco conseguia parar de rir, mas finalmente estendeu uma mão e puxou-a, colocando-a de novo em pé.

Catherine analisou zangada as duras linhas de seu rosto. — Te odeio — repetiu.

— Não é verdade — ele murmurou sorrindo — está chateada por não conseguir o que quer. E não digo que não entendo Kit, mas não posso deixar você ir a um lugar como Nova York recém saída da universidade.

— OH, sim, a universidade... — ela repetiu entre dentes, suspirando exasperada — Eu que acreditava que finalmente ia ter um pouco de liberdade e você me fez vir para casa cada fim de semana... Devia parecer idiota aos meus companheiros quando dizia que não podia ficar, nem sair com eles porque tinha que voltar para o rancho. Só faltava você me acompanhar de volta à faculdade no ônibus aos domingos pela tarde e pegar na minha mão para atravessa a rua!

— Não pensei nisso — disse Matt divertido.

— Não tem graça! — protestou Catherine — Já cresci, sou uma mulher.

— Não de tudo — ele corrigiu, baixando a vista para seus seios com descaramento e sorrindo — mas não importa. Catherine cruzou os braços sobre o peito, ruborizada. Nunca a tinha tratado dessa maneira. Poderia ser que...? Não, era impossível. Certamente era um novo jeito que tinha encontrado de chateá-la.

— Se o que quer é prática no mundo da publicidade pode tê-la aqui mesmo — disse Matt — Pode promover nosso leilão de gado do mês que vem.

— Matt, não é a mesma coisa!

— É claro que é — ele replicou — O sucesso das vendas depende em grande parte da publicidade que se faz. Normalmente estou acostumado a contratar os serviços de uma agência de publicidade de fora, mas se você quiser poderia fazê-la. Inclusive te deixarei que elabore o catálogo — acrescentou olhando-a nos olhos — Prove que pode fazê-lo, e comprarei um apartamento em Nova York e arrumarei um emprego igual ou melhor que esse para você. Tenho meus contatos. Catherine o olhou vacilante.

— Está falando sério? Não está tentando me enganar com promessas para me deter aqui?

Matt colocou a mão sob o peito. — Por favor, Kit, como pode duvidar de mim?

— De acordo — respondeu embora se sentisse insegura — Se com isso consigo que deixe de se comportar como minha babá, farei.

— Ótimo. Então começará amanhã mesmo as oito em ponto — disse Matt — E agora vá para casa se trocar.

— Quer deixar de me dar ordens? — disse Catherine irritada — Não me deixa respirar! Deus, que sufocante! Até ir à universidade me manteve praticamente trancada no rancho; espantou todos os pretendentes que apareciam; não me deixa ir à Nova York e me tornar independente... Você é um solteirão que só sente prazer ao manipular a vida dos outros, esse é seu problema.

Matt arqueou as sobrancelhas e puxou um cigarro.

— Não sou um solteirão. O fato de ter dez anos mais que você não significa que eu seja um velho.

— Pois algum dia o será. E então se encontrará sozinho e amargurado. O que fará então? — perguntou altiva.

Matt esboçou um sorriso. — Suponho que começarei a seduzir as garotas de sua idade.

Catherine abriu a boca para lhe responder, mas voltou a fechá-la, compreendendo que tudo era inútil. Passavam o dia discutindo e nunca chegavam a nenhuma conclusão. Ele se limitava a lhe dar respostas divertidas e nunca a levava a sério.

— Ora, ora — Matt murmurou — Vamos, Kit, não vai contra-atacar?

Catherine suspirou. — Do que adiantaria? Não faz mais que rir de mim.

— Bem, é menos arriscado do que o que na realidade eu gostaria de fazer — ele respondeu com um brilho estranho nos olhos.

Catherine se ruborizou, mas pensou que só estava tentando deixá-la furiosa outra vez e optou por ignorá-lo.

— Não sei que vou dizer a minha mãe quando aparecer com este aspecto — disse limpando o barro das mãos com um lenço.

— Pode dizer que estava tentando me seduzir — ele propôs com um sorriso malicioso.

Catherine deixou escapar uma risada seca. — OH, sim, certamente que acreditaria — resmungou lhe dando as costas e indo para seu cavalo.

— Não acha que acreditaria? — ele provocou. Catherine montou e olhou aborrecida.

— Para falar a verdade, sequer saberia como.

— Tem tão pouca experiência, pequena Kit? — perguntou Matt insolente.

— Estive me guardando para você, não sabia?

— Matt se pôs-se a rir. — Verdade?

Catherine estava surpreendida com sua própria audácia. Nunca antes tinha se atrevido a flertar com ele abertamente.

— Será melhor que tranque sua porta de noite — disse divertida.

Matt riu de novo. — Na realidade já o faço — brincou — Você tem me apavorado desde que saiu do colégio.

— Sério? — ela sorriu — Eu já desconfiava... Por isso se rodeia de todas essas mulheres, para que o protejam de mim.

Dessa vez Matt não sorriu, mas entreabriu os olhos e a observou pensativo.

— Não há tantas —disse — E o que me diz de você? Nestes últimos meses seus pretendentes sofreram por sua ausência — comentou.

Catherine encolheu os ombros. — Jack se deu por vencido no início do verão — respondeu — Temia que o mandasse para ao hospital se tentasse algo comigo.

Matt girou o rosto um instante para seus homens, que estavam conduzindo o gado por um espaço que tinham aberto na cerca.

— Seja uma boa garota e vá para casa. Tenho trabalho a fazer — disse a Catherine.

— Entendi, meu tempo acabou — suspirou ela — Enfim, não se preocupe por mim, já sei que está muito ocupado. Nunca fala comigo e quando o faz, nunca fala sério.

Matt a olhou nos olhos. — Possivelmente o faça antes do que espera — murmurou — Afinal, está ansiosa por romper suas correntes. Se eu não tomar cuidado voará longe daqui sem que eu possa fazer nada para te deter.

— Não sou um pássaro, sabe? — ela disse pestanejando e sorrindo zombeteiramente.

Matt pareceu ficar tenso.

— Não é uma boa idéia flertar comigo dessa maneira — disse sorrindo levemente — Poderia me fazer perder a cabeça.

— Você? Perder a cabeça por uma mulher? — Catherine riu — Isso ainda não aconteceu. Além disso, é muito cruel de sua parte brincar comigo assim. Só uma mulher sofisticada e experiente poderia conseguir algo assim. Sou apenas uma pobre garota do interior sem o menor atrativo.

— Não é verdade — ele replicou — É uma jovem muito bonita — disse e parecia que falava a sério.

Catherine se ruborizou. — Vou para casa me trocar — balbuciou — E não conte comigo para nada, porque penso em passar o dia relaxando antes de começar a trabalhar amanhã em sua campanha de publicidade. Na verdade, estava pensando em perguntar a Hal se queria ir esta noite ao cinema assistir um filme.

— Cinema? Com Hal? — perguntou, ficando alerta e franzindo o cenho — Que tipo de filme?

— Um filme muito interessante que está passando — respondeu Catherine brincando — Hal é tão inexperiente quanto eu e pensei que poderíamos aprender juntos.

A expressão irada de Matt a surpreendeu. — Nem pensar. E com Hal muito menos — disse — Se quer ir ao cinema, eu te levarei. Esta noite não posso porque tenho uma reunião, mas na sexta-feira te levarei.

Catherine sentiu como se tivessem lhe jogado um balde de água fria no rosto. Ficou olhando-o estupefata um bom momento antes de recuperar a fala.

— O que?

— Disse que te levarei na sexta-feira ao cinema — ele repetiu com um sorriso — Não posso permitir que corrompa Hal. Além disso, Hal é muito jovem para você.

Catherine se pôs a rir. Devia ter imaginado seu aborrecimento. Era impossível que Matt sentisse ciúmes por ela.

— Acho que sim — admitiu franzindo os lábios — Claro que, por essa regra de três, você é muito velho para mim, não é? — perguntou para provocá-lo.

Os lábios do Matt se curvaram em um sorriso enigmático.

— O que você acha? — perguntou em um tom sedutor que jamais tinha usado com ela.

Catherine o olhou curiosa.

— Acredito que é muito velho para ir ao cinema — disse zombando.

— É claro que não — Matt replicou — Vamos na caminhonete, compraremos pizza e me comportarei como se tivesse outra vez vinte anos — riu.

— De acordo então — disse Catherine — Mas não te beijarei se beber cerveja.

Matt arqueou as sobrancelhas e uma expressão que ela não conseguiu definir cruzou seus olhos.

— Está bem — respondeu.

Catherine queria que a terra a engolissem. Como podia ter dito aquilo? Como se ele a quisesse beijar...! Entretanto, apesar desses pensamentos, seus olhos baixaram até os sensuais lábios de Matt. Ao erguer de novo a vista, seus olhares se encontraram, e Catherine sentiu uma espécie de corrente elétrica entre eles que a fez desejar se jogar em seus braços e beijá-lo até ficar sem fôlego. Só a idéia já a sobressaltou e desviou o rosto temerosa de que ele pudesse adivinhar o que estava pensando.

— Era sério o que me disse antes? — perguntou — Que poderei ir a Nova York se fizer um bom trabalho com a publicidade do leilão de gado?

Matt assentiu com a cabeça. — Claro. Não se acha capaz? — provocou-a.

— Não é isso — suspirou ela — mas não quero que me arrume um emprego.

Estava muito orgulhosa de ter conseguido um sozinha — respondeu — E se não der certo...?

Mas Matt já não a escutava. — Charlie, traz a caminhonete para cá! — chamou um de seus homens, lhe dando a costas e apontando uma vaca distante alguns metros deles. Foi em direção ao animal e Catherine suspirou de pura frustração. Sempre fazia o mesmo quando não queria continuar com uma discussão. Deixava-a falando sozinha e a ignorava. Observou-o irritada durante um longo momento antes de fazer sua montaria virar e voltar ao rancho. Se apenas pudesse fazer com que ele não a tratasse como uma criança!

Capítulo 3

Jerry e sua esposa Barrie foram jantar no rancho naquela noite. Jerry, como Hal e Matt, tinha os olhos castanhos, mas era o único dos três com o cabelo loiro e era mais alto do que Hal, mas não tanto quanto Matt. Barrie, por sua parte, era ruiva, de olhos azuis, baixa, de constituição delicada e muito risonha. Catherine sentia uma grande simpatia por ela.

Enquanto Annie levava a comida à mesa, Catherine observou que Hal parecia muito sério e calado, o que era verdadeiramente estranho para ele. Matt, que não ia jantar com eles porque como havia dito tinha um compromisso, não tinha descido ainda. Devia estar colocando litros de colônia e olhando-se no espelho, pensou, sentindo ciúmes da mulher com quem iria sair.

— Betty nos disse que tinha conseguido um emprego em Nova York, mas que Matt desbaratou seus planos — Jerry disse de repente, com um sorriso compassivo, tirando a de seus pensamentos — Ele te mantém bem presa, não? Catherine o olhou irritada.

— Não é verdade. O que acontece é que me convidou para organizar a campanha de publicidade para o leilão de gado deste ano e me pareceu um desafio interessante — mentiu para manter as aparências.

— Mas isso é fantástico! — exclamou Barrie — Certamente fará um grande trabalho, Kit.

—Você e sua paixão pelo gado... — balbuciou seu marido meneando a cabeça — Já te vejo passeando pela exposição de gado com nosso bebê nos braços... se é que algum dia vai decidir tê-lo...

— O que significa isso “se é que algum dia vai decidir tê-lo”? Ter um bebê é uma coisa para ser feita por dois, Jerry, e não sei como quer que o tenha se você quase nunca está em casa — replicou sua esposa com um sorriso malicioso.

Jerry pigarreou e pediu a Betty que lhe passasse o pão entre os risos de Barrie e Catherine.

Justo nesse momento apareceu Matt, vestido com um smoking e uma gravata vermelha. Estava tão bonito que Catherine ficou olhando-o embevecida um bom momento antes de conseguir desviar o olhar.

— Hal, eu gostaria de ter umas palavras contigo antes de sair — disse sem rodeios.

Hal o olhou incômodo e fez uma careta, mas se levantou e o seguiu ao vestíbulo. Jerry, Catherine e Barrie trocaram olhares perplexos.

— Hal não transferiu o gado da margem do rio como Matt havia pedido — explicou Betty contraindo o rosto — e pelo menos quatro se afogaram.

Assim era isso o que Matt estava fazendo naquela manhã... pensou Catherine compreendendo imediatamente. Pobre Hal! Ia levar uma boa reprimenda.

— Quando crescerá? — grunhiu Jerry — Não leva nada a sério.

— É muito jovem, Jerry, apenas isso — interveio Betty conciliadora.

Catherine ia sair também em sua defesa quando se ouviu um grito zangado seguido de um golpe e um ruído surdo. Catherine ficou de pé de um salto e correu para o vestíbulo, encontrando Hal no chão e Matt de pé, com expressão endurecida e os olhos faiscando de ira. Virou o rosto para Catherine quando a viu aparecer e disse com uma risada áspera:

— Florence Nightingale ao resgate... seque suas lágrimas e o console se quiser, mas faça o rápido, porque vai para Houston esta mesma noite. E se não cumprir com suas obrigações enquanto estiver lá — acrescentou lançando um olhar gélido a Hal, que estava esfregando a mandíbula dolorida — não voltará a pôr os pés neste rancho.

— Pelo amor de Deus, só foram quatro cabeças de gado...! — defendeu-se Hal.

— Não se trata de quantas morreram — replicou Matt zangado — Mesmo que só uma tivesse se afogado você seria igualmente culpado. Tem que aprender que não se pode fugir das conseqüências dos atos e negligências que comete.

— Não tem direito de me expulsar do rancho! — gritou Hal — Jerry e eu também temos parte na companhia, não é o único proprietário!

— Não, não sou. Mas sou eu quem está no comando e você não herdará sua parte até que demonstre que tem um mínimo de bom senso. Cresça de uma maldita vez e pare de choramingar como uma menina! Hal se levantou e o olhou furioso.

— É o homem de ferro, não é? Nada lhe afeta — criticou rindo com amargura — Não há uma só fresta em sua couraça, nem tem debilidades.

— Vá fazer as malas. Seu avião sai dentro de duas horas — disse Matt ignorando-o.

Hal não disse mais nada. Abaixou a cabeça, deu a volta e saiu sem olhar para Catherine, fechando a porta atrás de si. Ela ia voltar para a sala de jantar, mas Matt a reteve, segurando-a suavemente pelo braço. Catherine conteve a respiração e ficou quieta de costas para ele. Matt se aproximou por trás, ficando só a alguns centímetros dela. Estava tão perto que Catherine podia sentir seu fôlego no cabelo.

— Não terá medo de mim pelo que acabou de acontecer, não é? — Matt perguntou.

Catherine se voltou e ergueu seus olhos verdes para ele — Não — murmurou — embora em momentos como este não te reconheça. É como se de repente se convertesse em um estranho.

— Hal tem que aprender a ser responsável.

— Não digo que não — respondeu ela — mas não pode lhe pedir que seja como você, Matt.

Ele deixou escapar um suspiro entre entediado e irritado e seus olhos esquadrinharam os dela no silêncio do vestibulo.

— Não tem um compromisso? — perguntou intencionalmente.

— Não é um encontro, é um ato social — explicou Matt — É um jantar formal, não haverá mulheres, exceto as esposas dos organizadores.

— Não tem por que me dar explicações — disse Catherine. Fez menção de ir, mas ele a pegou pela cintura, atraindo-a para si.

— Já sei que não tenho que te dar explicações — murmurou.

Catherine baixou a vista sobressaltada para sua gravata vermelha, e de repente os dedos da mão esquerda do Matt estavam lhe acariciando o pescoço. Sentiu-se tremer por dentro e elevou o olhar vacilante, com o coração descompassado.

— Matt, não, por favor... — rogou-lhe sem fôlego.

Era a primeira vez que a tocava dessa maneira e estava assustando-a. Era curioso que até então tinha sonhado várias vezes com aquilo e quando finalmente estava acontecendo, sentia medo.

— Por que não? — murmurou Matt — Os solteirões têm direito a se divertir um pouco — disse esboçando um sorriso malicioso enquanto seus dedos desciam para o decote do vestido de Catherine.

— Pois eu não penso em servir de diversão para você — disse ela com firmeza detendo o avanço de sua mão e afastando-a — Não é justo o que está me fazendo, não é justo...

Matt baixou a vista para seus lábios e a atraiu mais para si, de modo que seu corpo ficou colado ao dele. Catherine estava sem fôlego novamente. Matt a tinha estreitado antes entre seus braços. Mas tinha sido por motivos muito diferentes, como para consolá-la quando tinha chorado ao cair do cavalo na primeira vez que havia montado; ou quando se perdeu durante uma excursão com o colégio e um casal de idosos a tinham levado de volta para casa. Nunca a tinha abraçado como a uma mulher, olhando-a com olhos cheios de um sombrio desejo, como estava fazendo nesse momento.

— Já foi beijada alguma vez de verdade, Kit, com paixão? — perguntou com voz rouca — Gosto de beijos apaixonados — sussurrou inclinando a cabeça para a dela — Pode ser que a princípio pareça um pouco rude, mas não deve ter medo.

— Matt! — exclamou Catherine em um fio de voz. Ele segurou-a no queixo e olhou a nos olhos um instante antes de baixar a vista para seus lábios novamente. As mãos de

Catherine se agarraram às lapelas de seu paletó e estavam tão próximos um do outro que Matt sentiu que ela estava tremendo.

— Deseja-me, não é verdade? — sussurrou inclinando a cabeça um pouco mais, mas não o suficiente para que seus lábios se roçassem — Apenas aproximando minha boca da sua mais alguns centímetros e perderia o controle — sussurrou.

— Por favor... — choramingou ela, esticando-se ao notar como a afetava a carícia de seu voz, o aroma de sua colônia e o calor de seu corpo — Matt, por favor... por favor... Tão consumida estava pela necessidade dele, que não se deu conta de que estava ficando nas pontas dos pés, nem de que suas mãos, frias e trêmulas, tinham subido até o pescoço de Matt.

— Ah... — riu ele brandamente, meneando a cabeça e lhe rodeando a cintura com as mãos — Ainda não.

Catherine o olhou com os olhos arregalados. Estava tremendo, tremendo! — e ali estava ele, sorrindo de um modo zombador.

— Maldito seja — resmungou próxima às lágrimas pela frustração.

— Sinto muito, Kit, mas já estou atrasado — ele respondeu como se ela fosse uma menina caprichosa — Anda, vá jantar. Amanhã de noite iremos ver um filme no drive — in como prometi — recordou em um sussurro — e prometo que não beberei cerveja — acrescentou com uma piscada maliciosa.

— Não vou! — respondeu, seu corpo estava tremendo ainda pelo desejo que tinha despertado nela e não tinha satisfeito.

— É claro que vai — murmurou muito seguro de si mesmo, afastando uma comprida mecha do cabelo castanho de seu ombro, sem deixar de olhá-la nos olhos.

Catherine se afastou dele, esforçando-se por recuperar a compostura.

— Não pretendo ser mais uma de suas conquistas — disse com firmeza — Não permitirei que me seduza. A única coisa que procura é uma nova distração. E eu não a serei.

Matt riu divertido.

— Mulherengo. Catherine se ruborizou e quase deu de cara com o batente da porta ao sair, o que provocou novas risadas em Matt, mas imediatamente se recuperou e saiu do vestíbulo com muita dignidade, retornando a sala de jantar.

Catherine não escutou uma só palavra do que se falou durante o jantar. Devido ao incidente com Hal não estava muito animada. Não podia deixar de sentir as mãos de Matt em volta de sua cintura, nem seu quente fôlego mentolado nos lábios. E tampouco podia deixar de perguntar-se o que ele pretendia. Seria capaz de estar fazendo aquilo só para mantê-la sob seu domínio?

Depois, quando subiu para seu quarto, continuou remoendo aquilo e demorou horas para dormir, mas antes de cair no sono prometeu a si mesma que iria escapar dele antes que ficasse presa aos seus encantos.

Essa mesma noite, como Matt havia dito, Hal foi para Houston. E na manhã seguinte, quando Catherine desceu para tomar o café da manhã, notou que na sala de jantar só estavam sua mãe... e Matt.

Ao vê-la entrar, ele a observou zombador por cima da xícara de café que tinha nas mãos, mas ela conseguiu não demonstrar seu nervosismo.

— Como está um ótimo dia — comentou sua mãe enquanto Catherine se sentava a seu lado — pensei em ir a Fort Worth fazer umas compras. Quer que traga algo, Kitt?

— Não, obrigada mamãe — respondeu Catherine, ocupada em manter sob controle os batimentos de seu coração, que disparavam cada vez que Matt a olhava. Vestiu uma blusa verde e uma saia cinza clara, mas não estava segura se estava corretamente vestida para seu primeiro dia de trabalho.

— Não sabia o que vestir quando me levantei — balbuciou, sem olhar para Matt.

— Não se preocupe. Não temos regras sobre o que os empregados devem vestir. Pode ir de jeans se preferir. O importante é que esteja cômoda.

— Certo — respondeu ela — Não te perguntei onde vou trabalhar. Terei minha própria sala?

— Infelizmente não temos salas vagas — respondeu Matt — Trabalhará na minha. Há duas salas — acrescentou bebendo seu café — Pronta para ir?

—Pronta. Até mais tarde, mamãe — murmurou, dando um beijo na sua mãe. Estava se levantando quando se deu conta que Matt estava atrás dela, puxando sua cadeira. Catherine o olhou surpresa, perguntando o porquê de tanta cavalheirismo. E sua mãe parecia estar pensando o mesmo, mas se limitou a esboçar um sorriso e lhes desejar bom dia.

Era estranho sentar ao lado de Matt no reluzente Lincoln que usava para ir aos escritórios do rancho.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou quando chegaram ao seu destino e estacionou o carro — Está muito calada.

— Não, nada — ela respondeu forçando um sorriso — Estava pensando em algumas idéias para o leilão.

Matt desceu do carro e o rodeou para lhe abrir a porta, mas em vez de se afastar para o lado quando ela foi sair, também ficou ali parado, deixando Catherine cara a cara com ele.

Matt a segurou pelos ombros bem a tempo. Estavam tão pertos um do outro que Catherine podia sentir o calor de seu corpo. Estava com a respiração suspensa, tinha o coração pulsando como um louco, e não se atrevia a erguer a vista.

— Está muito estranha esta manhã — disse — É porque ontem à noite tentei te beijar, ou porque não cheguei a fazê-lo?

As bochechas de Catherine arderam. Entreabriu os lábios, para deixar escapar o fôlego que tinha contido e murmurou:

— Eu... isto é novo para mim. Elevou o rosto e seus olhos procuraram os dele. Matt não estava sorrindo, a não ser olhando-a muito sério, pensativo.

— Não deve ter medo de mim, Kit — disse em um tom estranhamente suave.

— Não posso evitar — ela replicou — De repente se tornou um estranho para mim.

Matt balançou a cabeça. — Não é verdade. Só está me olhando com outros olhos. Ande, vamos trabalhar. Conduziu-a ao interior do enorme edifício e a apresentou aos funcionários que trabalhavam para ele: quatro mulheres jovens e dois homens. Depois a levou à sua sala, cuja decoração em tons de terra refletia seu caráter austero. Tal e como havia dito, havia duas salas: a sua, maior, e outra menor que tinha um computador e uma impressora.

— Se tiver algum problema, Ângela te ajudará. É a morena baixa que te apresentei por último, lembra? Aquela que tem a sala ao lado desta. Além disso, é ela quem tem toda a informação preliminar para o leilão, e até lhe oferecer este trabalho, era ela quem se encarregava de reunir todos os dados e papéis necessários para o pessoal da agência de publicidade. Alguma pergunta?

— Acho que não — respondeu Catherine. E ocupou seu lugar em frente ao teclado, embora em sua cabeça ferviam cem emoções contraditórias e conflituosas que a deixavam terrivelmente agitada.

— Bem, então vou indo — disse Matt. Ia saindo, quando acrescentou — OH, esta noite não prenda o cabelo assim.

Catherine ergueu os olhos, lembrando que tinha feito um coque. — O que?

— Deixe-o solto, odeio grampos.

— Deixa de dar ordens alguma vez? — ela perguntou irritada.

— Claro que sim: na cama.

Catherine ficou vermelha como um tomate e Matt esboçou um dos seus sorrisos sensuais de superioridade que a deixavam nervosa.

— P-pois na verdade não estou certa se quero ir ao drive in esta noite com você — murmurou confusa.

— Assustada, Kit? — murmurou, inclinando-se para ela, uma mão no braço de sua cadeira giratória e a outra na borda da mesa.

Catherine ergueu os olhos e seus olhos verdes se perderam nos dele. Observou que a mandíbula do Matt se esticava enquanto se olhavam e como de repente sua respiração se tornou entrecortada.

— Deus, não sabe até que ponto desejo te beijar, Kit — sussurrou — Mas o chefe tem que dar exemplo — suspirou cinicamente erguendo-se e deixando-a na vontade — assim é melhor que eu saia logo daqui antes que alguém se escandalize.

Catherine pigarreou, ligando o computador e sentindo-se nervosa e inexperiente enquanto tentava entender se estava tendo alucinações ou se na verdade tinha ouvido o que acreditava que tinha ouvido.

— Vou... vou começar com o trabalho — balbuciou.

— Ótimo — disse Matt com um sorriso — Bem, vou indo. Pedirei a Ângela uns arquivos que necessito.

E saiu da sala deixando-a com o coração inquieto. O que faria? Estava louca por ele, mas Matt jamais seria capaz de corresponder ao seu amor. Teria que recordar disso essa noite, no caso de perder o controle e começar a suplicar para que a beijasse.

Finalmente decidiu que o melhor antídoto contra suas preocupações era manter-se ocupada e se concentrou em começar a preparar a publicidade da campanha do leilão.

Imprimiu uma lista das cabeças de gado que iriam ser vendidas, com seus números, peso, produtividade... Entretanto, quando estava folheando-a, surgiu uma dúvida, e saiu da sala em busca de Matt.

— Se está procurando Matt, ele saiu — disse Ângela apontando a porta — Disse que ia buscar uns documentos no banco e em seguida ia para o aeroporto. Hoje tem um almoço em San Antonio — explicou — Aposto que é com essa corretora de imóveis de Laredo outra vez — murmurou com um sorriso malicioso — Enfim, pelo menos não é tão atirada como a executiva de Nova Orleans — acrescentou.

— Não sabia que Matt estava saindo com alguém — disse Catherine em tom mais des preocupado possível — Na verdade nunca trouxe nenhuma mulher para casa.

Ângela encolheu os ombros.

— Nós sabemos por que elas ligam para cá. Com esta última já estava há uns três meses, mas acredito que está cansando-se dela, porque esta semana me disse que não passasse suas ligações — confidenciou com uma risadinha.

Catherine estremeceu por dentro. Aquilo era o que aconteceria se permitisse que Matt a seduzisse. Um dia se aborreceria dela e então a abandonaria por outra, deixando-a com o coração em pedacinhos. Retornou a sua mesa e sentou de novo em frente ao computador, furiosa com ele ante a idéia de que estivesse fazendo jogo duplo, encontrando-se com aquela mulher em Laredo e convidando-a para o drive in com ele...

Um sorriso vingativo se desenhou lentamente em seus lábios. Ele queria que se encarregasse da publicidade do leilão... Isso era exatamente o que ia fazer... de tal maneira que se arrependeria de haver lhe feito a proposta. Além disso, não estava certa se Matt cumpriria sua promessa. E era provável que se fizesse mal o trabalho, se o sabotasse, a expulsaria do rancho, como Hal. De fato, até compraria a passagem para mandá-la a Nova York, longe de suas preciosas cabeças de gado.

Franzindo os lábios, começou a trocar os nomes do gado. Só um pouco, claro, como “Molly, número 42”, por “Mula, número 42”, ou “Tonino, número 20”, por “Toucinho, número 20”. Depois, quando chegou à parte onde se falava dos progenitores das cabeças de gado, escreveu: “A mãe deste jovem touro é a encantadora Altiva número 32, que quando muito jovem, casou-se com o charmoso touro Valente número 16”. Teve que levantar e fechar a porta para que Ângela não ouvisse a sua risada. Matt queria algo elegante, não? Pois iria ter.

Capítulo 4

Passavam das sete e meia quando Matt chegou. Parecia cansado, mas seus olhos se iluminaram quando viu Catherine sentada no salão, esperando-o.

— Muito bonita — disse sorrindo.

— Obrigada, Senhor Kincaid — ela respondeu, ficando de pé e fazendo uma graciosa reverência.

— Subirei para me trocar ou chegaremos tarde à sessão das oito e quinze — disse Matt, dirigindo-se às escadas — Há algum filme que tenha especial interesse em ver?

Catherine encolheu os ombros.

— Na verdade não sei quais são os filmes que estão passando — respondeu.

— Você gosta dos de ficção científica? Estão passando um que tem boas críticas desde que estreou.

— Por mim tudo bem.

— Ótimo. Desço em cinco minutos.

A noite estava fresca, e Catherine se alegrou de ter levado uma blusa de lã. Mas quando subiram à caminhonete, Matt ligou o aquecedor e no final teve que tirá-la. Matt estava tão sexy com a camisa azul marinho que usava, o jeans desbotado, seu chapéu de cowboy creme, que Catherine quase não conseguia afastar os olhos dele.

E ele parecia sabê-lo, porque o olhar que lhe deu quando estendeu o braço para alcançar o alto-falante, dizia tudo. Catherine se apressou a virar o rosto para a tela, onde estava passando os trailers das próximas estréias. Matt ligou o alto-falante, e ela fingiu estar muito interessada nos anúncios, mas a única coisa que podia ouvir eram os batimentos do seu coração.

— Que tal uma pizza? — perguntou Matt.

Mais que comida, Catherine precisava beber. Tinha a boca completamente seca.

— Com refrigerante?

— Te darei tudo que me pedir, Kit — ele murmurou com um olhar que lhe prometia o céu.

Catherine ficou vermelha como uma papoula, tímida de repente com aquele homem com quem tinha crescido.

— Por que esse rubor? — perguntou Matt divertido — Não será... por que te deixo nervosa, não é?

— Deus, estou morta de sede — ela disse como se não o tivesse ouvido.

Os cantos dos lábios de Matt se curvaram para cima em um sorriso malicioso. — Vamos.

Desceram do veículo e ele pegou sua mão, levando-a até a pequena lanchonete do drive in. Um comichão percorreu os dedos de Catherine e ela se sentiu incrivelmente feminina, sobre tudo quando entraram no local e atraiu olhares de inveja das outras mulheres que haviam ali.

Uma loira deslumbrante estava devorando Matt com os olhos. Mas para surpresa de Catherine, ele nem a olhou. Ergueu os olhos perplexa para ele enquanto Matt fazia o pedido ao garoto atrás do balcão.

Matt baixou o olhar e lhe rodeou a cintura, atraindo-a para si.

— O que te surpreende, Kit? — murmurou — Você acha que sou do tipo de homem que flerta com outras mulheres quando está acompanhado? — perguntou curioso.

Catherine baixou a vista envergonhada para seu peito por ter pensado mal dele.

— Não, sinto muito. Mas é que ela é muito bonita — disse lançando um olhar em direção a loira.

— Não tem nem a metade da sua beleza — ele respondeu.

Catherine ficou vermelha e desviou o rosto.

— Não tem que me fazer elogios.

Matt a olhou curioso antes de pagar e pegar a pizza e os refrigerantes.

— Não era um elogio — disse muito sério — É a verdade.

Catherine se ruborizou ainda mais e não foi capaz encará-lo até estarem sentados de novo no carro.

— Por que viemos com a caminhonete e não com o Lincoln? — perguntou enquanto mordida um pedaço de pizza.

— Porque os bancos são de vinil — ele respondeu com um sorriso — Não achou que comeria pizza naquele carro maravilhoso que uso para ir ao escritório?

— Como sou tonta... — murmurou sorrindo maliciosa.

— Além disso — ele acrescentou tomando um gole de seu refrigerante com o último pedaço de pizza — a parte dianteira do Lincoln não é tão ampla como esta.

Catherine franziu a sobrancelha. — E qual a importância disso?

Matt arqueou uma sobrancelha e riu entre dentes. — Bem... eu não poderia me esticar a vontade nele.

— Ah — murmurou Catherine, sem entendê-lo, enquanto a risada de Matt ia aumentando.

— Tem a ver com não beber cerveja — ele disse dando uma pista.

O rosto do Catherine se ruborizou, mas não desviou o olhar dele.

— Matt! — protestou escandalizada.

— O que? Foi você quem começou com essa brincadeira — ele recordou tirando o chapéu e deixando-o sobre o console — Nem tinha me passado essa idéia pela cabeça até

que você a disse e não provei nem uma gota de álcool durante o dia todo, pensando nisso — acrescentou com um sorriso.

Catherine pensou que seu coração fosse sair pela boca. — Nunca sei quando está brincando ou falando sério — murmurou.

Matt esboçou um sorriso enigmático e se virou para ela, pondo o braço sobre o respaldo do assento enquanto na tela começavam a aparecer os créditos do filme.

— Vem, Kit, sente-se mais perto de mim.

O coração de Catherine deu um salto.

—Vamos — ele insistiu — Prometo que não te beijarei até que me peça.

— Você é horrível — ela balbuciou tratando de ocultar seu nervosismo — sempre está zombando de mim.

Entretanto, sentou-se mais perto dele e deixou que rodeasse seus ombros com o braço. A princípio ficou um pouco tensa, mas depois de um momento, relaxou e apoiou a cabeça em seu peito. Fixou a vista na tela, mas não estava conseguindo acompanhar o filme de jeito nenhum. Os dedos de Matt estavam lhe acariciando o pescoço e esse contato lhe produzia uma deliciosa sensação que estava fazendo com que seu pulso disparasse.

Virou o rosto para ele na penumbra e Matt a olhou também. De repente um de seus dedos se deteve justo sobre a veia do pescoço e Catherine prendeu a respiração. Agora sabia até que ponto o desejava. Matt segurou-a pelo queixo com a outra mão e inclinou a cabeça para ela.

Na tela uma mulher gritava porque uma criatura horrenda estava saindo detrás de um painel da nave, mas Catherine sequer a ouvia. Entreabriu os lábios e Matt beijou pela primeira vez. Catherine conteve a respiração ao sentir a suavidade de sua boca e subiu as mãos à frente de sua camisa, sem saber muito bem o que fazer com elas.

— Pode me tocar se quiser — Matt sussurrou provocador, levantando ligeiramente a cabeça.

Catherine ficou vermelha como um tomate e ele riu encantado desse pudor.

— Deus, sinto-me como se nunca tivesse beijado uma mulher antes — murmurou, roçando levemente seus lábios nos dela — Faz que com que seja tudo novo para mim, Kit.

Beijou-a sensualmente no pescoço e Catherine estremeceu quando lhe mordiscou o lóbulo da orelha. Matt tomou suas mãos e as pôs em torno de seu pescoço, atraindo-a para si de modo que seus seios ficaram esmagados contra seu tórax. Catherine lamentou em silêncio por não ter colocado sutiã, já que a blusa era muito fina e sem dúvida ele notaria.

E assim foi. Ao notar ficou tenso e suas mãos que tinham estado subindo e descendo por suas costas, detiveram-se.

— OH, Deus... nunca imaginei que fossem tão macios... — murmurou com voz rouca.

Catherine se ruborizou até as orelhas e ocultou o rosto no vão de seu pescoço enquanto as mãos de Matt subiam para seus seios pelas laterais e começavam a explorar

com delicadeza os pequenos seios no silêncio da caminhonete, quebrado só pela música de suspense do filme.

Catherine podia escutar a respiração ofegante de Matt enquanto sua boca voltava a posar sobre a dela. O beijo aquela vez foi mais longo e ela se deixou levar, começando a corresponder com certo acanhamento, mas quando os lábios de Matt se tornaram mais insistentes, ficou tensa e ele notou. Levantou a cabeça e pôs as mãos em suas costas de novo, acariciando-a brandamente para tranquilizá-la enquanto a beijava no pescoço.

— Está bem — sussurrou em seu ouvido — iremos mais devagar — se afastou um pouco para olhá-la nos olhos divertido — Diga, quão inexperiente você é?

Catherine se mexeu incômoda e franziu os lábios em uma careta.

— A culpa é sua. Mamãe nunca me deixava sair com meninos mais velhos que eu e você sempre interferia. Assim o que restava eram os meninos que sabiam tão pouco quanto eu — disse olhando-o irritada — Assim não tem como aprender.

— Eu te ensinarei — ele murmurou. E para Catherine não pareceu que estivesse brincando. Segurou-a pelo queixo e fitou seus olhos verdes por um longo momento — Então, não tem nenhuma experiência?

— Na verdade não — ela admitiu. O mais longe que cheguei com um menino foi um beijo de língua e acredito que devo ser frígida, porque não gostei nem um pouco. Matt sorriu e logo se pôs a gargalhar. — Não tem coração! — vociferou Catherine, dando-lhe um tapa no braço — Já está outra vez rindo de mim. É o que faz sempre, zombar de mim e... OH!

Os lábios de Matt não a deixaram terminar a frase. Tratou de golpeá-lo de novo, mas de repente sentiu que seus lábios entreabriam os dela e como sua língua se introduzia entre eles, e ficou imóvel. Matt não tinha fechado os olhos; estava olhando-a para ver sua reação. Ao princípio a sensação pareceu muito estranha para Catherine, mas a língua de Matt estava fazendo as coisas mais inimagináveis dentro de sua boca e de sua garganta escapou um gemido enquanto suas mãos se agarravam aos seus largos ombros.

Depois, perdeu por completo o controle. Fechou os olhos emitindo outro gemido de prazer, e lhe cravou as unhas ritmicamente, como se fossem as garras de um gato. De repente Matt a levantou, sentando-a sobre seu colo, enquanto o beijo continuava, uma de suas mãos se dirigiu para seus seios em uma nova incursão. Acariciava os contornos repetidamente, mas não avançava, e Catherine se encontrou arqueando e gemendo de pura frustração.

Matt separou seus lábios dos dela e Catherine abriu os olhos, olhando-o encantada.

— Achei que você não gostasse dos beijos de língua — disse Matt divertido.

— Contigo é... diferente — ela murmurou.

— Isso porque sei como fazê-lo, diferente desses meninos com que saía que eram inexperientes — disse com um sussurro sedutor — E também sei como fazer isto — acrescentou acariciando-lhe um seio — E quando sentir que está ficando louca de desejo, te tocarei de verdade.

— Já estou meio louca de desejo — ela ofegou estremeando quando a mão de Matt desceu até sua cintura — Está tentando me fazer... suplicar?

Matt meneou a cabeça.

— Não é para satisfazer meu ego — respondeu, subindo a mão outra vez, muito lentamente. — Isto... fará com que o prazer seja muito maior.

Catherine fitou seus olhos, ofegando desesperada quando os dedos de Matt começaram há chegar um pouco mais longe.

— Matt... vou desmaiar quando me tocar...

Os dedos do Matt foram ainda mais longe e dessa vez não se detiveram. Catherine sentiu como se fechavam sobre ela e como a palma descansava sobre o mamilo enrijecido. Ela estremeceu, e suas mãos se aferraram a ele como garras enquanto mordia o lábio inferior para não gritar de prazer.

Matt a acariciou com ternura sem deixar de olhá-la e para Catherine parecia que o barulho do tecido ao ser roçado por seus dedos soava quase tão alto quanto o ruído do alto-falante. Matt inclinou a cabeça e voltou a beijá-la; brandamente primeiro, e depois com crescente paixão. Catherine se arqueou para ele e de repente tudo o que os rodeava se dissolveu quando a mão de Matt se introduziu por entre os botões da blusa e tocou sua pele nua. — Deus, Kit, é tão doce, tão doce... — suspirou, beijando de novo seus lábios trêmulos e acariciando com o polegar a pequena protuberância que lhe dizia o muito que o desejava.

Um ruído do lado de fora fez com que Matt levantasse a cabeça. Sua respiração era tão entrecortada quanto à dela. Olhou pelo espelho retrovisor e tirou a mão da blusa de Catherine com um suspiro.

— Será melhor que se sente direito, querida — disse em voz baixa — estamos a ponto de ter companhia.

Colocou a mão no bolso de sua camisa para procurar um cigarro e o acendeu, passando o braço pelos ombros de Catherine e fingindo um ávido interesse pelo filme. Em poucos minutos apareceu um policial com uma lanterna, que se inclinou para olhar dentro da caminhonete antes de seguir passeando por entre os veículos.

— A válvula de segurança humana — Matt riu olhando para Catherine — o controle de natalidade ambulante.

Catherine começou a rir também e apoiou a cabeça em seu peito.

— Você é terrível, Matt.

— Não parecia pensar o mesmo instantes atrás.

Catherine se apertou contra ele.

— Ah, não?

Matt lhe acariciou a bochecha e beijou sua testa com um suspiro.

— Acho melhor a gente assistir o filme. Não quero nem pensar na cara de Betty se tivesse que nos tirar da cadeia esta noite por exibicionismo.

— Não acreditaria — respondeu Catherine.

— Se a visse como está agora mesmo, com as bochechas ruborizadas, o cabelo revoltado e os lábios inchados pelos beijos, certamente acreditaria — respondeu Matt olhando-a pensativo — A propósito — acrescentou com um sorriso malicioso, afastando uma mecha de cabelo de seu rosto — me lembre de te ensinar a beijar. Tem muito que aprender.

— Perdoe-me Senhor Experiência, sou apenas uma pobre principiante na arte do amor — respondeu mostrando a língua.

— E continuará sendo... — disse Matt muito sério, olhando-a nos olhos — Preste atenção, Kit: te seduzir não está nos meus planos.

— Quer dizer que não vai me levar para cama? — perguntou, fingindo-se muito ofendida — Por quê?

— Porque sua mãe confia em mim — ele respondeu atraindo-a para si e beijando-a na ponta do nariz — Entenda, tenho que tomar cuidado. A última coisa que quero é um casamento por obrigação.

— A última coisa que quero é um *casamento* ... — ela enfatizou, tentando aparentar que não se importava — Então, bem-vindo ao clube. Eu tenho uma carreira como publicitária me esperando em Nova York, embora antes tenha que te provar que saberei me virar.

Matt franziu o cenho, como se não tivesse esperado essa resposta. — De verdade está tão empenhada em ir a Nova York?

Sabia! Aquela sua promessa de que a deixaria ir se fizesse um bom trabalho com a publicidade do leilão de gado não tinha sido mais que uma enganação!

— Prometeu-me isso, Matt — recordou — Prometeu.

Ele suspirou, voltando o rosto para a tela. — É verdade, prometi isso.

O tom de sua voz parecia tão triste, que Catherine não pode evitar sentir-se mau. Talvez, depois de tudo, não era certo sabotar o folheto.

— Sinto muito — murmurou apoiando a cabeça em seu peito.

— Por quê? — perguntou ele.

— Que sua estratégia não tenha funcionado. Gosto de te beijar Matt, mas isso não fará com que eu fique em Comanche Fíats.

Se Catherine tivesse visto o rosto de Matt nesse instante, teria tido uma autêntica revelação.

— Nesse caso — ele murmurou levando o cigarro aos lábios e dando uma tragada — suponho que terei que pensar em outra tática.

Então ele admitia! Pensou Catherine entristecida, fechando os olhos. Tinha a levado no drive in nessa noite com a intenção de enrolá-la para que ficasse no rancho. Sabia até que ponto o desejava e tinha se aproveitado disso. Pois não iria funcionar, pensou, iria para

Nova York, longe de sua influência e encontraria um homem que a amasse, não que tentasse dominá-la a todo custo.

— Mas, enquanto isso — murmurou de repente Matt, tomando-a pela cintura e inclinou-a para trás para olhá-la nos olhos — acho que não tem problema de seguir com a estratégia atual um pouco mais — e seus lábios tomaram de novo os dela em um beijo apaixonado que durou tanto que Catherine estava tonta quando por fim se separaram. — Só um conselho: tome cuidado para não ficar viciada em mim — acrescentou Matt em um tom áspero — porque como você disse antes, não gosto de casamento.

Catherine não podia acreditar nos seus ouvidos. Matt nunca foi cínico com ela.

— Não se preocupe, isso jamais ocorrerá — assegurou despeitada.

Matt deixou escapar uma risada cruel. — Acha isso? Inclinou-se de novo para ela, mas Catherine colocou uma mão entre seus lábios.

— Possivelmente deveria dar essa advertência à corretora de Laredo também — disse sorrindo satisfeita ao ver a surpresa no rosto de Matt — Talvez ela necessite mais que eu — se virou para a tela e Matt apagou o cigarro no cinzeiro da caminhonete.

— Quem te falou sobre Layne? — perguntou.

Catherine o olhou com altivez — Só porque não leva a suas conquistas para casa não significa que não saibamos que as tem.

Matt estudou seu rosto em silêncio. — Layne está trabalhando em um projeto comigo — disse — Quero comprar uns terrenos adjacentes a nossa propriedade e o proprietário é cliente dela.

— Como ela é? Bonita? — perguntou Catherine, detestando-se por perguntar.

Matt pareceu não se importar o mínimo em responder. Inclusive sorriu.

— Tem vinte e nove anos, olhos castanhos e cabelos castanhos avermelhados, é alta...

— E experiente?

— E experiente — ele assentiu — Nunca mostrou curiosidade pela minha vida sentimental.

— Não me interessa absolutamente — ela balbuciou ficando na defensiva.

— Ah, não? — ele murmurou estirando-se no assento e esboçando um sorriso ao ver como ela não podia evitar devorá-lo com o olhar — Também gosto do seu corpo, Kit. Gosto de tocá-lo e senti-lo colado contra o meu...

Catherine ficou vermelha como um tomate.

— Não pensei que este filme pudesse ser tão interessante! — exclamou, cruzando os braços irritada e voltando a cabeça para a tela.

Matt sorriu irônico. — Já que não acredito que queira voltar a sentar em meu colo esta noite, ao menos me dê a mão — murmurou divertido, entrelaçando seus dedos com os dela. Recostou-se no assento, com o sorriso malicioso ainda nos lábios e fixou a vista na tela durante o resto do filme, enquanto Catherine sentia vontade de gritar.

Capítulo 5

Catherine demorou a dormir aquela noite, depois de voltarem do drive in. E na manhã seguinte demorou mais ainda para tomar coragem e descer para o café da manhã, já que Matt estaria na sala de jantar. De repente era como se tudo tivesse mudado. Matt tinha deixado de ser o Matt com quem tinha crescido para se transformar em um sensual estranho. Sentia-se tímida e vulnerável com esse novo Matt, e por muito que tentasse, não conseguia entender o que tinha acontecido para que mudasse sua atitude com ela. Era só para retê-la no rancho? Ou provavelmente tinha tido uma briga com a tal Layne, e apenas estava divertindo-se com ela, passando o tempo até que sua amante esquecesse o aborrecimento?

Assim que entrou na sala de jantar, os olhos do Matt se fixaram como dardos nela, mas, embora tenha balançado por dentro, Catherine não exteriorizou seu nervosismo. Sua mãe estava terminando de tomar o café da manhã nesse momento.

— Bom dia, querida — a saudou alegremente — Irei esta manhã a casa de Jane Barnes. Conteí que sua filha Amanda vai se casar? As mulheres da associação paroquial estão ajudando a bordar as toalhas, lençóis e demais peças para seu enxoval. Mas volto por volta do meio-dia e estava pensando se poderíamos almoçar juntas na cidade.

— Claro, eu adoraria — respondeu Catherine com um sorriso.

— Ótimo — disse sua mãe levantando-se e beijando-a na bochecha ao passar ao seu lado — Então te ligo mais tarde para combinarmos o horário e o lugar. Tenham um bom dia e não se cansem muito.

— Fique tranquila, não nos cansaremos — Matt prometeu, rindo entre dentes ao ver o rubor de Catherine.

Ela, enquanto isso passava manteiga em suas torradas tão concentrada como se estivesse tentando resolver uma equação. Logo, ouviu o barulho do carro de sua mãe afastando-se.

— Está muito calada esta manhã — Matt murmurou, observando-a com os olhos semicerrados antes de tomar outro gole de café — Parece que está fugindo do meu olhar o tempo todo. Esta arrependida do que aconteceu ontem à noite?

Catherine ergueu os olhos irritada. — Na verdade, sim. Não tenho intenção de voltar a ir ao drive in contigo.

Matt suspirou comicadamente. — Isso será um problema, porque se ficarmos a sós em casa por mais de cinco minutos em uma sexta-feira à noite... já sabe onde podemos acabar.

— Não em sua cama — ela disse com firmeza.

— Quem falou em cama? O tapete é muito melhor — ele murmurou com um sorriso malicioso. Catherine quase se engasgou com o café.

— Não vou ser seu brinquedo. Vou para Nova York e vou ser publicitária.

— Não até que tenha terminado com a publicidade do meu leilão — ele respondeu. Recostou na cadeira e a olhou fixamente aos olhos enquanto desabotoava um botão da

camisa, depois outro e mais um. Catherine se ruborizou, tragou saliva e baixou a vista para o prato.

— Ficou nervosa, Kit? — ele murmurou abrindo-a camisa — Por quê? Já me viu muitas vezes sem camisa.

E cada vez ficou com os joelhos trêmulos, ela pensou sem se atrever ainda a levantar o olhar.

—... Chegaremos atrasados no escritório — murmurou.

— E daí? Sou o chefe, lembra?

Catherine tomou seu café de um só gole, enxugou os lábios com o guardanapo e se levantou apressada.

—Vou... retocar a maquiagem antes de sairmos.

Mas quando passava ao seu lado para sair da sala de jantar, ele a reteve pelo braço.

— Do que tem medo, Kit?

— Matt, por favor, não... — ela suplicou, tentando se soltar.

Mas ele já a tinha sentado em seu colo. Em seguida, tomou uma de suas brancas mãos e a colocou sobre seu tórax nu.

— Me acaricie, Kit — sussurrou, inclinando-se para seus lábios, fazendo com que movesse a mão por todo seu peito.

—Te odeio — ela balbuciou trêmula.

—Sei. Agora cale a boca e me beije.

Catherine não pôde resistir quando a boca de Matt pousou sobre a sua. Começou a corresponder e aos poucos sua outra mão se unia a que já estava sobre seu tórax. Deslizou extasiada ambas para cima e para baixo, deixando que seus dedos se enredassem no escuro pelo.

— OH, Deus... — ofegou Matt, tomando suas mãos e deslizando-as em uma viagem de exploração até o plano abdômen.

— Matt... — ela suspirou, abrindo os olhos e olhando-o com adoração.

— É incrível, Kit, faz com que meu sangue suba à cabeça — sussurrou, atraindo-a para si e apertando-a contra seu peito.

Catherine se sentia como uma tonta. Como podia ser tão fraca para esquecer, enquanto a beijava, suas mais firmes determinações? Não pôde responder, porque Matt estava beijando-a outra vez e suas mãos estavam lhe massageando os quadris de uma maneira que logo fez com que se esquecesse de tudo. Só Deus sabia onde haveriam chegado se o telefone não tivesse tocado repentinamente. Matt levantou a cabeça, e Catherine aproveitou a ocasião para descer de seus joelhos e por distância entre eles.

— O que aconteceu? — Provocou-o, furiosa consigo mesma por deixar-se levar, enquanto tratava de recuperar o fôlego — a corretora não te satisfaz? Ou sou a novidade do momento?

Suas palavras pareceram surpreendê-lo. Inclinou ligeiramente a cabeça e a olhou fixamente aos olhos.

— Por que não pensa uns dias nisso e responde você mesma? — disse com um meio sorriso, enquanto voltava a abotoar a camisa — Será melhor pentear o cabelo — acrescentou — e um pouco de batom não cairia mal nesses bonitos lábios inchados...

Catherine sentiu vontade de lhe dar um soco. Existiria um homem mais arrogante que aquele sobre a face da terra?

— Não vou ter um caso contigo — resmungou com os olhos faiscando.

Matt arqueou as sobrancelhas.

— Um caso? — repetiu soltando uma risada seca — Por Deus! Como acha que poderíamos ter um caso neste lugar? Isto é pior que o aeroporto! Hal está sempre se metendo onde não é chamado, Annie também. Sua mãe, embora seja uma mulher adorável, é a mais curiosa que Deus colocou sobre a terra. Teríamos que nos esconder debaixo da casa e, mesmo assim, Hal faria uns quantos buracos para poder nos espiar!

Catherine estava se esforçando para não rir, mas os cantos de seus lábios insistiam em curvar-se para cima.

— Um caso... — repetiu Matt meneando a cabeça — Talvez, quem sabe — murmurou franzindo os lábios, como se estivesse considerando — se pintássemos de preto os vidros da caminhonete e trancássemos por dentro...

— Matt! — ela exclamou zangada.

— Está bem, está bem, deixa para lá. Enfim, não tem com o que se preocupar, terei outra idéia. Claro que terá que me dar um pouco mais de tempo...

Catherine atirou um guardanapo na sua cara.

— Ande, vá se arrumar um pouco — ele disse entre risadas — fiquei de encontrar, daqui a 15 minutos, com um fazendeiro de Ohio que quer ver as instalações de engorda do gado.

Catherine se virou e foi para as escadas. Matt não fazia mais que levar tudo na brincadeira, mas ela já não sabia o que pensar. O que pretendia?

Matt pareceu notar sua agitação e seu receio quando voltou, e durante o trajeto ao escritório voltou a ser o de sempre. O Matt que a tratava como um amigo, como um irmão, e Catherine estava mais relaxada quando chegaram.

— Como vai o folheto? — perguntou Matt enquanto ela se sentava em frente ao computador e o ligava — Já imprimiu um esboço?

Catherine entrou em pânico. Ainda tinha que arrumá-lo antes que visse as tolices que tinha colocado. E se pedisse que o mostrasse na tela? clareou a garganta.

— Bem, na verdade... — começou — na verdade é que ainda há algumas coisas que quero acrescentar antes de imprimir o esboço para que o veja.

— Certo — respondeu Matt — mas não demore muito: tem que estar na gráfica na segunda-feira pela manhã.

— OH, estará pronto muito antes, não se preocupe — ela respondeu com um sorriso.

Quando Matt saiu para encontrar o fazendeiro de Ohio, Catherine se apressou a alterar os dados que tinha introduzido. Isso tomou boa parte da manhã, e estava totalmente absorta acrescentando o que faltava quando Ângela apareceu colocando a cabeça pela porta entreaberta.

— Hey, Kit. Gail, Dorothy e eu vamos almoçar. Quer vir conosco?

— Céus! Já é tão tarde? — perguntou Catherine olhando seu relógio de pulso — Gostaria muito, Ângela, mas é que fiquei de encontrar minha mãe para almoçar.

— Tudo bem, não tem problema. Quer ficar com a chave para trancar a porta? Matt foi a um almoço de negócios e não voltará antes das cinco e meia.

— Não, espere, vou também. Acabarei isso depois. E apressada, Catherine tirou o disquete e desligou o computador sem gravar toda a informação que tinha alterado e acrescentado. Não se deu conta até estar almoçando com sua mãe.

— OH, não! — Exclamou de repente, levando uma mão à boca — Terei que refazer tudo!

— Refazer o que, querida? — perguntou sua mãe.

— Nada, nada... — balbuciou Catherine com um suspiro — é que outra vez fiz uma besteira, mas enfim, não é nada que não possa ser consertado.

Nesse momento o garçom trouxe os segundos pratos que tinham pedido e embora sua filha houvesse dito que não tinha acontecido nada, Betty reparou que ela estava comendo, mas com a cabeça em outro lugar.

E assim era. Não podia deixar de pensar na tal Layne. Todos aqueles anos seu coração se partia cada vez que via Matt sair de casa para ir a um encontro, mas depois de ter provado o sabor de seus beijos e suas carícias era muito pior. E se a misteriosa Layne finalmente ganhasse a partida e se casasse com ele?

— Kitty, está me ouvindo? Perguntei como vão as coisas no escritório — disse sua mãe, tirando a de seus pensamentos. De repente percebeu a expressão desolada no rosto de sua filha — Querida, o que está acontecendo? Está ausente.

— Não é nada, de verdade, mamãe — mentiu Catherine, sacudindo a cabeça — É que me esqueci de salvar umas alterações que tinha feito em um arquivo antes de sair e perdi toda uma manhã de trabalho por minha falta de atenção.

— Não se preocupe, querida, é normal acontecer essas coisas. É seu primeiro emprego — a animou sua mãe, dando uns tapinhas na sua mão.

Se isso fosse o verdadeiro problema! Catherine desejava poder contar a verdade, mas sua mãe, apesar de ser uma mulher doce e carinhosa, era incapaz de guardar um segredo. Com um suspiro, bebeu a água de sua taça. Tinha que pensar positivo e ser forte. Logo teria acabado o trabalho, e iria para Nova York, longe de Matt, onde não pudesse partir seu coração.

As outras garotas já estavam trabalhando quando Catherine voltou para o escritório. Ao vê-la, Ângela assinalou com a cabeça o escritório de Matt e pôs os olhos em branco,

advertindo-a de que ele estava de muito mau humor. Catherine tragou saliva e entrou sem fazer barulho, enquanto ele falava ao telefone com alguém, não em um tom elevado, mas visivelmente irritado.

Elevou a vista para ela, balançando a caneta para cima e para baixo entre seus dedos, e assentiu com a cabeça. — Está bem, então nos encontramos dentro de uma hora no aeroporto. Falarei com ele. Sim, de acordo. Até mais tarde. Desligou o telefone e levantou se aproximando de Catherine, que estava guardando a bolsa.

— Tenho que voar para Dallas esta tarde — disse Matt — surgiu um problema no contrato da compra dessa propriedade que comentei com você. Layne diz que o proprietário quer subir o preço.

Catherine estremeceu ao ouvir o nome.

— Achava que sua corretora fosse de Laredo — comentou, tentando parecer indiferente quando os batimentos de seu coração dispararam.

— Nasceu em Laredo, mas vive em Dallas — ele respondeu — Ah... — acrescentou em um tom estranho, olhando-a fixamente — Hal volta hoje.

— É mesmo? — ela respondeu aliviada pela mudança de assunto — Que bom. Estava sentindo falta de suas brincadeiras.

— Não quero que saia com ele por aí. Catherine franziu a testa.

— O que?

— Já me ouviu — ele respondeu muito sério.

— Mas...

Matt segurou-a pelos braços e a atraiu para si.

— Hal sempre está competindo comigo. Sempre. Se pensar que algo me interessa, faz todo o possível para tê-lo.

— Mas... mas eu não sinto nada por ele — ela balbuciou sobressaltada ante sua proximidade — Além disso — acrescentou irritada ao dar-se conta de que outra vez estava deixando que a afetasse — não é da sua conta se ele e eu...

Sua voz sumiu, porque de repente as mãos de Matt estavam acariciando-a — Está tremendo, Kit — murmurou inclinando a cabeça — E, me acredite, posso fazer com que seja ainda pior.

Sua boca pousou sobre a dela, explorando cada canto com a língua e mordiscando seu lábio inferior enquanto a atraía ainda mais para si. As mãos de Catherine se aferravam a frente de sua camisa como se estivesse se afogando, embora não soubesse como nem quando tinham chegado ali.

E então as mãos do Matt baixaram até seus quadris e colou aos seus para que pudesse sentir quão excitado estava. Catherine protestou, mas ele a reteve e ela levantou a cabeça.

Catherine estava olhando-o confusa. Estava chocada por perceber que a desejava tanto como ela a ele.

— Gostaria tanto de me deitar contigo, Kit... — sussurrou Matt — Gostaria de te despir até a cintura e por minha boca sobre seus seios.

Roçou os nódulos de uma mão sobre um mamilo e o sentiu endurecer-se, enquanto Catherine continha o fôlego.

— Matt... — gemeu extasiada ante a delicada carícia. Queria que lhe arrancasse a camisa e o sutiã e contemplasse o que nenhum outro homem tinha visto.

— Deixaria que eu fizesse, não é verdade? — murmurou Matt, passando o polegar sobre o mamilo.

Catherine mordeu o lábio para não gritar e seu corpo se estremeceu com o prazer inesperado que a inundou.

Matt estava observando seu rosto, deleitando-se com as reações que se refletiam nele com cada carícia. — OH, Kit... — suspirou — Tenho que tomar um avião e o que na realidade queria fazer agora mesmo é te por contra a parede, te beijar até te deixar sem fôlego e te fazer amor.

— Contra a... parede? — ela repetiu sobressaltada, enquanto sua mente imaginava as sensuais imagens que suas palavras implicavam.

— Vai ser minha — Matt sussurrou contra seus lábios — Lembre disso quando Hal chegar.

Soltou-a de repente e sorriu zombador ao ver que Catherine procurava o apoio do encosto de sua cadeira para não cair. Suas pernas estavam tão fracas...

— Não pode ficar em pé, Kit? — ele perguntou rindo suavemente — A verdade é que eu mesmo me sinto trêmulo.

O peito de Catherine subia e descia sem parar — Por que faz isso comigo, Matt? Por quê? — perguntou desesperada — O que quer de mim?

— Muitas coisas — ele murmurou percorrendo seu esbelto corpo com o olhar.

— Coisas que Layne não pode te dar? — perguntou zangada.

Matt franziu os lábios.

— Bem, Layne não é virgem.

As bochechas de Catherine se ruborizaram de raiva.

— Sinto por você — resmungou olhando-o com desprezo — porque eu não penso em ocupar seu lugar.

— Isso seria difícil, querida — ele respondeu sorrindo de um modo irritante — E falando de Layne... tenho que ir...já. Ela está me esperando. Embora não me sinta muito bem indo e te deixando assim. Você está muito agitada. Quer que eu te traga um brandy antes de sair ?

Catherine agarrou um livro da mesa e se preparou para lançá-lo, mas antes que pudesse fazê-lo, ele já tinha saído pela porta entre risadas.

Capítulo 6

Matt ligou para o escritório antes da hora de fechar para pedir a Ângela que dissesse a quem ligasse que estaria em Dallas durante vários dias. Quando se inteirou, Catherine sentiu seu sangue ferver. Estava certa de que ele passaria mais tempo com a misteriosa Layne do que se dedicando aos negócios. Chegou em casa irritada e justo quando estava pendurando o casaco no armário do vestíbulo, a porta se abriu atrás dela e Hal apareceu com sua mala na mão, todo sorrisos.

— Como está minha prima favorita? — saudou-a dando um abraço.

— Além de cansada, muito bem, obrigada — ela respondeu, sorrindo também. Nesse momento apareceu Betty, que os tinha ouvido entrar e veio cumprimentar ambos com a jovialidade que a caracterizava. Levou-os a sala de jantar, onde Annie já estava servindo o jantar.

— Onde está o homem de aço? — perguntou Hal.

— Em Dallas — respondeu Catherine — Na verdade disse que demorará vários dias para voltar.

— Ah... — Hal balbuciou com os olhos semicerrados, sentando-se em frente a Catherine — A formosa Layne outra vez, sem dúvida — disse com malícia, observando com curiosidade sua prima que franzia a sobrancelha — Tinha ouvido falar dela antes?

— Ângela diz que liga muito para o escritório.

— Não acredito que seja a única coisa que faz... — murmurou Hal.

— Você a conhece? — perguntou Catherine, sem resistir a pergunta.

— Está brincando? Matt é muito possessivo no que se refere a mulheres — respondeu Hal com uma risada seca — Não gosta de competição, por isso nunca me apresenta a elas.

— Bem, de qualquer jeito, acredito que nenhum dos romances dure muito... ou pelo menos foi o que me disse Ângela — comentou Catherine, brincando com as cenouras em seu prato.

— Não é o caso de Layne — replicou Matt, saboreando uma parte de seu jantar — Parece que a coisa já tem bastante tempo. Já sabe como são os corretores imobiliários... terrivelmente perseverantes. Não param até conseguir o que querem — tomou um gole de vinho — E Matt está sob seu feitiço: no dia de seu aniversário lhe mandou um ramallete de rosas enormes da floricultura mais cara da cidade. Sei por que vi a fatura. Custou uma fortuna.

Catherine notou que a ira estava crescendo em seu interior. Então não tinha se enganado... Matt só estava brincando com ela. Era a corretora de imóveis quem lhe interessava. Pois ela não serviria de substituta para quando a tal Layne não estivesse de bom humor ou estivesse ocupada!

— Ouça, Kit, gostaria de ir até Fort Worth comigo amanhã a tarde? — Perguntou Hal de repente — Quero ir a uma concessionária, para comprar outro carro.

Catherine lembrou o que Matt havia dito sobre manter-se afastada de Hal. Quem era ele para lhe dar ordens quando a tinha tratado como um brinquedo e estava com outra mulher? Iria com Hal, embora fosse só para chateá-lo. — Claro, por que não?

— Mas, querida, e o trabalho? — perguntou sua mãe.

— Não tenho um contrato. Posso tirar umas horas livres se quiser — respondeu Catherine — A que horas quer sair? — perguntou a Hal.

— Às cinco. Se quiser podemos dar umas voltas pelas lojas do centro.

— Ótimo — sorriu Catherine.

— Por que quer comprar um carro novo? — perguntou Catherine a Hal no dia seguinte, enquanto se dirigiam a Fort Worth em sua reluzente Ferrari.

— Como por quê?! — Respondeu Hal, como se ela tivesse perguntado por que queria trocar um traje roído pelas traças — Este carro já tem um ano e eu sempre viajo de primeira classe, garota.

Catherine o observou enquanto dirigia, comparando-o com Matt. Matt nunca tinha se importado de usar uma das caminhonetes do rancho. O Lincoln só era usado para assuntos de negócios e já o tinha visto pegar emprestado o Volkswagen de um amigo, e falar maravilhas dele ao seu dono. Não, Matt não tinha a cabeça nas nuvens como Hal. Era um homem com os pés na terra que não acreditava ser melhor que os outros pelo simples fato de ter dinheiro. Claro que... tinha o inconveniente de que era um conquistador.

— E que carro vai comprar? Outra Ferrari? — perguntou a Hal, para não pensar em seu irmão. — Talvez — ele respondeu sorrindo — por que não? Catherine suspirou.

— Bem, com minhas economias, certamente não poderia pagar nem a primeira prestação — ela disse.

Ainda mais depois que Matt tinha tirado seus rendimentos mensais das ações, acrescentou para si, irritada ao lembrar.

— OH, com o que eu tenho tampouco poderia — replicou Hal despreocupado — mas Matt pode comprar o que quiser.

— Matt, vai comprar o carro para você ? Catherine perguntou olhando-o boquiaberta.

Não podia acreditar que Matt fosse pagar por um capricho dessa envergadura depois da bronca que tinha dado dias atrás.

— Não exatamente — Hal respondeu com um sorriso malicioso — mas, o que os olhos não vêem, o coração não sente — entretanto, de repente seu rosto se entristeceu e franziu o cenho — Estou farto de ter que suplicar pelo que é meu — resmungou.

Catherine percebeu um profundo ressentimento em sua voz. Compreendia que se sentisse assim porque tampouco gostava que interferisse em sua vida, mas se Hal podia comprar um carro esportivo atrás do outro e dar-se ao luxo, era porque Matt se matou para fazer prosperar o rancho e a Kincaid Corporation. Parecia bastante egoísta de sua parte, e esteve a ponto de lhe dizer isso, mas nesse momento não estava precisamente contente com o comportamento de Matt, assim não o defendeu.

— Sabe? Talvez se assumisse algum posto na companhia se reconciliaria com Matt — disse brandamente — No final é o que ele quer, e já sabe o que dizem: se não pode contra eles, una-se a eles.

— Não quero trabalhar na companhia, Catherine — ele replicou irritado, pisando no acelerador para ultrapassar um veículo na estrada — Quero ser piloto de corridas. Esse sempre foi meu sonho, mas Matt nunca quis entender que não nasci para ser um executivo.

— Já tentou conversar com ele?

— Conversar? Com Matt? — ele respondeu lançando um olhar de incredulidade — Acaso, alguma vez, escuta alguém? Se não lhe agrada o assunto, dá meia volta e vai embora. Já sabe como é.

— E não pensou em se tornar independente, como quero fazer?

Hal deixou escapar uma risada amarga.

— O mundo do automobilismo esportivo não funciona assim. Necessita de um «padrinho» que o financie.

— Bem, suponho que muita gente começa de baixo, embora leve mais tempo — apontou Catherine.

— Eu não sou muita gente — Hal respondeu deixando aparente seu orgulho — E não vou a renunciar a minha herança só por não agradar Matt — grunhiu.

Fez uma curva derrapando e Catherine teve que se agarrar ao painel do carro.

— Hal, se importaria de ir mais devagar? — pediu preocupada. Justo nesse momento ouviu o barulho de uma sirene atrás deles. Catherine se virou no assento e viu um carro de polícia perseguindo-os — OH, Deus! — Exclamou — Agora sim você conseguiu!

Hal amaldiçoou entre dentes enquanto olhava pelo retrovisor.

— Genial... justamente o que me faltava... — balbuciou — Com um pouco de sorte possivelmente possa deixá-lo para trás. E antes que Catherine pudesse reagir, pisou fundo no acelerador.

— Hal, não! — gritou, mas ele não estava escutando-a.

— Se me detiverem, Matt me mandará quebrar pedra — resmungou — Não vou deixar que me alcancem. Segure-se, Kit!

Os dedos de Catherine se agarraram frenéticos ao painel enquanto Hal pegava a contramão em plena estrada e voltava a pisar no acelerador. Catherine não tinha passado tanto medo em toda sua vida. O carro devorava os quilômetros enquanto Hal ultrapassava a cada carro que estava na frente deles e fazia as curvas sobre duas rodas. Já não tinham um carro de polícia atrás deles, mas sim dois, e Catherine estava segura de que apareceria mais a qualquer momento.

Hal estava louco! O primeiro carro de polícia os seguia tão de perto que certamente já tinham identificado sua placa e com uma chamada à central saberiam seu nome e seu endereço e apareceriam na casa da fazenda para prendê-lo.

Virou a cabeça para lhe dizer isso e suplicar que parasse, e então as feições de Hal ficaram paralisadas, com os olhos arregalados, fixos na estrada.

— OH, maldição! — exclamou.

Catherine voltou o rosto a tempo de ver o que ele tinha visto: umas luzes de advertência que indicavam uma obra na estrada. Hal freou para evitá-la, e o veículo se precipitou pelo acostamento. Caíram em um barranco, uns metros mais adiante, enquanto Hal tentava frear, chocaram-se com um poste de telefone que por fim os deteve. O forte ruído de vidro partindo-se e metal amassando-se invadiu os ouvidos de Catherine, que fechou os olhos com força.

Depois de um tempo, finalmente se decidiu a abri-los, com o coração pulsando a mil por hora e a respiração ofegante. Se não fosse pelo cinto de segurança, podiam estar mortos. Hal tinha golpeado o nariz no volante e estava sangrando. Ela só se sentia o punho dolorido, sem dúvida por ter se segurado com força no painel naquela insana corrida.

— Está bem? — Hal perguntou, procurando um lenço no bolso de sua calça para colocar no nariz.

— Acho que sim — murmurou Catherine.

De repente ouviram sirenes por toda parte e o ruído de pneus freando. A porta de um carro se abriu e fechou com um golpe seco e um policial se aproximou de seu conversível.

— Teve muita sorte, rapaz — disse a Hal com o cenho franzido — Se o carro tivesse capotado ao cair no barranco, não estariam vivos para contar. Podem caminhar?

— S... sim — Hal balbuciou soltando o cinto de segurança e saindo do carro com o lenço apertado contra o nariz.

— Está bem, senhorita? — perguntou o policial a Catherine, que estava lívida.

—Acho... acho que sim — murmurou mas contraiu o rosto dolorida ao mover a mão — Mas devo ter machucado o punho.

— Fique aí sentada — disse o homem com suavidade — Chegará uma ambulância em alguns minutos e a examinarão.

Catherine assentiu e se recostou no assento, agradecida por estar viva. Enquanto isso, Hal teve que acompanhar à polícia para responder a algumas perguntas. Catherine se perguntou como achava que sairia daquela. Matt ficaria furioso quando se inteirasse; sobre tudo quando soubesse que ela estava com ele quando tinha ocorrido o acidente, desobedecendo-o.

E por que se supunha que tinha que obedecê-lo? Pensou zangada. No final ele tinha ido ao encontro de sua querida Layne, não é? Que direito tinha de lhe dizer o que tinha ou não tinha que fazer? Entretanto, ao fixar a vista na parte dianteira do carro, que havia ficado destrocada, pensou que talvez, somente talvez, tinha tido razão ao lhe dizer que devia evitar a companhia de Hal.

Levaram os dois ao hospital mais próximo e ali enfaixaram o pulso de Catherine. Por sorte era apenas uma torção, disseram, e logo se recuperaria. Hal, por outra parte, tinha alguns machucados e tinha levado um bom golpe no nariz e na mandíbula, mas estava bem. Ao menos até ter que ligar para Betty quando os levaram à delegacia de polícia, para que

pagasse a fiança e o tirasse dali. Foi detido com cinco acusações por condução perigosa e ficaria vários dias preso, a menos que alguém depositasse uma fiança em seu nome.

Para falar a verdade, Catherine sequer sentia pena dele. Enquanto os levavam a delegacia de polícia em uma viatura, continuava falando sobre seu azar e não mostrou um pingo de arrependimento pelo que tinha feito.

Sua mãe chegou uma hora mais tarde, nervosa e agitada. Teve que preencher papéis e mais papéis no balcão que havia na entrada, enquanto Catherine e Hal a esperavam sentados com caras preocupadas em um banco da área de recepção entre bêbados, ladrões de carteira e prostitutas esperando para serem fichados. Minutos depois, voltavam finalmente para casa no carro de Betty.

— Que lugar mais horrível — balbuciou sua mãe estremecendo-se enquanto se afastavam da delegacia de polícia — Como está, querida, tudo bem? — perguntou a Catherine, que ia no banco dianteiro junto a ela.

— Estou bem, não se preocupe — ela respondeu, virando a cabeça para olhar Hal, que se sentou atrás — Não posso acreditar! — Sussurrou para sua mãe — Está dormindo!

Notava-se que não lhe doía nem um pouco a consciência ...

— Deus, Matt nos matará quando souber — disse sacudindo a cabeça.

— Contente ele não está — respondeu sua mãe, contraindo o rosto — Telefonou para dizer que estava a caminho do aeroporto, um pouco antes de Hal ligar da delegacia de polícia, e não tive outro remédio que contar. Catherine se sentiu empalidecer.

— Está indo para casa?

Sua mãe voltou a contrair o rosto e assentiu com a cabeça.

— Por que Hal fez uma estupidez deste tamanho? — perguntou a sua filha.

— Temia que lhe dessem uma multa por dirigir acima do limite de velocidade permitido — respondeu Catherine.

— OH, entendi. Assim preferiu que o prendessem com cinco acusações por direção perigosa — disse sua mãe sarcástica.

— Mais ou menos.

Passavam das oito, estava começando a escurecer e a idéia de ter que enfrentar Matt estava deixando seus nervos em frangalhos. Podia imaginar perfeitamente a cara que faria.

E foi exatamente essa cara que ele estava quando chegaram em casa. Estava andando de um lado para o outro no alpendre, com um cigarro aceso na mão, esperando-os. Virou bruscamente quando ouviu o barulho do carro parando em frente à casa, e se dirigiu direto para Catherine quando desceram do veículo.

— Está bem? — perguntou, ficando parado diante dela e estudando seu rosto como se fosse um fantasma.

Catherine notou que ele não tinha se trocado, já que vestia as calças do terno e uma camisa branca. Só tinha tirado o paletó e a gravata.

— Sim, só tenho um punho torcido — respondeu, olhando de esguelha para Hal.

Matt se aproximou dele com expressão severa. — E você? — inquiriu com brutalidade.

— Sobreviverei — respondeu Hal, se fazendo de durão — Tivemos azar em topar com essa obra. E ainda por cima o carro ficou em pedaços...

— O carro?! — ofegou Matt furioso — Por sua culpa, os dois podiam estar mortos! — acusou com um olhar que poderia ter derretido uma barra de aço.

Hal não se intimidou.

— Já disse que foi azar. Se não tivesse sido por essa obra, teria conseguido despistar os policiais.

Matt estava perdendo a paciência.

— Quantas vezes tenho que te dizer que a estrada não é um maldito circuito de corridas? — gritou.

— Então, por que diabos não me deixa escolher a profissão que quero? — acusou Hal, mostrando seu gênio também — Tenho todo o direito a fazer o que quiser com minha vida!

— Poderá fazê-lo quando tiver vinte e cinco anos e receber sua parte da herança — disse Matt — Até então farei o que prometi a nossa mãe que faria. O que significa que aprenderá a administrar os negócios da família queira ou não.

— Mamãe está morta, Matt! Morta! — gritou Hal.

Matt ficou olhando-o fixamente sem dizer nada e Hal resmungou algo entre dentes antes de entrar na casa, batendo a porta. Betty foi atrás dele, mas Catherine enfrentou Matt.

— Por que não o deixa fazer o que quer? — perguntou — Ele tem razão, e você sabe, nunca será um executivo.

— Você também? — rugiu Matt — Pelo amor de Deus! Isto não é da sua conta!

Catherine o observou em silêncio.

— Para você só há uma maneira de fazer coisas e é a sua, não é? — perguntou com um olhar triste — Não se dá conta do que está fazendo com Hal?

— Estou tentando fazer um homem dele, isso é o que estou fazendo — respondeu ele, irritado, dando uma tragada no cigarro e soltando a fumaça — Apesar das interferências de galinhas chocas como você.

— Hal é meu amigo — replicou Catherine — e é seu irmão. Se não o tratasse tão duramente...

— Não me criaram entre algodões e não morri — ele resmungou com obstinação.

Catherine se deu por vencida. Era como falar com uma parede.

— Tenho que voltar para Dallas amanhã pela manhã — disse Matt de repente — Só voltei para pegar uns papéis que precisava. Estarei fora uns dois ou três dias, e quero que se mantenha afastada de Hal até que eu volte. Ficou claro? — disse com firmeza — Sem aventuras.

Catherine não tinha intenção de ir com Hal a nenhuma parte depois do ocorrido, mas lhe incomodou seu tom imperativo.

— Sou maior de idade. Posso fazer o que quiser.

— Já basta um rebelde sem causa no rancho, Kit. Não torne as coisas mais difíceis do que são — disse, aproximando-se mais dela e segurando-a pelo queixo para que o olhasse nos olhos — Quando voltar, prometo que vou te beijar até deixá-la sem fôlego. Vou te jogar em uma cama, tirar sua blusa e o sutiã e arrancarei de sua garganta esses doces gemidos que fazia outro dia enquanto te acariciava.

Os batimentos do coração de Catherine dispararam. Olhou-o aturdida, sentindo que um estranho calor a inundava. De repente, Matt puxou-a pela cintura, fez com que ela se inclinasse para trás e a beijou de um modo tão apaixonado que nesse momento Catherine não se lembrava nem de seu nome. Quando seus lábios se separaram dos dela, deixou escapar um gemido de protesto e agarrou-se a ele, rodeando seu pescoço com o braço são e ficando nas pontas dos pés para que a beijasse outra vez.

— OH, não... Esta noite não — disse Matt, rindo suavemente. Desenganchou o braço do Catherine de seu pescoço, inclinou a cabeça, e a beijou na bochecha — Vai para cama, Kit, e sonha comigo.

— Não vou sonhar contigo! — provocou a jovem, entre a ira e a frustração pelo jeito como Matt brincava com ela.

— É claro que vai — ele sussurrou jogando o cigarro no chão e pisando-o com a ponta de seu sapato — E provavelmente eu também sonharei contigo.

— Com Layne em sua cama? — ela acusou com uma gargalhada sarcástica—. Duvido! Virou sobre os calcanhares e subiu os degraus do alpendre.

— Kit...parou e se voltou para ele, vermelha como uma papoula.

— O que?

— Talvez eu seja tão vulnerável quanto você — disse Matt — Alguma vez pensou nisso?

Catherine o olhou por um longo momento, mas não disse nada e entrou na casa. Só estava brincando com ela, repetiu para si mesma irritada uma vez mais, passando o tempo, divertindo-se. Quando se cansasse dela voltaria com a corretora de imóveis, que era mais velha, sofisticada e se encaixava em seu mundo. Se tivesse o mínimo de bom senso, faria bem em esquecê-lo.

Capítulo 7

Hal se trancou em seu quarto quando Catherine entrou em casa e não desceu sequer para jantar. Matt partiu na manhã seguinte muito cedo, e quando Betty e sua filha estavam tomando o café da manhã na sala de jantar, Hal ainda não tinha se levantado.

— Este menino tem me deixado um pouco preocupada — disse à Catherine, enquanto se servia uma xícara de café.

— Está zangado com Matt, só isso — respondeu sua filha — Mas assim que isso passar aparecerá tão sorridente como se não tivesse acontecido nada. Verá. Ele é assim.

Sua mãe suspirou. — Pobre Hal. A verdade é que sinto pena por ele, porque acredito que tem razão em ter todo o direito de fazer o que quiser com sua vida. Mas até que faça vinte e cinco anos não tem outro remédio que fazer o que Matt diz. Só espero que não vá voltar a fazer das suas como quando era um adolescente, vingando-se de seu irmão cada vez que não o deixava fazer o que queria.

— Está se preocupando à toa, mamãe — disse Catherine.

— Talvez tenha razão — admitiu sua mãe, esboçando um pequeno sorriso — Bem, como vai no escritório?

— Excelente — respondeu Catherine, sorrindo amplamente — Já terminei o folheto e Ângela o revisou para assegurar-se de que estava tudo correto. Agora só falta colocar alguns anúncios nos jornais e na rádio, redigir uma carta para os compradores habituais... OH, e também pensei em organizar um churrasco para os fazendeiros da região.

— Nossa, não sabia que divulgar um leilão de gado dava tanto trabalho...

Catherine encolheu os ombros. — O importante é conseguir mostrar a Matt que sei me virar no mundo profissional — disse — O que me lembra que tenho que ligar para a agência de publicidade de Nova York. Vou perguntar a eles se esperariam outras duas semanas antes da minha contratação, porque vou levar mais ou menos esse tempo para terminar este serviço para Matt. Parece um pouco ingênuo acreditar que vão dizer que sim, mas enfim... Senão, terei que fazer com que Matt cumpra sua palavra de conseguir ele mesmo outro emprego — olhou seu relógio de pulso — Nossa, como já é tarde. Tenho que ir, mamãe — disse levantando-se — estão me esperando...

— Quem te espera? — interrompeu Hal, aparecendo nesse momento, tomado banho, vestido e com um sorriso zombador nos lábios, tal como Catherine havia dito.

— Uma longa manhã de trabalho, isso é o que me espera — ela respondeu — Vejo que se recuperou do aborrecimento.

— Na realidade não, mas não gosto de me amargar por culpa do déspota do meu irmão — ele murmurou, inclinando a cabeça e olhando a Catherine de cima a baixo, que estava muito elegante com um traje cinza claro de saia e jaqueta — Tem certeza que ninguém te espera? Está muito arrumada.

Catherine riu. — As demais garotas do escritório também se vestem assim — respondeu — Não há nenhuma regra escrita sobre isso, mas já sabe o que dizem: onde for... faça o que fazem.

— Sei. Falando das garotas do escritório, no outro dia, quando vinha do aeroporto vi Ângela passeando por uma rua do centro quando estava no táxi. Nunca tinha prestado atenção nela, mas devo reconhecer que é bonita.

Os olhos verdes de Catherine se entreabriram maliciosos — Ora, ora...

— Não tenha idéias erradas — ele cortou sobressaltado — Achei-a bonita, isso é tudo.

— Mas eu não disse nada! — riu Catherine enquanto pendurava a bolsa no ombro.

Betty se levantou nesse momento para pegar mais café e Hal olhou sua prima enquanto apanhava uma maçã da mesa.

— Matt costuma te beijar como fez ontem à noite? — perguntou muito sério, olhando-a fixamente — Sim, vi vocês dois — acrescentou assentindo com a cabeça ante a expressão de surpresa no rosto de Catherine — Voltei para dizer a Matt algo que tinha deixado de falar e então os vi. Fiquei em choque. Não está tentando te seduzir, ou está?

Catherine custou a controlar seu espanto. — Só... só estava de brincadeira.

— Sério? Não me pareceu que estivesse.

— Pois se engana, assim faça o favor de esquecer isso. E não vá preocupar minha mãe com uma bobagem dessas — advertiu, levantando o dedo — Ouviu?

— Por favor, Kit, está me ofendendo. Eu jamais faria isso — assegurou Hal. Mas um sorriso entre curioso e malicioso se desenhava em seus lábios — Não acha que faz um dia maravilhoso? — perguntou.

Nesse momento reapareceu Betty — Ainda não saiu? Vai se atrasar.

— Sim, já estava saindo — disse Catherine, com a sobrancelha franzida — Até mais tarde.

— Até mais tarde, tenha um bom dia — sua mãe se despediu com um sorriso, ignorando a conversa entre Hal e ela.

Catherine saiu de casa preocupada. Não achava nenhuma graça que Hal os visse se beijando. Era capaz de encontrar uma maneira de usar isso como arma em sua interminável guerra com Matt.

Quando chegou ao escritório decidiu que o melhor seria tentar não pensar nisso e antes de começar com o trabalho ligou para a agência de publicidade de Nova York. Para sua surpresa disseram que não tinha com que se preocupar. Porque seu posto era um novo cargo que tinha sido criado e que não tinham problema em esperar outras duas semanas. Não podia acreditar em sua boa sorte.

Agora só faltava Matt ficar satisfeito com seu trabalho e cumprir sua palavra, deixando-a ir. Entretanto, ainda tinha duas semanas pela frente, e sem dúvida Matt esgotaria todas suas possibilidades para tentar fazer com que ela ficasse em Comanche Fiats, incluindo essa atitude sedutora que tinha adotado com ela ultimamente. E era essa a que mais temia, porque não tinha como resistir. Temia sucumbir a sua sutil sedução e comprovar que só tinha sido uma desculpa para retê-la ali. Não suportaria isso, pensou mordendo o lábio inferior. E nesse momento prometeu a si mesma com mais firmeza ainda que iria fazer tão bem aquele trabalho, que Matt teria vergonha só em pensar em não cumprir sua promessa.

Durante a ausência de Matt, Hal se comportou de uma maneira inusitadamente atenciosa com ela, o que deixou Catherine bastante desconfiada.

Matt retornou no dia seguinte, à noite. E quando chegou os encontrou sentados, Hal, sua mãe e ela na sala assistindo um filme de vídeo.

— Ora, ora... — murmurou detendo-se junto a televisão, com a jaqueta pendurada no polegar sobre um ombro — que cena tão familiar. Não saiu esta noite, Hal?

— Quem precisa sair quando a vista daqui é perfeita? — respondeu seu irmão, lançando um olhar a Catherine.

A jovem, que estava observando Matt, viu como suas feições se esticavam ante aquela resposta.

Nem sequer a alegre bem-vinda de sua mãe o fez esboçar um sorriso.

— Como foi tudo, Matt? Conseguiu comprar aquela propriedade?

— Sim, consegui que o dono baixasse o preço — ele respondeu, soltando a jaqueta sobre o assento de uma cadeira, e indo sentar-se entre Catherine e Hal no amplo sofá em que estavam sentados — Bem, como vai a publicidade do meu leilão? — perguntou a Catherine, passando um braço por seus ombros de uma maneira casual.

— Bem, vai muito bem — ela murmurou, consciente do olhar de Hal sobre eles. Estava tensa e demonstrava na voz — Hoje ... hoje levei o disquete com o folheto à imprensa.

— Sem minha aprovação?

— Bem, pedi a Ângela que desse uma olhada já que você estava fora e ela me deu sua aprovação — se apressou a responder Catherine — Não queria deixá-lo para mais tarde, porque senão, não o teremos pronto a tempo de enviá-lo.

— Está bem, vá por seu casaco — disse Matt levantando-se — Iremos ao escritório um momento. Quero dar uma olhada para me assegurar de que tudo está bem antes que o imprimam.

— Certo — respondeu Catherine.

— Não se importarão que eu os acompanhe, não é? — perguntou Hal em um tom inocente, levantando-se — Gostaria de tomar um pouco de ar fresco.

Matt o olhou furioso — Volte a se sentar e assista ao filme — respondeu com aspereza. Isso é trabalho e não tem nada a ver contigo.

— OH, claro, claro — disse Hal sarcástico.

Matt franziu o cenho e Betty olhou de um para outro surpresa. Só Catherine sabia o motivo daquilo, e estava terrivelmente preocupada com o que estivesse passando pela cabeça de Hal. Mas Hal pareceu dar-se por vencido e voltou a se sentar.

— Certo, certo — disse a Matt rindo entre dentes — mas não demorem muito, quero Catherine em casa antes de meia-noite — brincou.

Mas Matt não gostou da brincadeira. Entreabriu os olhos e o olhou suspicaz.

— Está tentando me dizer algo, Hal? — perguntou.

— Quem, eu? — respondeu seu irmão, com cara de inocente — Céus, não.

Desistindo de entender o que acontecia ali, Betty meneou a cabeça e voltou o rosto para a televisão.

Catherine estava tremendo por dentro, tanto pelo comportamento de Hal, como ante o pensamento de estar a sós no escritório com o Matt.

—Vamos — resmungou Matt, vestindo o casaco.

Enquanto se dirigiam ao carro, Matt lançou um olhar de relance a Catherine.

— Hal está muito estranho — comentou, tomando sua mão e entrelaçando seus dedos com os dela.

Catherine sentiu que se derretia ante a calidez de sua mão. — Sim.

— Sabe por quê?

Sim sabia, mas tinha muita vergonha de contar que Hal tinha visto os dois se beijando.

— Não faço idéia — murmurou encolhendo os ombros — Já sabe quão imprevisível Hal pode ser.

— Muito imprevisível — ele murmurou.

Temerosa de que Hal estivesse observando-os de alguma janela da casa,

Catherine soltou sua mão e se afastou um pouco.

Aquele gesto pareceu chocar Matt, inclusive zangá-lo, porque sequer se incomodou em manter aberta a porta do Lincoln, como em outras vezes, quando chegaram a ele. E durante todo o trajeto não disse uma palavra nem a olhou. Quando chegaram ao escritório, Matt acendeu as luzes e se dirigiram a sua sala.

Uma vez ali, virou e a olhou fixamente.

— Muito bem, o que está acontecendo? — perguntou bruscamente — Por que esse comportamento frio agora?

Catherine teria dito a verdade se ela não tivesse perguntado com seu habitual tom possessivo e essa suprema arrogância. Como se atrevia? Ele tinha estado em Dallas vários dias com a corretora de imóveis, e se atrevia a lhe exigir explicações por não mostrar-se agradecida com as migalhas que lhe oferecia!

— O que esperava que fizesse? Que me jogasse em seus braços assim que chegou? — acusou olhando-o furiosa — Layne não te dá tudo o que quer? É isso? Ou está aborrecido e quer se lançar a novas conquistas?

Matt ficou ali parado, sem dizer nada, fitando seu rosto.

— Achei que estava aprendendo a confiar em mim — disse depois de um momento.

— A confiança não tem nada que ver com isto — respondeu irritada, cruzando os braços — Espera muito de mim, Matt. Sinto muito, mas não sou parte de suas propriedades.

— Uma pena — ele murmurou — porque seria a mais valiosa, até em jeans e camiseta como está vestida agora.

Catherine ruborizou. Não podia negar que ele sabia como adular uma mulher, mas tinha se proposto a não ceder a seus encantos.

— Você acha? — respondeu com uma risada despreocupada, como se não levasse a sério.

Matt sorriu, mas só levemente. Seus olhos escuros de repente pareciam apagados.

— Bem, vejamos o arquivo desse folheto. Catherine se sentou em frente ao computador e o ligou, um pouco nervosa. Aquele era o momento decisivo, o momento que ele diria se tinha possibilidades ir a Nova York.

Abriu o programa, procurou o arquivo na pasta correspondente e o abriu. Matt, que colocou-se atrás dela, tinha uma mão apoiada no encosto da cadeira e a outra na mesa, inclinou-se para frente com a vista fixa na tela, onde estavam aparecendo os dados.

Catherine ficava nervosa com sua proximidade, mas se esforçou para não exteriorizá-la. Sem chance, de repente ficou tensa ao escutá-lo respirar. Parecia pesada, como se o excitasse... Não, era impossível que uma garota singela do campo, pudesse afetar até esse ponto um homem experiente como ele.

— Isto é o que entregou à gráfica? — perguntou Matt.

Catherine girou um pouco o rosto para olhá-lo aos olhos, e estremeceu por dentro.
— Sim — respondeu em um fio de voz.

Os olhos de Matt fitaram os seu durante um instante que pareceu eterno, antes de erguer-se e lhe dar as costas.

— Está bem. Era tudo o que eu queria ver. Vamos voltar para casa — disse — Ande, deixe que eu desligo e tranco.

Mas justo quando Catherine estava levantando-se o telefone tocou. Matt franziu o cenho, mas foi atendê-lo.

— Sim? — respondeu brusco. As feições de seu rosto se endureceram de repente. Só havia uma pessoa que sabia que estavam ali. Matt murmurou algo, e ficou outra vez escutando com uma expressão cada vez mais irritada — Ah, é? — respondeu, lançando a Catherine um olhar furioso — Não diga? Pois continue esperando sentado!

Desligou o telefone com raiva e olhou para Catherine zangado. — Quem era? O que aconteceu? — ela perguntou vacilante, pois sabia qual seria a resposta.

— Era Hal — respondeu Matt — Está preocupadíssimo com você... Será melhor que voltemos para casa antes que ele tenha um ataque. O que disse a ele? Que estava tentando te seduzir? — exigiu saber em um ataque de cólera controlada.

— Matt, eu não... Eu queria te dizer...

— Esquece — ele cortou — Hal me abriu os olhos. Vamos para casa.

Catherine foi para o carro esperá-lo enquanto ele apagava as luzes e trancava a porta. Nunca havia se sentido tão mal em toda sua vida. Queria fugir dele, de seu domínio, mas mesmo assim não podia evitar amá-lo. Fosse o que fosse o que Hal disse, o tinha deixado furioso com ela. Sabia que ele só tinha feito isso para se vingar dele, mas isso não o fazia menos doloroso. Hal acabava de eliminar de uma vez as poucas esperanças que ainda guardava de que algum dia pudesse haver algo entre Matt e ela. Sentia vontade de matá-lo. Matt não voltaria a beijá-la até deixá-la sem fôlego, nem a acariciá-la, nem... mordeu o lábio inferior e virou o rosto para a janela para conter as lágrimas. Não devia chorar, tinha que ser objetiva. De qualquer jeito, Matt nunca casaria com ela; para ele só tinha sido uma diversão, alguém com quem brincar quando não podia ter a corretora de

imóveis. Fechou os olhos com força, tentando afastar aqueles pensamentos de sua mente, e momentos depois Matt entrou no carro, se sentou ao volante e ligou o motor.

— Se eu fosse você iria me preparando — disse Matt enquanto conduzia, de volta à casa — Não vai ser um caminho de rosas, asseguro-lhe isso.

Catherine se virou para ele.

— Não... não entendi.

— Não entende? — ele repetiu deixando escapar uma risada seca — Hal precisa de mão firme, querida, precisa de alguém que o ponha na linha. Na verdade não acredito que você seja a pessoa certa para isso, mas te desejo sorte.

— Mas eu não... — ela começou confusa.

— Não sou cego, sabe? — ele interrompeu-a — o modo como se opôs esta noite quando te disse que fôssemos ao escritório, a maneira em que você soltou minha mão quando íamos para o carro... Eu tinha que ter percebido quando foi a Fort Worth com ele no outro dia. Fui um idiota e não vi o que queria me dar a entender. Por que diabos não foi clara desde o começo? Por que não me disse o que sentia por ele? — exigiu saber.

— Mas, Matt, eu não...! — protestou ela. Mas uma vez mais ele a interrompeu:

— Quer parar com isso? — disse irritado — Deixa de cutucar a ferida. Se tem algo que eu detesto é ficar voltando no mesmo assunto, detesto mais ainda ser usado como um substituto.

— Eu não te usei! — ela exclamou.

— Já não importa, Catherine. Acabou — ele encerrou o assunto.

Tinham chegado à casa. Matt parou o veículo em frente ao alpendre e desligou o motor.

— Entre em casa. Entrarei depois.

Catherine sentia vontade de gritar, de chorar, de sacudi-lo e fazê-lo compreender. Era ele a quem amava, não a Hal. Jamais o tinha usado, mas ele não queria escutá-la. Doía o coração.

Fitou as duras feições de seu rosto uma última vez, com olhos tristes.

— Boa noite.

— Adeus, Kit — ele respondeu em um tom gélido.

Catherine desceu do veículo e correu para dentro de casa, para que não pudesse ver as lágrimas a ponto de rolar por suas bochechas. Topou com Hal no vestibulo.

— Já voltaram? — disse com um sorriso zombeteiro — Divertiram-se?

A mão do Catherine cruzou seu rosto.

— Maldito seja, Hal — murmurou trêmula.

Hal levou uma mão à bochecha avermelhada, olhando a de um modo estranho ao ver a ira em seu rosto e em seus olhos.

— Catherine... o que...?

— Tomara que alguém te dê algum dia uma dose de seu próprio veneno — acusou a jovem — que algum dia seja você a sofrer. Nunca pensa nas conseqüências de seus atos. Com tanto que consiga o que quer não se importa se fizer mal a alguém tão próximo. Não é mais que um malcriado!

Hal estava olhando-a com os olhos muito abertos. Catherine sempre tinha estado do seu lado, sempre o tinha defendido.

— Mas, Kit, eu... — murmurou estendendo uma mão para ela.

— Me deixe em paz! — gritou, esquivando-se e correndo escada acima.

Foi uma sorte que sua mãe não estivesse no caminho, porque não acreditava que pudesse suportar dar explicações. Quando chegou ao seu quarto, amaldiçoou Hal até que ficou sem fôlego, odiando-o pelo que tinha lhe feito. E nesse momento também odiava Matt, apesar de estar louca por ele. Odiava-o por não ter deixado sequer que ela explicasse, e por acreditar que ela seria capaz de fazer algo tão horrível como usá-lo.

Era ele quem a estava usando, e agora pretendia deixá-la de lado e ignorá-la o resto de sua vida. Pois não seria tão fácil assim! Prometeu a si mesma irritada. Mostraria lhe o que perdeu e se vingaria de Hal.

Capítulo 8

Na manhã seguinte, tal como se propôs na noite anterior, Catherine se preparou para se apresentar à batalha com Matt. Depois de tomar banho, olhou-se com determinação no espelho, e foi ao armário para escolher o que vestiria. Finalmente se decidiu por um vestido branco, pregueado que ressaltava as formas femininas de seu corpo. Talvez não fosse muito tarde para conquistar Matt e se fosse, iria virar a página. Não ia voltar a ter atitudes infantis, nem ia voltar a mostrar-se insegura. A antiga Catherine ia ficar relegada ao fundo do armário e o mundo daria as boas vindas à nova Catherine. Essa mesma manhã iria ao cabeleireiro mudar o penteado e comprar uma roupa mais sexy e adulta, mas o primeiro que faria seria dar a Hal o seu castigo.

Depois se maquiou com mais cuidado que de costume, desceu as escadas e entrou na sala de jantar, onde todos estavam tomando o café da manhã. Tempo atrás, Hal teria assobiado desavergonhadamente ao vê-la aparecer desse jeito, mas quando entrou ficou olhando-a, mas não disse nada.

— Bom dia — disse em um tom mais suave.

Estava claro que o bofetão da noite anterior o tinha deixado manso como um cordeirinho.

— Bom dia, querido — ela respondeu, olhando o de um modo sonhador e sorridente, beijando-o na bochecha. Hal franziu o cenho, mas Catherine fez como se não tivesse notado, e se virou para Matt e sua mãe — Bom dia.

Matt esboçou um sorriso zombador.

— Bom dia — respondeu — Querendo dar um castigo a alguém? — perguntou.

— A verdade é que já o fez ontem à noite — murmurou Hal, tocando a bochecha e sorrindo timidamente — Me fez recuperar a razão.

— Doeu? — perguntou Catherine, fingindo-se preocupada — Sinto muito, minha vida!

Hal ficou vermelho como um tomate e baixou os olhos para seu prato, brincando com os ovos mexidos com o garfo. Depois, lançou olhares nervosos para Matt, que estava tão impassível como sempre. Betty, por sua parte, estava observando a cena atônita, perguntando-se o que seria tudo aquilo.

— Doeu o que? — perguntou Matt em um tom estranhamente cordial, levando a xícara de café aos lábios.

— OH, nada, é que ontem à noite seduzi Hal, isso é tudo — respondeu Catherine com má intenção — Sabiam que ainda era virgem?

Matt se engasgou com o café e começou a tossir até ficar vermelho. Hal afundou o rosto entre as mãos e Betty estava olhando a sua filha com os olhos arregalados, a boca aberta e a colher de cereais no ar.

— Pobre Matt... — riu Catherine — Deve ser a idade. O café já não te cai bem. Vai ter que deixá-lo.

Matt ao fim conseguiu deixar de tossir e a olhou furioso.

— Pode-se saber o que te deu essa manhã?

— Não sei — suspirou Catherine olhando para cima — deve ser o amor — se voltou para Hal — Me diga, querido, quando quer que nos casemos?

A cara de Hal passou em questão de segundos do branco ao vermelho e depois a um tom próximo ao púrpura.

— Ca...casar ? — murmurou boquiaberto.

— Bom, não posso te deixar nessa situação depois de ter te seduzido — ela respondeu maliciosa — Case comigo, Hal.

— Não posso me casar contigo! E, pelo amor de Deus, pare de falar que me seduziu!

— O que aconteceu, amorzinho? Não me quer mais? — insistiu Catherine, que estava se divertindo demais.

— Aha! — Ele exclamou triunfante, sentando-se direito e apontando-a com o dedo — É esse seu jogo, né? Quer vingança!

— Querido, por favor, do que está falando? Que eu saiba você não me fez nada — ela murmurou suavemente fazendo beicinho — Bom, exceto se negar a casar comigo, claro.

Hal se levantou e jogou o guardanapo sobre a mesa.

— Vou indo. Chegarei tarde ao trabalho — anunciou, sorrindo ao ver a expressão atônita no rosto de seu irmão — Esta manhã liguei para um amigo e supliquei que me desse um emprego. Pode gritar o quanto quiser Matt, mas vou a trabalhar para Dan Keogh. Ele

tem uma equipe de corrida e vai me deixar trabalhar para ele como mecânico, e me disse que poderia em alguns meses me dar uma oportunidade como piloto. Assim começarei de baixo, com o salário mínimo. Matt franziu o cenho.

— Você? Trabalhando por um salário mínimo? — repetiu sem dar crédito. Hal se ergueu orgulhoso.

— Não me importa trabalhar duro desde que seja em algo que me interesse. Sempre gostei de mecânica, e sinto muito, mas não nasci para os negócios imobiliários, fez uma promessa a nossa mãe. Ela morreu faz anos, enquanto eu mal comecei a viver e quero fazer isso do meu jeito. Pode me deixar sem um centavo se quiser, não me importo — olhou para Catherine, que estava escutando-o atentamente. — Tinha razão, prima — disse em um tom suave — até agora não fui mais que um egoísta e malcriado, mas posso mudar. Bom, se precisarem de mim, estarei na oficina de Keogh. Até mais tarde a todos.

Levantou uma mão em sinal de despedida e saiu pela porta. Matt o seguiu com o olhar, ainda incrédulo.

— Que me crucifiquem! — Resmungou — Um milagre!

— Hal... trabalhando... — disse Betty que estava igualmente surpresa — OH, céus, acredito que vou chorar de emoção...

— Se acha que porque encontrou um trabalho vai se livrar de casar comigo está muito enganado — disse Catherine, retomando sua estratégia. Tinha dado uma lição ao Hal, mas ainda havia alguém que tinha muito a aprender... — O bom nome da família está em jogo.

— Kitty, querida... não está falando a sério... está ? — perguntou sua mãe, olhando-a preocupada.

Matt também estava observando-a fixamente.

— Uma dama não fala dessas coisas... — respondeu Catherine com um sorriso malicioso, levantando-se — Bom, eu também vou. Tenho que fazer um montão de coisas, como procurar um buffet para o churrasco — acrescentou, voltando-se para Matt

— Acha que poderíamos contratar o mesmo do ano passado?

— Claro. Ângela tem o número em sua agenda.

— Ótimo. Ah... e vou aproveitar a hora do almoço para comprar umas coisas que preciso, importa-se?

— Não, é claro que não, é seu tempo livre — ele respondeu olhando-a com curiosidade.

Catherine sorriu. «Sim, tente descobrir o que estou planejando... terá uma grande surpresa», pensou triunfante. Iria organizar uma campanha de perseguição e demolição, e ele seria o objetivo, mas obviamente era algo que não podia lhe dizer.

— Bem, então até mais tarde.

— Querida, não é sério que seduziu Hal, verdade? — insistiu sua mãe.

— É obvio que não — respondeu Matt por ela.

Mas tinha os olhos ligeiramente entrecerrados e a observou pensativo enquanto Catherine sorria misteriosa e saía da sala de jantar.

Catherine estava cantarolando baixo, trabalhando já em seu computador quando Matt entrou no escritório. «Calma, não se mostre nervosa», pensou, obrigando-se a continuar como se nada tivesse acontecido quando ele ficou ao seu lado.

— Quase terminei — disse com um amplo sorriso — Ângela me disse que ligaram da gráfica para saber se quer dar uma olhada nas provas antes da impressão final.

— Certo, verei isso agora — respondeu Matt. Entretanto, não se moveu, ficou ali olhando-a com as mãos nos bolsos da calça — Era uma brincadeira, quando disse que tinha se deitado com Hal, não era?

Catherine elevou o queixo e o olhou com os olhos entrecerrados.

— Não sei, o que você acha? — respondeu com voz rouca, enquanto um sorriso se desenhava lentamente em seus lábios ao ver a crescente irritação no rosto de Matt.

Ele abriu a boca, para dizer algo, mas voltou a fechá-la e segundos depois saía do escritório batendo a porta. Os cantos dos lábios de Catherine se arquearam ainda mais.

Na hora do almoço, tal e como tinha planejado, foi à cidade. Comeu um sanduíche em uma cafeteria e em seguida foi ao cabeleireiro, onde fizeram um corte que deixava seus cabelos ondulados, que a fazia parecer mais alta e dava-lhe um ar sofisticado. Depois foi a um centro comercial e sem se preocupar com os gastos extras, comprou algumas peças de roupas ousadas. Vestiu um conjunto que consistia em uma blusa branca sem mangas com decote acentuado e uma saia curta azul de gaze. Aplicou batom nos lábios, sombra e rímel nos olhos; e comprou também um par de brincos compridos de uma cor no mesmo tom da saia. Perfeito, disse a si mesma, olhando-se no espelho do provador antes de sair da loja e pagar suas compras, parecia uma modelo da capa da Vogue.

A expressão no rosto do Matt quando retornou ao escritório foi cômica. Ficou de pé na porta do escritório, olhando-a, assim como Ângela e as outras garotas, mas ele levou mais tempo para recuperar-se da surpresa.

— Então? — perguntou Catherine em um tom provocador — Gostou?

— Por Deus, não pode vir ao escritório vestida assim! — ele sussurrou, fechando a porta e tirando um cigarro do bolso da camisa.

Catherine se levantou de sua cadeira e foi até ele, envolvendo-o com o aroma de um sensual perfume que também tinha comprado na cidade.

— Fuma muito, querido — disse tirando o cigarro da sua mão.

O que não esperava, de jeito nenhum, foi a reação dele.

— Kit! — ofegou, como se lhe faltasse o ar. Seus olhos desceram até o decote da blusa, que revelava parte de seus seios brancos.

— O que foi, cowboy? — perguntou Catherine quando ele ergueu finalmente o rosto, olhando-a sem compreender aquela mudança — Ficou nervoso?

— Deixa-me mais que nervoso — grunhiu, tomando-a pela cintura e atraindo-a para si — O que significa isso?

— O que significa o que? — ela perguntou com ar inocente, deixando os lábios entreabertos e observando que os olhos do Matt se viam atraídos por eles como um ímã.

— O penteado, a roupa... — ele respondeu — Porque se for por causa de Hal te aconselho a trancar a porta esta noite ou cairá a mosca errada na sua teia, aranha tecelã.

— Seria impossível te apanhar em minha teia — ela sussurrou — Você já tem Layne, não é?

Para Matt parecia que custava cada vez mais respirar. Subiu as mãos pelos flancos da jovem, sentindo a suavidade de sua pele através da blusa fina.

—Kit...

Catherine rodeou seu pescoço com ambos os braços, jogou ligeiramente para trás a cabeça e entrecerrou os olhos, esfregando-se contra ele de um lado ao outro.

— Você gosta, Matt?

— Se eu gosto? Deus, sinto como se estivesse em chamas, Kit... mas acredito que não se dá conta de quão inflamável você é.

— Então me queime — ela pediu em um sussurro, ficando nas pontas dos pés e aproximando seus lábios para tentá-lo. Seu coração pulsava loucamente no peito e seus joelhos tremeram ao sentir os fortes músculos de Matt — Me queime, Matthew...

— OH, Deus...! — ele ofegou, tomando seus lábios sem poder resistir mais.

Pelo brilho que tinha visto em seus olhos castanhos segundos antes, Catherine havia esperado que fosse um beijo apaixonado, brusco, mas não foi. Os lábios de Matt acariciaram os seus com suavidade, meigamente, e isso fez com que seu próprio desejo aumentasse.

Conteve o fôlego, experimentando sensações desconhecidas para ela até então, e seus dedos se agarraram tremulas ao tecido da camisa jeans que ele vestia. Abriu a boca, e fechou os olhos, deixando-se arrastar pela magia que começou a surgir quando as línguas de ambos entrelaçaram-se. De repente as mãos de Matt se contraíram em torno de seus quadris, puxando-a contra os dele e Catherine voltou a colocar os braços em volta do seu pescoço.

A mão direita de Matt subiu lentamente, e seus dedos procuraram um endurecido mamilo, acariciando a auréola ao redor sem chegar a tocá-lo e Catherine emitiu um gemido afogado. Elevou os olhos para ele, com a vista nublada pelo desejo. Havia muita roupa entre eles. Queria deitar com ele, queria tocar sua pele nua, queria que ele a tocasse, que a beijasse...

— Não podemos continuar com isto... — murmurou Matt — Aqui não... Não quero que tenhamos público...

— Público? — repetiu Catherine, estava tão perdida no prazer de suas carícias que nem se lembrava de onde estavam — OH, Matt... — ofegou, arqueando-se para ele.

— É isto o que tenta me pedir que faça? — ele perguntou com voz rouca, colocando a mão dentro de sua blusa e acariciando a parte superior de um de seus seios.

—Não...mais... abaixo — ela suspirou, já que com o desejo tinha perdido toda inibição.

A respiração do Matt se tornou tão entrecortada quanto a dela.

— Aqui? — perguntou olhando-a aos olhos enquanto seu polegar roçava o endurecido mamilo.

Catherine ofegou, estremecendo e ele observou encantado sua reação. Depois, a úmida palma de sua mão se fechou lentamente sobre a circunferência inteira do seio e começou a massageá-lo brandamente. Catherine se agarrou a ele e mordeu o lábio inferior para não gritar.

Matt inclinou a cabeça e a beijou sensualmente enquanto apertava com seus dedos o macio seio em um arrebatamento de paixão. Dessa vez a jovem não pôde impedir que um gemido escapasse de sua garganta. Aquilo excitou terrivelmente Matt, cuja outra mão desceu ao vão de suas costas, atraindo seus quadris ainda mais para os dele.

Catherine suspirou, extasiada com a mensagem que o corpo de Matt estava transmitindo enquanto fazia com que empurrasse seus quadris contra os dele em um ritmo, que apesar de ser lento e suave, estava aumentando seu desejo cada vez mais. De repente o sentiu estremecer e se apertou mais contra ele, gemendo com a necessidade de algo que pusesse fim à aquela delicioso tortura.

— Não! — ele sussurrou, separando seus lábios dos dela e agarrando-a pelos braços para afastá-la. Estremeceu de novo, seu rosto estava irreconhecível pela paixão e as feições rígidas pelo desejo insatisfeito.

— Matt? O que foi? — ela murmurou confusa, com os lábios vermelhos inchados e entreabertos, tentadores e um olhar de entrega absoluta nos olhos.

Matt emitiu um grunhido e se separou dela, dando-lhe as costas e apoiando as mãos na mesa, com o corpo curvado em um tenso arco. — Me sirva um uísque, Kit, por favor — disse em um tom que refletia uma intensa dor.

Catherine vacilou um instante, aturdida e quando se dirigiu para o bar, suas pernas tremiam. Fez o que ele tinha pedido e em um impulso tomou ela mesma um gole. Sentiu uma sensação de queimação quando a bebida desceu pela garganta, mas pareceu acalmá-la um pouco.

Levou o copo a Matt, mas depois de permanecer um momento com a mão estendida, esperando que ele o pegasse, finalmente decidiu deixá-lo sobre a mesa. Matt estava ainda ofegante e Catherine começou a compreender o que lhe acontecia. Ficou vermelha como uma papoula ao recordar o que tinham feito e o efeito que causou nele.

— Sinto muito — sussurrou.

Matt se ergueu e pegou o copo de uísque, esvaziando o de um só gole. Tinha o rosto pálido e parecia dolorido. Passou quase um minuto até que por fim se virou para ela. — Fique tranqüila, não vou morrer — disse ao ver a preocupação em seus olhos — É só que quase me fez perder o controle, isso é tudo.

—Nunca tinha visto um homem reagir assim — ela murmurou baixando o olhar para o peito de Matt, que seguia subindo e descendo rapidamente.

— Nem mesmo Hal? — Matt perguntou com uma risada seca — Pobre rapaz.

— Matt, eu... eu não sinto com Hal o que sinto quando estou contigo — tentou explicar.

— OH, amor sem luxúria? Que puritano... — ele murmurou com desprezo — A partir de agora reserve para ele suas tentativas de sedução, Kit, e se afaste de mim, ok? Como pode ver, sou bastante vulnerável.

Catherine sabia muito bem que aquela era uma confissão que sem dúvida ele detestava ter feito. Olhou-o nos olhos em silêncio.

— Eu sou igualmente vulnerável — o lembrou — Não é o único que esteve a ponto de perder o controle. De fato, temo que eu já o tinha perdido — admitiu baixando a vista.

— Sei, mas como te disse em uma ocasião, tenho tantos desejos de que uma mulher me jogue o laço... como Hal parece ter — acrescentou com frieza — Além disso, sou um homem à antiga e se fizesse amor contigo, e você sendo virgem, me sentiria obrigado a casar contigo. Portanto, me faça um favor: use suas artimanhas com outro. Poupará aos dois um montão de complicações.

— Pensei que acreditasse que eu já tinha estado com Hal — disse Catherine ruborizando-se. Matt estudou seu rosto.

— Kit, sei reconhecer a experiência em uma mulher e você carece dela.

— OH, claro, é um desses peritos que de uma só olhada podem reconhecer a inocência em uma garota — ela disse com ironia.

— As mulheres com experiência controlam seus apetites com um pouco mais de facilidade — ele respondeu.

Catherine arqueou as sobrancelhas.

— Então... você também é virgem? — perguntou zombeteira — Porque faz um momento não parecia que tivesse muito controle sobre seus apetites.

Matt franziu os lábios irritado, e ela sorriu, com maior confiança em si mesma do que jamais havia sentido. Era evidente que a tal Layne não estava lhe dando tudo o que necessitava, pensou, senão, por que tinha mostrado tanto desejo uns minutos antes? Aquele pensamento lhe deu esperanças.

— Da próxima vez tomarei o cuidado de não te excitar muito — sussurrou — e agora me desculpe, mas tenho que voltar ao trabalho.

Matt suspirou e acendeu um cigarro enquanto ela se sentava de novo em frente ao seu computador.

— Sente-se melhor? — perguntou a ele depois de um momento, com um sorriso malévolo.

— Não, não muito — ele resmungou com o cenho franzido, soltando fumaça — Não posso acreditar que a garotinha adorável, a quem estava acostumado a levar ao zoológico, se converteu do dia para a noite em uma vampiresa.

— Acontece nas melhores famílias — ela respondeu divertida — Acho que isso deveria bastar para que se convencesse de que serei capaz de me virar sozinha em Nova York, mas se não for assim, no dia do churrasco demonstrarei isso.

— Como? Seduzindo Hal e a mim?

— Hal jamais me deixaria seduzi-lo — ela respondeu com um suspiro teatral — mas não sei por que, parece que você sim... — acrescentou com um olhar sedutor.

Os olhos do Matt soltaram faíscas.

— Acha isso? — perguntou sem poder reprimir um sorriso.

— Acho — ela respondeu — Por isso, fique atento, porque sou perigosa.

Os dedos de Matt brincaram com o copo de uísque vazio sobre a mesa.

— Não precisa ameaçar. Mas parece que há algo que está esquecendo.

— Ah, é? O que?

Matt se afastou de sua mesa e foi para a dela, apoiando as mãos na borda de sua mesa, inclinando-se para frente.

— Que eu também sou perigoso.

Inclinou-se um pouco mais, como se fosse beijá-la, mas quando Catherine levantou o queixo, ele ergueu-se, piscou um olho e saiu da sala.

Capítulo 9

Betty se mostrou encantada com a nova imagem de sua filha aquela noite quando chegou em casa com Matt.

— Você está maravilhosa, Kitty. Parece que amadureceu de repente — disse com um sorriso.

— É amadureci — respondeu Catherine franzindo os lábios e abaixando-se para beijar a sua mãe na bochecha.

— Não de tudo — interveio Matt, saudando Betty com a mão e dirigindo-se ao escritório.

— Matthew! — protestou Catherine, olhando-o irritada enquanto se afastava.

— Lembra-se quando foi a última vez que me chamou assim? — ele perguntou, virando-se ao chegar à porta do escritório, com uma mão no batente — porque eu lembro — acrescentou com um sorriso malicioso.

Catherine, que também se lembrava, ficou vermelha como um tomate e sua mãe arqueou as sobrancelhas sem compreender. Devia ser porque estava ficando velha, pensou. Matt já tinha entrado no escritório, desaparecendo de sua vista, quando a porta dianteira da casa se abriu de novo e Hal entrou com seu macacão de trabalho todo cheio de graxa, mas sorridente.

— Já estou em casa, família!

— Maravilha — disse Catherine maliciosa — Já conversou com o padre ou prefere tomar banho antes?

Hal ficou olhando-a.

— Ouça Catherine...

— Não diga nada, Hal, já sei que não quer que eu me sinta obrigada a fazer isto, mas jamais fujo das minhas responsabilidades. Depois do que te fiz fazer na outra noite, devolhe isso — o cortou — Enfim, vamos chamar o padre. Claro que teremos que marcar o casamento para depois do churrasco, porque senão Matt jamais nos perdoará por isso.

— Exato! — gritou Matt do escritório.

— Embora tenha que ser antes que eu vá para Nova York... — ela continuou fingendo-se pensativa.

— De Nova York já pode ir se esquecendo! — Interrompeu a voz de Matt de novo — Já há muitos publicitários em Nova York para que os que temos no Texas migrem para lá!

— Não penso em esquecer! — ela respondeu, gritando também em direção ao escritório — O objetivo de fazer este trabalho para você era precisamente demonstrar que sei como me virar sozinha!

— Pois ainda não demonstrou!

Catherine lançou um olhar furioso para a porta entreaberta do escritório.

— Fique tranquilo, logo verá! — provocou-o — E se não se importa, pare de nos interromper! Estamos tentando marcar uma data para o casamento!

— OH, claro, claro..., me perdoe! Se quiser serei sua dama de honra!

Betty começou a rir e piscou um olho para Hal, que estava ainda muito preocupado se aquilo era ou não uma brincadeira.

— Sério? Colocaria um vestido de tafetá rosa por mim, Matt? — perguntou Catherine zombadora.

— Se casar com Hal, garanto que visto!

Hal tratou sem sucesso reprimir um sorriso.

— Diabos — riu — seria capaz de renunciar a minha liberdade só para ver Matt com um vestido de tafetá rosa.

— Como me alegra te ouvir dizer isso, Hal — disse Catherine com um sorriso meloso — Bem, querido, então quando nos casamos?

— No dia do seu aniversário de cinquenta anos, dou minha palavra — respondeu ele, colocando a mão sobre o coração.

— Hal, não podemos esperar tanto! — ela exclamou, fingindo-se muito irritada — O que as pessoas pensarão?

Hal riu de novo e se aproximou para beijá-la na bochecha.

— Vamos Kit, esquece isso — disse — Garanto que aprendi a lição e estou sinceramente arrependido.

Catherine olhou o muito séria.

— Já é um pouco tarde para isso, não acha? — perguntou, cruzando os braços. O pobre Hal ficou com cara de bobo e ela começou a rir — É brincadeira! Você acha que eu iria querer me casar com um tonto como você?

Hal começou a persegui-la pela sala e justo nesse momento soou a campainha da porta. Betty foi abrir e em seguida voltava à sala com Jerry e Barrie, onde Hal tinha conseguido apanhar a sua prima e estava lhe fazendo cócegas entre risadas e pedidos para que ele parasse.

— Olá a todos — saudou Barrie com um sorriso — Esperamos não interromper, mas temos uma grande notícia para dar a todos. Hal parou de fazer cócegas em Catherine, e ela se ergueu, colocando o cabelo para trás e secando as lágrimas de riso.

— Uma notícia? — exclamou — Céus! Está esperando um...?

— Sim! — Exclamou Barrie entusiasmada, dando uns pulinhos no lugar e olhando entusiasmada para Jerry — Deus, estou tão emocionada! — disse aos outros — Há tanto tempo desejando e por fim consegui que Jerry concordasse... caramba, Catherine, que mudança de imagem. Está fantástica!

— Obrigada — respondeu Catherine — Bom, mas nos contem mais sobre essa notícia tão fabulosa! Para quando esperam?

— Amanhã mesmo — respondeu Barrie pulando de novo excitada — Não é genial?

Catherine baixou o olhar para a barriga de Barrie, completamente lisa e franziu a testa.

— Para... amanhã?

— Amanhã? — repetiu sua mãe tão atônita quanto ela.

Barrie olhou de uma para outra e pôs-se a rir ao compreender o que estavam pensando.

— OH, não, não! Não estou esperando um bebê, só pelo meu próprio rebanho!

Catherine arqueou as sobrancelhas e sacudiu a cabeça.

— Não posso acreditar — disse para Hal — vem aqui nos dizendo que tem uma grande notícia, pensamos que ia ter um bebê... e é gado!

— Barrie jamais se emocionaria assim por um bebê — suspirou Jerry comicamente, rodeando os ombros de sua mulher com o braço — Enfim, insistiu tanto que não tive mais remédio que concordar. Estava me deixando louco... assim comprei um pequeno rebanho da raça Santa Gertrudes.

— Santa Gertrudes?! — Exclamou Matt, saindo de repente do escritório como uma fera — Nem pensar! Não vou deixar que criem cabeças de gado Santa Gertrudes ao lado dos meus Herefords!

— OH, vamos, Matt, não fique assim... — Jerry tentou acalmá-lo — Temos um bom cercado. Não passarão para suas terras.

— Vi touros capazes de romper cercas de um metro e meio — respondeu Matt com os braços na cintura — E não quero que minhas cabeças de gado se misturem com outra raça. Arruinarão meu programa de criação!

— Venha, Matt, seja bonzinho — insistiu Barrie — teremos muito cuidado, prometo. Sabe que sonho com isso. Meu próprio rebanho!

— Sim, grande rebanho! — riu Jerry — Seis vacas e um touro.

Sua esposa ficou nas pontas dos pés e lhe deu um cascudo — Cale a boca, é um começo.

— Isso chama-se maus tratos conjugais — disse Jerry entre as risadas dos outros — Amanhã mesmo vou pedir o divórcio.

— Mmmm... Isso que está cheirando é guisado? — perguntou Barrie, ignorando-o por completo.

— Vocês se importam se ficarmos para jantar?

— É claro que não — riu Betty — Irei dizer a Annie que ponha mais dois lugares.

Enquanto comiam, Hal contou sobre seu primeiro dia de trabalho.

— Não podia ter sido melhor — comentou com a boca meio cheia — Disseram que no sábado irão me deixar correr uma volta no circuito.

— Isso é excelente, Hal! — exclamou Catherine com um sorriso.

— Sim, estou desejando que chegue logo o fim de semana. Matt sorriu, mas não disse nada. De fato, quase nem abriu a boca durante todo o jantar. Depois da sobremesa, Jerry e sua esposa despediram-se, Hal subiu para deitar-se porque tinha que levantar cedo no dia seguinte, assim Betty, Matt e Catherine se sentaram na sala para assistir televisão. A programação era tão chata que Betty foi buscar suas agulhas e lã e ficou tricotando, e em seguida Matt surpreendeu Catherine levantando-se e perguntando se ela gostaria de sentar um pouco no alpendre com ele.

Ela vacilou nervosa, mas assentiu com a cabeça e saiu atrás dele.

— Sente — disse Matt, dando um tapinha no assento do balanço do alpendre, ao seu lado — não vou te morder — acrescentou com um sorriso malicioso.

Catherine sentou e Matt começou a movimentar o balanço brandamente com as pernas. Só se ouvia o canto dos grilos e o longínquo barulho dos carros na estrada. Catherine apoiou a cabeça no ombro do Matt e fechou os olhos.

— Não estou certo se gosto desta mudança — murmurou Matt, segurando uma mecha de seu cabelo entre os dedos.

Catherine abriu os olhos e levantou a cabeça. — Em Nova York gostarão — respondeu.

— Continua empenhada em ir?

— Sim — ela mentiu, já que não sabia o que queria.

Matt acendeu um cigarro e deu uma longa tragada. — Não gosta de Ângela e das outras garotas?

— Gosto muito — ela respondeu — mas não posso ficar no Texas a vida toda. Matt, não sou como Barrie, não fico louca quando vejo uma vaca.

Ele ficou calado.

— Tudo isto não foi mais que uma brincadeira para você, não é? — perguntou, fixando o olhar na escuridão da noite — Seduzir Hal.

— Eu não seduzi Hal! — ela protestou — É você quem parece estar brincando com meus sentimentos. Só porque atraía às mulheres como um ímã...

— A um determinado tipo de mulheres — ele corrigiu dando outra tragada no cigarro — Além disso, como sabe que não é só uma fachada? Provavelmente não notou que levo uma vida de monge, nestes dois últimos anos.

— Sim, claro, e os elefantes voam — ela respondeu com ironia.

Matt a olhou nos olhos na tênue luz que saía pelas janelas da casa.

— Talvez só haja uma mulher que eu queira.

— Sei, sei, a experiente e sofisticada Layne, claro — ela respondeu sem poder evitar certo ressentimento ao dizê-lo.

Matt ficou calado um instante antes de voltar a falar.

— Quando era uma menina, nunca acreditei que um dia fôssemos ter uma conversa sobre minha vida sentimental.

— Talvez você se incomode em falar comigo disso, agora que sou adulta... — ela apontou maliciosa.

— Desculpe, mas você não é — ele respondeu rindo — o que sabe sobre sexo e homens poderia ser escrito na cabeça de um alfinete, e a única experiência que tem foi comigo... e é só o início, acredite — acrescentou descendo o olhar para suas bochechas, que tinham ruborizado.

— Não vou me transformar em seu brinquedo, fique sabendo! — ela acusou furiosa, afastando-se dele e ficando em pé.

— Tão nervosa... — Matt murmurou olhando-a aos olhos — tão cheia de temor... Não doerá tanto, Kit — disse em um tom tão sensual que a fez estremecer de cima a baixo — Ou talvez não doa absolutamente nada, porque eu faria com muito, muitíssimo cuidado...

Catherine estava vermelha como um tomate. — Você... você... como pode? Como se atreve? É um... — murmurou, tentando dar a resposta que merecia por sua arrogância. Entretanto, parecia incapaz de dizer algo coerente por estar tão furiosa como estava, e finalmente se virou e entrou em casa como um furacão, ouvindo as suas costas as risadas de Matt.

O trabalho de Catherine não tinha terminado ainda, e faltavam os últimos detalhes que tinha que resolver antes do leilão que eram os mais chatos: envelopar os convites e colocar os endereços em cada um à mão. Decidir onde se sentaria cada convidado no churrasco, já que o Buffet responsável colocaria mesas compridas no pátio traseiro da casa do rancho; contratar os eletricitas que se encarregariam da iluminação, pois o evento seria realizado a noite; imprimir cartões com os nomes dos convidados para colocar em seus respectivos lugares na mesa...

— Deus, deve faltar pelo menos trinta... — queixou-se Ângela na tarde de sábado, enquanto ajudava Catherine com os convites.

— Bem, pense que a pior parte, que era escrever os endereços, já foi — Catherine respondeu com um suspiro.

A porta do escritório se abriu nesse momento e Hal entrou.

— Olá. Kit. Vou a Fort Worth, porque corro essa tarde e pensei que talvez gostaria de ir comigo. Catherine sorriu, mas balançou a cabeça.

— Sinto muito, Hal, mas estou ocupada como pode ver. Tenho que enviar todos estes convites na segunda-feira logo cedo.

— Ah, que saco — ele murmurou — Justamente hoje que vou fazer minha primeira corrida, e não terá ninguém para assistir — colocou as mãos nos bolsos, e lançou um olhar curioso a Ângela, que parecia estar de repente muito concentrada em sua tarefa — Ângela, você gosta de automobilismo?

Ângela ergueu os olhos nervosa. — Na verdade nunca fui a uma corrida, mas acho... acho que deve ser muito emocionante — murmurou. Hal sorriu.

— Você gostaria de vir comigo? — perguntou em um tom suave — Depois da corrida poderíamos inclusive jantar. Conheço um lugar que você adorará.

— Bom, não sei... — ela respondeu vacilante, olhando a pilha de convites que faltavam envelopar e em seguida para Catherine.

—Vá — insistiu Catherine — eu terminarei. Você foi um anjo me ajudando, mas na verdade é meu trabalho. Além disso, é sábado, não tem por que estar no escritório fazendo horas extras.

Ângela deu um sorriso tímido para Hal.

— Bem, nesse caso, adoraria ir contigo. Acha que devo trocar de roupa?

Hal olhou o bonito vestido com motivos florais com o qual ela estava vestida e balançou a cabeça.

— Para que? Está linda assim.

E então aconteceu algo que Catherine jamais teria esperado da competente e profissional Ângela: ficou vermelha como uma papoula. Enquanto se despediam dela e os via sair do escritório falando animadamente, teve que reprimir um sorriso malicioso.

Matt também apareceu inesperadamente no escritório minutos depois, e franziu o cenho ao encontrá-la sozinha.

— Sua ajudante desertou? — perguntou.

— Saiu com Hal, para assisti-lo em sua primeira corrida — ela respondeu, enquanto colocava o último convite no monte. — Finalmente, acabei! — Exclamou espreguiçando-se na cadeira. — Deus, estou exausta...

— Vamos jantar.

Catherine o olhou vacilante. — Não sei, Matt, acho que não devemos...

— Levarei você a um restaurante à beira mar onde servem os melhores frutos do mar que já provou em sua vida.

— À beira mar? E como acha que chegaremos a essa hora em um restaurante à beira mar?

Matt sorriu. — No meu avião particular, é claro.

Duas horas mais tarde entravam em um exclusivo restaurante em frente ao mar em Galveston, uma cidade costeira do Golfo do México.

— Deveria ter ido em casa me trocar. Não estou vestida para um lugar assim — Catherine murmurou quando trouxeram o segundo prato, observando as roupas elegantes das pessoas que estavam no local.

— Para mim está perfeita — Matt respondeu, recostando-se em sua cadeira com uma taça na mão do Chablis que tinham pedido.

— OH, agora me lembrei — Catherine disse — todos os detalhes do churrasco foram acertados. Queria perguntar a você...

— Nada de falar de negócios esta noite — interrompeu Matt — Esta noite seremos simplesmente um homem e uma mulher — murmurou.

— Ah, então isto é um encontro de verdade? — Catherine perguntou.

— De verdade — ele assentiu, tomando um gole de vinho.

— Bem, e não vai me contar o que vamos fazer? Porque suponho que já tem tudo planejado.

— Não, não gosto de planejar, prefiro improvisar — ele murmurou, olhando-a longamente — O que você gostaria de fazer, Catherine?

— Acho que eu gostaria de ser como uma das mulheres sofisticadas e experientes como aquelas que vi você sair... — ela respondeu. Tinha ficado louca ou o que? Sem dúvida o vinho tinha subido à cabeça.

Matt franziu os lábios. — Como acha que terminam as noites quando saio com esse tipo de mulher?

Catherine segurou sua taça. — Tenho uma vaga idéia... mas não era isso que eu tinha em mente.

Matt passou um dedo pela borda de sua taça, franzindo de novo os lábios enquanto a olhava nos olhos.

— Bem, então poderíamos começar... dançando um pouco — sugeriu, olhando a pista, onde uns poucos casais giravam ao som de uma música lenta.

— Certo, não me parece que dançar seja muito perigoso.

Não parecia... até que Matt rodeou sua cintura com os braços, colocou os dela ao redor do seu pescoço e começaram a mover-se com a música. Catherine tinha ido a muitos bailes durante seus anos de colégio e universidade, mas jamais tinha dançado com nenhum homem a quem desejasse, e aquela era certamente uma experiência... bastante embriagadora.

O suave e enlouquecedor roçar de seus corpos faziam seus joelhos fraquejarem, e sentia como se um comichão a percorresse dos pés a cabeça.

— Não fique nervosa, Kit — Matt disse ao perceber a inquietação em seus olhos, quando ergueu o rosto para ele — Pense que é como... fazer amor com música de fundo.

— Isso é o que parece — ela suspirou inalando o fresco aroma de sua colônia e deixando-se envolver pelo calor de seu corpo.

— Sei — ele murmurou. Fez um giro, levando-a consigo e quando Catherine sentiu sua coxa roçar com a dele, estremeceu — Também gosto — sussurrou ao seu ouvido, voltando a fazê-lo.

— OH, Matt... — ela suspirou trêmula, apertando-se contra ele. Sentia um pouco de vergonha, ali no meio de tanta gente, mas não conseguia evitar, era como se precisasse estar o mais perto possível dele. Os dentes de Matt mordiscaram brandamente o lóbulo de sua orelha.

— Tenho um apartamento perto daqui — murmurou — Poderíamos ir até lá.

«Deus, me dê forças», pensou Catherine, «não devo me deixar levar, não devo me deixar levar...».

— Não posso, Matt — murmurou fechando os olhos.

— Não te faria nenhum mal — ele sussurrou junto ao seu ouvido.

As pernas de Catherine tremeram.

— Não posso... Por favor, Matt, não insista.

— Mas te desejo tanto, Kit...

— Eu também te desejo, mas não posso...

Matt riu brandamente. — Não pode? E eu que acreditava que era uma garota moderna...! Ou não sabe que terá que enfrentar isso em Nova York? Nos círculos que frequentará, o sexo é uma espécie de moeda de troca para poder subir.

Catherine se afastou um pouco dele e o olhou nos olhos, que a observavam zombadores.

— Só estava me tentando para me dar uma lição? — perguntou.

— Na verdade acho que vai precisar — ele respondeu.

— Ah, é? Então, por que não me leva para esse apartamento e me ensina a sobreviver na cidade grande? — desafiou-o.

Um meio sorriso se desenhou nos lábios do Matt. — Poderia te ensinar mais coisas do que acredita — murmurou contra seus lábios — mas depois nada voltaria a ser o mesmo. Nem entre nós, nem com a família.

Catherine sentiu que corava e ocultou o rosto em seu peito enquanto seguiam girando pela pista de dança. De nada adiantava tentar se fazer de difícil, porque a cada momento ele conseguia sobressaltá-la e deixá-la nervosa como uma adolescente. O comichão que percorria seu corpo não tinha desaparecido, e as notas do saxofone da pequena orquestra que estava tocando faziam com que nesse momento não desejasse outra coisa que se deitar em uma cama com ele e descobrir todos esses segredos que ele podia desvendar.

Uma das mãos de Matt lhe acariciou as costas, subindo e descendo lentamente pela blusa de seda e sussurrou:

— Parece que nenhum de nós dois tem muita vontade de estar aqui. Vamos voltar para a mesa. Pedimos a conta e vamos embora.

Tomaram um táxi para o aeroporto e uma vez dentro do avião particular de Matt, ele a surpreendeu levantando-a em seus braços e sentando-a em seu colo sobre uma das cómodas poltronas de couro da parte traseira do avião.

— E agora, para encerrar a noite... — murmurou.

Pôs sua boca sobre a dela, beijando-a com sensualidade, enquanto suas mãos se encarregavam de desabotoar os botões da blusa. Primeiro começou por desabotoar os dois primeiros, em seguida desceu, desabotoando outros dois, e quando só faltavam os três do meio, separou seus lábios dos dela para ver sua expressão quando desabotoasse e abrisse a blusa. Catherine olhou para suas mãos, e quando Matt por fim abriu sua blusa, deixando descoberto seus firmes seios, suas bochechas ruborizaram e o olhou cheia de desejo.

— Deus, são os mais bonitos que já vi na minha vida... — Matt murmurou em um tom reverente.

Subiu as mãos ao pescoço de Catherine, e seus dedos foram descendo pela pele branca. Ela entreabriu os lábios, com a respiração suspensa, pedindo em silêncio que ele não parasse.

— Sua pele tem a mesma textura da seda... — Matt sussurrou, seguindo o movimento de seus dedos com os olhos — exceto aqui — disse tocando os mamilos, e observando como ela se arqueava de prazer — Deus, Kit... até agora acreditei que poderia ser paciente — murmurou, como se estivesse decepcionado consigo mesmo — mas não posso resistir mais...

Engoliu uma daquelas perfeitas circunferências e a calidez e a umidade de sua boca fizeram com que Catherine ofegasse extasiada e suas mãos se agarraram ao pescoço de Matt enquanto ele sugava e explorava com a língua e os dentes.

— Matt... — suspirou toda trêmula — OH, Matt, nunca imaginei que... nunca pensei...

— Deus, Kit, é tão cheirosa, tão macia... desejo a tanto... tanto... — ele sussurrou tomando o outro seio entre seus lábios.

Quando ficou satisfeito, levantou a cabeça e voltou a beijá-la, desabotoando freneticamente sua camisa, antes de atraí-la para si, de modo que os seios de Catherine ficaram pressionados contra a massa musciosa de seu tórax.

— Se morresse agora, não me importaria — suspirou Catherine com voz rouca, esfregando-se contra ele — OH, Matt, é delicioso...

— Sei — ele disse, embalando-a para frente e para trás enquanto a beijava de novo — mas não quero que sua primeira vez seja na poltrona de um avião, Kit...

— Por que não? — ela perguntou, já que naquele momento não conseguia pensar com lucidez.

Matt a afastou um pouco para poder olhá-la nos olhos.

— Quando acontecer — disse beijando suas pálpebras com doçura, e voltando a abotoar sua blusa com um suspiro — quero que seja em uma cama, em particular, para que possamos desfrutar de um ao outro durante toda a noite.

— Mas... quando? — ela perguntou desesperada.

— Logo — ele prometeu, inclinando-se e beijando-a outra vez nos lábios — Mas agora temos que voltar para casa. E não posso pilotar contigo no meu colo — acrescentou com um sorriso malicioso. — Nos cairíamos. Anda, vamos para cabine.

Quando chegaram ao rancho, todas as luzes estavam apagadas exceto a da sala e a do alpendre e ao entrarem encontraram Hal, sozinho assistindo televisão.

— Betty foi jogar bridge com umas amigas — informou — e eu acabei de chegar depois de deixar Ângela em sua casa — acrescentou com um curioso sorriso tímido. — Divertiram-se?

— Matt me convidou para jantar frutos do mar em Galveston — respondeu Catherine.

— Ora, ora... — Hall murmurou com um sorriso.

— Hal, cale a boca ou juro que farei com que se case comigo — ela o ameaçou.

— Certo, certo, já calei... — ele riu.

— Obrigada, assim está melhor. Bem, acho que vou subir e me deitar. Preciso de um bom sono reparador — murmurou um pouco decepcionada por não terem a casa só para eles.

— Tenha doces sonhos — Hal respondeu.

— Boa noite, Catherine — disse Matt.

Catherine já estava dormindo quando umas batidas insistentes na porta a despertaram. Foi abrir e encontrou Hal no corredor.

— Matt perguntou se não se importaria de trocar de quarto com ele por esta noite. Diz que quer vigiar o gado do Barrie e que da sua janela pode ver melhor.

Catherine estava com tanto sono que sequer lhe passou pela cabeça o quão estranho era aquilo.

— Certo — murmurou bocejando e indo vestir seu robe.

Foi para o quarto de Matt, e para que a luz não ferisse seus olhos não a acendeu. Então tateou até chegar na enorme cama que quase parecia de casal. Tirou seu robe deixando no chão, deitou-se e dormiu quase imediatamente.

Mas qual não foi sua surpresa à manhã seguinte, quando abriu os olhos e encontrou Matt dormindo ao seu lado e aparentemente nu, a julgar pelo que os lençóis não tampavam. Sentou-se, sentindo a cabeça enjoada pelas taças a mais que tinha tomado na noite anterior, e justo quando o tocou no ombro para despertá-lo, a porta se abriu e apareceu sua mãe, com uma expressão de absoluto desconcerto no rosto.

Capítulo 10

Betty ficou um bom momento ali plantada, como se fosse uma estátua. Depois se inclinou para frente, piscando. Franziu a testa, sacudiu a cabeça e voltou para sair, deixando a porta aberta.

— Matt, acorda! — gritou Catherine sacudindo-o.

Ele abriu os olhos devagar e a olhou desorientado. — O que está fazendo aqui? — perguntou Catherine. Matt piscou e esfregou os olhos.

— Que o que...? Que eu saiba este é o meu quarto — murmurou erguendo-se, descobrindo certas partes de seu corpo que antes tinham estado cobertas pelos lençóis. — O que você está fazendo aqui? Perguntou olhando-a atentamente.

— Quer fazer o favor de se cobrir? — ela exclamou, desviando o olhar, vermelha como um tomate.

Matt riu, mas puxou os lençóis para cobrir sua nudez. Lá fora, no corredor, ouviam-se vozes. Matt arqueou as sobrancelhas ao ver Betty aparecer com Hal.

— Viu? — disse Betty, apontando-os com a palma da mão aberta — Eu te disse.

— Mamãe! — Catherine protestou vermelha como um tomate — Isto não é um espetáculo!

— Não sei Betty, talvez seja uma ilusão de óptica — Hal murmurou coçando o queixo — É que ontem à noite bebi e...

— Não diga bobagens, Hal! — acusou Betty dando um tapa no seu braço — Eu não provei nem uma gota de álcool e sei o que tenho diante dos meus olhos. Vou chamar Jerry e Barrie agora mesmo para que vejam isto...

— Mamãe! — Catherine protestou de novo, mas Betty já tinha saído do quarto, seguida de Hal.

— Pode-se saber o que está acontecendo aqui? — Matt exigiu saber, voltando-se para Catherine — O que faz em meu quarto?

— Mas Hal me disse ontem à noite que você queria trocar de quarto comigo! — exclamou ela — para poder vigiar o gado de Barrie e... — então, agora que estava acordada, deu-se conta do quão absurdo soava aquilo — Era mentira! — exclamou.

— Duvido que sua mãe acredite nisso — disse Matt.

— Mas é a verdade. Ontem à noite quando ele veio a meu quarto, eu estava meio dormindo e sequer parei para pensar no que estava dizendo.

— Sempre dorme com camisolas como essa, Kit? — Matt murmurou percorrendo com o olhar a camisola azul meio transparente que ela vestia.

— Matt! Não é hora para isso! — ela disse irritada, agarrando seu robe e cobrindo-se com ele.

— Covarde...

Nesse momento voltaram a ouvir vozes que se aproximavam, e a porta foi aberta aparecendo novamente Hal e Betty, acompanhados de Jerry e Barrie que ficaram olhando-os estupefatos.

— Aí os têm! — Disse a mãe do Catherine — Podem acreditar?

— Mamãe, por favor! Quem mais pensa trazer? — sua filha se queixou, vermelha como um tomate — Só falta cobrar entrada... isto parece mais um circo que uma casa.

— Jovenzinha, não fale comigo nesse tom — disse sua mãe balançando o dedo indicador — Para você parece normal que esta manhã vá a seu quarto, veja que está vazio, percorra-me metade da casa preocupadíssima te procurando e quando venho dizer a Matt que desapareceu, encontro você enfiada em sua cama?

Jerry e Barrie começaram a rir.

— É... é todo culpa do Hal! — Catherine exclamou sobressaltada, apontando-o — Ontem à noite me disse que Matt queria trocar de quarto para poder vigiar às cabeças de gado de Barrie.

— Agora isso! — Hal exclamou soltando uma gargalhada de fingida incredulidade — Que absurdo!

— Catherine, sabe que eu não gosto de mentiras — repreendeu sua mãe.

— Muito bem dito, Betty, porque essa é uma mentira deslavada — interveio Hal, fazendo-se de ofendido. E o pior é que parecia muito convincente — Se essa for a única desculpa que te ocorreu, francamente é muito ruim. Sério, somos pessoas adultas, se queria dormir com Matt não precisava planejar tudo isto...

Catherine o olhou boquiaberta. — Seu mentiroso! Claro que o fez! Veio ao meu quarto, me acordou e...

— Por favor, Catherine, deixe de fingir, não combina contigo. Além disso, está muito claro: queria dormir com ele e agora teve que inventar toda essa absurda história, me colocando no olho do furacão, porque, claro, como Hal é a ovelha negra da família, vamos jogar a culpa no Hal...

Betty, e aquela foi a reação que Catherine menos esperava de sua mãe, se pôs a rir até as lágrimas.

— Acredito que será melhor descermos para tomar o café da manhã — disse Jerry, logo que conseguiu conter a risada, pegando Betty pelo braço — e que os pombinhos desçam quando tiverem fome — acrescentou puxando-a pelo corredor, seguido de Barrie.

— E tranqüilos — disse Hal piscando um olho — Não tenham nenhuma pressa.

Catherine lhe atirou um travesseiro, mas quando atingiu o batente da porta, Hal já tinha ido.

— Esse maldito mentiroso! — Catherine resmungou, afastando irritada o cabelo do rosto — Como se atreve? Arruinou minha reputação!

Matt deixou escapar um suspiro. — Bem, Kit, pode dizer adeus a Nova York.

— O que disse? — ela replicou, virando-se para olhá-lo — Justamente agora é que não tenho mais remédio que ir... e quanto antes melhor. Só de pensar que minha mãe conte para Annie, a suas amigas, aos vizinhos, e...

Matt pôs um dedo nos seus lábios e balançou a cabeça. — Não, agora é o melhor momento para anunciar nosso noivado — disse rindo suavemente — antes que o rumor se estenda pelo sul do Oklahoma e norte do Texas.

O coração de Catherine quase parou. — Noivado? — repetiu — Está... está brincando comigo, Matt?

— Eu jamais faria isso — ele respondeu inclinando a cabeça e roçando os lábios dela com os seus — Você me deseja, Kit, e eu te desejo. O resto virá com o tempo. Casaremos, teremos filhos e criaremos gado.

Os batimentos do coração da jovem estavam disparados.

— Mas...

Matt a silenciou com um beijo apaixonado e antes que ela pudesse reagir pousou as duas mãos em sua cintura e a atraiu para si, apertando-a contra seu corpo nu.

Catherine conteve o fôlego e seus olhos se arregalarm ao sentir cada parte de sua anatomia através da camisola muito fina.

— Matt... não está vestindo nada... — murmurou sobressaltada.

Ele a olhou divertido. — Bem, poderíamos nos desfazer de sua camisola, assim estaríamos quites — sussurrou. — Poderíamos acariciar cada centímetro da pele um do outro.

Os lábios dela tremeram. — Não... Não podemos... não devemos...

— Vamos, Kit, deseja tanto quanto eu — Matt murmurou, beijando-a suavemente nos lábios — Não é verdade?

De repente, as fortes mãos de Matt estavam percorrendo suas costas, os quadris, a parte superior das coxas... Catherine estremeceu e ele sorriu contra seus lábios, atraindo seus quadris para os dele em um ritmo lento e tortuoso, permitindo a ela sentir até que ponto a desejava.

— OH... Matt... — suspirou quando o prazer se tornou quase insuportável. Subiu as mãos ao tórax masculino apertando as palmas contra os duros músculos e enredando os dedos no pelos encaracolados.

— Não pare por aí — ele sussurrou — me acaricie, Kit, explore meu corpo como eu estou explorando o seu.

Catherine começou a protestar, mas Matt guiou suas mãos, observando seu rosto enquanto descobria os segredos mais íntimos de seu corpo. Os olhos dela voltaram a arregalar-se ao apalpá-lo, mas não afastou as mãos.

Matt sorriu ao ver seu assombro e sua fascinação, e riu brandamente, apesar de estar estremecendo com o prazer que lhe produziam suas ingênuas carícias.

— Case comigo, Kit — sussurrou — e deixarei que faça amor comigo.

— Pare de brincar comigo — ela disse rindo.

— Você não gostaria que eu fosse seu para sempre? — Matt sussurrou, beijando-a sensualmente — dormir a cada noite ao meu lado e ao amanhecer nos surpreendessemos abraçados?

— Mas, é que... — ela insistiu.

— Diga sim, Kit — Matt murmurou.

— Não... Não posso... — obrigou-se a responder, apesar de não haver outra coisa que quisesse mais no mundo — Preciso de tempo.

— De acordo, tem cinco segundos.

— Matt!

— Case comigo — ele insistiu, pressonando seu rosto contra o dela.

O tom de sua voz era tão suave e sedutora que as pernas de Catherine tremeram como se tivessem se convertido em gelatina. Se aceitasse, estaria arriscando seu coração sabendo que ele não a amava, que só a desejava, mas a idéia de deixar passar a oportunidade sem saber o que teria acontecido, seria muito pior. Talvez, com o tempo aprendesse a amá-la, talvez...

— Aceito — murmurou.

Um amplo sorriso se desenhcou nos lábios de Matt.

— Prometo que cuidarei muito bem de você e a farei muito feliz — sussurrou.

Havia um olhar solene em seus olhos e parecia que falava a sério. O coração de Catherine disparou e rezou para que aquilo funcionasse.

— Bom, então amanhã logo cedo iremos comprar as alianças. Ah, e logicamente um anel de noivado — disse tomando sua mão e beijando seus dedos.

— Mas amanhã tenho que enviar os convites e levar os anúncios aos jornais... —ela disse, nervosa pela rapidez com que as coisas estavam acontecendo.

— Faremos isso antes de ir à joalheria — respondeu Matt — E agora, pequena vampiresa, deixe de se preocupar e me faça o favor de sair do meu quarto antes que eu comece a beber outra vez.

Catherine se levantou e o olhou sem entender.

— Outra vez? — perguntou.

Matt esboçou um meio sorriso.

— Hal me embebedou ontem à noite, assim quando cheguei ao quarto e me deitei na cama, sequer me dei conta de que estava ocupada. Como vê, brincou com os dois.

— Por que acha que ele fez isso? — ela perguntou com curiosidade — Para vingar-se?

Matt a olhou aos olhos um instante antes de responder.

— Não, acredito que estava tentando nos compensar.

— Compensar? Por que?

— Não se preocupe com isso agora. Lá embaixo nos espera um “pelotão de fuzilamento”... — Matt murmurou — E será melhor vestir algo menos sexy que isso, ou não serei capaz de articular uma palavra em nossa defesa — acrescentou piscando um olho.

Catherine desceu o olhar para sua camisola, e sorriu para ele com acanhamento e saiu do quarto.

Quando Catherine saiu do seu quarto, já vestida, encontrou com Matt que estava esperando-a no corredor. Até vestido de maneira informal como estava nesse momento, com uma camiseta pólo e jeans, Catherine sentia um friozinho no estômago e mais possessiva que nunca. Sabia que seria uma boba se acreditasse que ele queria casar com ela de verdade, quando sabia que só o faria porque suas convicções morais o impediam de satisfazer seu desejo sendo ela virgem, mas, o que aconteceria quando se cansasse dela?

— O que foi, Kit? — Matt perguntou — por que ficou tão séria de repente?

— Não é nada — ela mentiu ela forçando um sorriso — só estava pensando.

Matt se inclinou e a beijou suavemente nos lábios.

— Pois não pense. Deixe que as coisas fluam.

Rodeou-lhe os ombros com o braço e desceram juntos as escadas. Quando entraram na sala de jantar, todos os olhos se voltaram para eles.

— Então? — Provocou Betty, cruzando os braços e olhando a ambos com severidade — Estou esperando uma explicação.

— Bom, a verdade é que... nós... — Catherine balbuciou.

Matt, ao vê-la titubear, interveio:

— Na realidade íamos contar dentro de alguns dias, mas enfim, diante de tudo...lá vai: Catherine e eu estamos noivos.

Aquele anúncio foi recebido com grande entusiasmo por toda a família, principalmente por Betty e Barrie, que não faziam mais que dar gritinhos histéricos de alegria e afogar em beijos e abraços Matt e Catherine.

— Hal, traga as taças e uma garrafa de champanhe! — disse Betty.

— Às suas ordens — respondeu Hal rindo e saindo da sala de jantar.

— Eu sabia, eu sabia... — Betty murmurou abraçando outra vez sua filha — Ultimamente vocês me davam a impressão de que olhavam um ao outro de um jeito especial e estava segura de que cedo ou tarde nos dariam a notícia.

Catherine olhou para sua mãe preocupada.

— Então... não está mais zangada?

— É claro que não, querida! — Disse sua mãe, dando uns tapinhas afetuosos na mão enquanto a conduzia à mesa — Estão comprometidos e estas coisas... passam — acrescentou encolhendo os ombros e sorrindo.

Catherine piscou. Quando sua mãe tinha se tornado tão liberal? Em qualquer caso, era óbvio que Hal não tinha confessado a verdade e não tinha intenção de fazê-lo. Suspirou e se virou para receber as felicitação de Jerry enquanto Hal entrava com uma bandeja com as taças e o champanhe.

Capítulo 11

Na manhã da segunda-feira, tal como tinham combinado, Matt a levou a uma exclusiva joalheria em Fort Worth para comprar as alianças e seu anel de noivado. Para o noivado, Kit se encantou por um anel de prata com uma safira, e para o casamento compraram duas alianças de ouro lisas. Quando saíram da loja, Catherine olhou o anel de noivado em seu dedo e suspirou sonhadora.

— Bem, agora é oficial — Matt disse com um sorriso enquanto entravam no carro para voltar ao rancho — Fico aliviado em saber que sua mãe não me dará mais olhares reprovadores, como ontem pela manhã, quando nos encontrou juntos na cama. Pensei que fosse me matar...

— Tudo isto é culpa de Hal — Catherine disse colocando o cinto de segurança — se tivesse dito a verdade, agora...

— Não importa — replicou Matt, sorrindo de novo — dentro de uns anos lembraremos disso e riremos. Ainda não perguntei a você quando gostaria que nos casássemos. Pessoalmente, gostaria que fosse um noivado curto.

— A única coisa que quer é me levar para cama — ela protestou chateada, afastando o rosto.

Matt virou a cabeça para ela e se Catherine tivesse visto seu rosto nesse momento, teria lido uma profunda tristeza em seus olhos.

— É isso o que pensa de mim?

— Acaso me deu motivo para pensar de outra maneira? — ela acusou.

Matt suspirou e colocou o carro em movimento.

— Não, acho que não — murmurou em um tom ausente — Talvez tenha que trocar de tática outra vez.

Catherine não compreendeu ao que se referia com isso de trocar de tática, mas não perguntou. Em lugar disso, fixou a vista no amplo horizonte, e se perguntou mais uma vez se não estaria cometendo o maior erro de sua vida.

Como se não bastasse as dúvidas que Catherine tinha, o comportamento de Matt nos dias seguintes não contribuiu muito para tranquilizá-la. De repente, Matt estava mostrando-se outra vez como o amigo que tinha sido durante sua infância e adolescência, e os beijos apaixonados e as carícias ardentes sumiram. Já não ia além de um candido beijo na bochecha para lhe dar bom dia ou boa noite, e só a tocava para segurar sua mão quando caminhavam. Aquilo a deixava verdadeiramente preocupada, porque se nem sequer a desejava mais... por que ia se casar com ela?

Porque tinha comunicado à família? Para retê-la no rancho? Iria ficar louca. Entretanto, por sorte tinha outra preocupação que impedia que ficasse pensando naquilo todo o tempo: o leilão do gado. Nessa mesma semana os anúncios já tinham saído nos jornais. Angela tinha recebido a confirmação da presença de praticamente todos os fazendeiros a quem convidaram e o serviço de buffet estava contratado. Só restava cruzar os dedos e torcer para que tudo saísse bem. Na sexta-feira a tarde tudo estava já preparado e Catherine torcia as mãos nervosa, lançando olhadas em direção a Matt enquanto os primeiros compradores iam chegando.

— Pare de se preocupar — disse Matt aproximando-se dela em um dado momento dado — ficará com os cabelos brancos — murmurou acariciando uma mecha — Tudo está saindo as mil maravilhas. Fez um trabalho magnífico.

Catherine o olhou nos olhos.

— Acha mesmo?

— Claro que sim — ele respondeu acariciando sua bochecha — Quando isto terminar, você e eu passaremos mais tempo juntos. Temos planos a fazer.

Catherine suspirou.

— Certamente, estes últimos dias foram muito atribulados — assentiu.

— Sei — ele murmurou depositando um suave beijo em seu rosto — Quer assistir ao leilão?

Catherine sacudiu a cabeça.

— Melhor me contar depois como foi. Ficarei muito nervosa se for. Além disso, ainda tenho muito o que fazer por aqui.

— Certo, mas guarde um pouco de comida — ele disse com uma piscada. — Estes fazendeiros comem como dragas — acrescentou rindo — Até mais tarde, linda.

Matt se afastou e Catherine voltou para a área onde estavam as mesas, para se assegurar de que não faltasse comida nem bebida a nenhum convidado.

O leilão durou até o anoitecer e Catherine se sentiu mais que satisfeita com o resultado: Matt tinha conseguido vender todas suas cabeças de gado exceto uma. A pequena orquestra que tinham contratado estava tocando algumas melodias conhecidas e alguns dos homens que tinham ido acompanhados de suas esposas giravam ao compasso da música.

Matt largou o copo de uísque com o qual estava brindando com seu capataz para celebrar o sucesso das vendas e foi até Catherine, que estava sentada em uma das longas mesas.

— Vamos dançar?

Tinha tirado o paletó e com os primeiros botões da camisa branca desabotoados parecia um galã de cinema. Catherine assentiu com um sorriso e segundos depois estava em seus braços, deleitando-se no calor de seu corpo tão perto do dele.

Rodeou-lhe a cintura com as mãos, e as subiu por suas costas até chegar as omoplatas.

— Sabe por onde anda o resto da família? — Matt perguntou — Faz algum tempo que não os vejo.

— Barrie estava por perto momentos atrás com Jerry e mamãe deve ter ido até a cozinha, bancou a anfitriã enquanto eu jantava. E Hal foi a levar Angela em casa.

— Parece que esses dois estão se entendendo, não é? — Matt murmurou com um sorriso malicioso.

— Sim, parece que sim — Catherine riu apoiando a cabeça em seu peito.

Ficaram um momento em silêncio, movendo-se com a música, antes que Matt voltasse a falar:

— Kit, escuta... — disse em um tom calmo — A orquestra logo encerrará, e eu já me despedi de todas as pessoas de quem deveria. Assim, talvez... — murmurou enredando um dedo em uma de suas mechas castanhas — talvez poderíamos encontrar um lugar tranqüilo onde poderíamos ficar sozinhos, sós nós dois, namorar um pouco...

Um comichão percorreu as costas de Catherine.

— OH, sim, sim, Matt... — suspirou ofegante.

De repente, entretanto, Catherine o sentiu tenso.

— Achei que você se incomodava que eu só pensasse nesse tipo de coisas... — disse sério, erguendo a cabeça e olhando-a com os olhos entrecerrados.

Catherine se ruborizou.

— Bem, mas é que... estamos comprometidos — murmurou baixando o olhar — E faz dias que não me beija nem me toca.

E então, sem prévio aviso, Matt a puxou pela mão, levou-a para a casa, e não parou até chegar ao escritório. Deixou-a de pé, junto à janela entreaberta, por onde penetrava a música da orquestra, e, sem acender a luz, foi fechar a porta. —Matt, o que está fazendo? — balbuciou Catherine quando viu que avançava para ela desabotoando e tirando a camisa.

— Defendendo a dominação masculina — disse Matt, agarrando-a pelos braços e atraindo-a para si.

E, antes de que pudesse dar-se conta do que estava ocorrendo, tinha baixado a parte de cima do vestido até a cintura e a apertava contra seu tórax nu.

— Matt! —murmurou.

—OH, Deus, é maravilhoso... — ele ofegou movendo a de um lado ao outro, de modo que seus erguidos seios se esfregassem contra a espessa cobertura de pelo — Fique nas pontas dos pés, Kit.

Catherine colocou os braços ao redor de seu pescoço vacilante, e fez o que ele dizia, com o corpo pulsando de excitação.

— E agora — Matt sussurrou no seu ouvido — vamos dançar.

Entretanto, quando começaram a girar, ao ritmo da romântica melodia que a orquestra estava tocando nesse momento, parecia que estavam fazendo amor. Catherine se agarrou ao seu pescoço, extasiada com a eletrizante sensação de seus corpos tocando-se, enquanto as fortes mãos de Matt acariciavam suas costas nuas.

— Adoro te tocar, Kit — sussurrou em seu ouvido — e adoro como vibra todo meu corpo ao estar tão perto do seu.

— E eu nunca imaginei que pudesse me sentir assim... — ela confessou, depositando suaves beijos no ombro e nos pescoço de Matt.

— Me beije aqui, querida — ele sussurrou, movendo-se um pouco para que um de seus mamilos ficasse frente ao rosto dela.

Catherine o olhou, como que perguntando se tinha entendido bem.

— Sim, os homens também gostam disso — ele respondeu sorrindo.

Catherine baixou a cabeça e tratou de repetir o que tinha feito a ela com os lábios, a língua e os dentes. Matt ficou tenso e agarrou sua cabeça entre as mãos, atraindo-a mais para seu peito. Então, Catherine abriu a boca, cobrindo-o, e um grunhido escapou da garganta de Matt enquanto estremecia de cima a baixo.

— Matt... — ela suspirou, deslizando as mãos pelo outro lado de seu tórax e repetindo o processo.

Seus lábios o exploraram do pescoço até os músculos do estômago, e quando mordiscou-lhe suavemente abaixo do umbigo, Matt voltou a estremecer.

— OH, Matt, não poderíamos nos deitar? — ela suplicou, olhando-o ansiosa.

— Se nos deitarmos, Kit, acabarei te possuindo — ele disse com a voz entrecortada pelo desejo — Não percebe o que está me acontecendo?

Catherine percebia perfeitamente, e estava simplesmente encantada de saber que era capaz de excitá-lo dessa maneira.

— Mas você me deseja e eu te desejo, Matt... — disse com voz rouca.

— Sim, mas não deve ser assim — ele murmurou, segurando-a pela cintura e afastando-a suavemente, deleitando-se com sua nudez — Deus... é tão linda... — sussurrou. Tocou as endurecidas pontas de seus seios de uma maneira reverente, e deslizou os polegares sobre eles até fazê-la gemer — Tem seios tão macios, tão suaves, tão perfeitos...

Abaixou a cabeça e tomou alternativamente ambos na boca, saboreando-os em um silêncio só quebrado pelos suspiros e ofegos de Catherine.

— Por favor... — pediu em um sussurro, fechando os olhos, disposta a entregar-se a ele e dar o que lhe pedisse — Por favor, Matt, me faça sua...

O autocontrole de Matt cedeu ante semelhantes palavras, e a ergueu com os braços trêmulos e os olhos escurecidos pela paixão.

— Esta primeira vez não será perfeita — ele disse ofegante — e talvez doa um pouco.

— Não me importo — ela gemeu, esticando o pescoço para beijá-lo nos lábios — Quero que cheguemos até o final, quero ser sua.

— OH, Kit... — ele suspirou beijando-a também — Eu também a quero. Quero te mostrar como se unem o corpo de um homem e uma mulher, como se encaixam, como se fossem duas peças de um mesmo quebra-cabeças. Quero experimentar essa intimidade contigo como jamais quis com outra mulher... — murmurou contra seus lábios — Deus, e faz tanto tempo que não faço...

Beijou-a apaixonadamente enquanto se dirigia ao sofá, e suas últimas palavras ecoaram na mente de Catherine. Tinha dito que fazia muito tempo que não fazia? Mas, então... e Layne? E os rumores que haviam sobre eles? Entretanto, os lábios de Matt logo fizeram com que deixasse de lado todas essas dúvidas. Mas, fora, no corredor, uma voz chamou Matt, que a tinha deitado no sofá e estava se colocando sobre ela. Ficou quieto escutando a voz, que continuava chamando-o e franziu o cenho.

— Jerry — resmungou — Tem o dom da oportunidade...

Os dedos do Catherine tocaram seu rosto.

— Não responda, Matt — sussurrou com voz rouca. Desejava-o de tal modo que parecia que iria morrer.

— Tenho que responder ou entrará e nos encontrará assim — ele murmurou — Esqueci de trancar a porta.

Amaldiçoou baixo, mas levantou a cabeça.

— O que aconteceu, Jerry? O que quer? Houve uma pausa.

— O senhor Murdock quer confirmar algo contigo.

Matt amaldiçoou para si mesmo o senhor Murdock. Mas se levantou e foi vestir a camisa.

— Diga que estou indo — gritou para Jerry, enquanto abotoava a camisa.

Catherine se sentou no sofá, ainda um pouco tonta e também bastante decepcionada. Matt se ajoelhou junto a ela e voltou a subir a parte de cima do vestido, atando na nuca as duas tiras que o seguravam.

— Sinto muito, eu desejava tanto quanto você — ele disse — mas no fundo me alegro que Jerry tenha nos interrompido. Se não tivesse sido assim, teria faltado aos meus princípios, e me sentiria muito mal com sua mãe. Como te disse, ela confia em mim. Sua mãe, pensou Catherine, isso era a única coisa que o preocupava, o verdadeiro motivo pelo qual ia se casar com ela, só para poder satisfazer sua luxúria com a consciência tranqüila.

— Não podemos seguir com estes interlúdios — disse Matt — Cada vez será mais difícil me controlar e haverá um dia que não poderei fazê-lo — acrescentou muito sério — Por isso temos que nos casar o quanto antes. Catherine contraiu o rosto, magoada.

— E o que me diz de Layne? — provocou-o.

— Matt! — Jerry voltou a chamá-lo do corredor. Matt suspirou irritado e se levantou.

— Já vou, Jerry, já vou! — ele gritou virando a cabeça para a porta — Me dê um minuto! — voltou-se para Catherine novamente — Falaremos disso mais tarde — disse inclinado-se para beijá-la — Me espere acordada.

Falar? O que teria para falar? pensou irritada. O que pensava em lhe dizer?

«Entenda, estou há muito tempo com Layne, não posso deixá-la, mas é com você que irei me casar».

— Escuta, Matt, acho que não ... — começou.

— Sei, não é uma boa idéia — ele murmurou esboçando um meio sorriso, acreditando que ela temia que voltasse a repetir que tinha estado a ponto de acontecer — Tem razão, melhor evitar a tentação. Bom, então conversaremos amanhã.

Ela assentiu com a cabeça, mas não o olhou.

— Boa noite, Kit.

— Boa noite.

Catherine o viu sair e se sentiu arrasada. O que tinha feito? Como podia ter aceito casar com ele? Emocionalmente esgotada, subiu para dormir sem sequer dizer boa noite a sua mãe.

Capítulo 12

A brilhante luz do sol entrava abundantemente pela janela da sala de jantar quando Catherine desceu na manhã seguinte, mas não havia ninguém ali. Sua mãe ainda dormia, Annie tinha deixado um bilhete avisando que tinha saído para comprar umas coisas, Hal e Matt tinham ido trabalhar. Estranhou que Matt não a tivesse esperado, principalmente depois de ter dito na noite anterior que conversariam pela manhã. A noite anterior... Suas bochechas ardiam só de pensar na noite anterior. E o pior era que ela tinha perdido

completamente o juízo e quase tinham chegado ao final. Como se sentiria nesse momento se isso tivesse ocorrido? E Matt? Como podia estar disposto a se casar com ela só para satisfazer seu desejo? Quanto mais pensava nisso, mais se preocupava. Comeu sem muito entusiasmo o café da manhã que Annie tinha preparado e a seguir ficou vagando pelo andar terreo da casa, detestando sua inatividade. Acostumara-se à rotina de ir à escritório toda manhã, mas como o leilão já tinha acontecido, não tinha nada para fazer ali.

Suspirou profundamente. Se tinha feito aquele trabalho para Matt tinha sido exatamente para demonstrar que era capaz de se virar por conta própria e ele tinha prometido que a deixaria ir para Nova York se ficasse satisfeito. O que tinha acontecido com as suas expectativas profissionais? Estava cometendo o pior engano de sua vida, casando-se com Matt? Apesar da dúvida que tinha não podia evitar amá-lo cada dia mais e por isso mesmo sentia que cada vez tinha menos força de vontade para rebelar-se e afastar-se dele. Ele a desejava, disso não havia dúvida, mas bastaria isso para começar uma vida em comum?

Seu caminhar sem rumo a tinha levado até o vestíbulo e o ruído da porta de entrada ao abrir-se de repente, sobressaltou-a. Virou-se e deparou com Matt ali de pé.

— Bom dia — cumprimentou vacilante. De repente se sentia tímida com ele, como uma adolescente.

— Bom dia — ele respondeu — Já tomou o café da manhã? Ela assentiu com a cabeça.

— Bem, então, venha comigo. Vamos dar um passeio — disse estendendo a mão diante dela. Catherine segurou-a e deixou que a conduzisse para fora.

— Onde vamos? — perguntou quando viu que foram para o Lincoln, que estava estacionado diante da casa.

— Ao nosso aeroporto particular. De lá voaremos até o aeroporto de Dallas-Fort Worth.

— E de lá? — ela insistiu franzindo testa.

— Não vamos a nenhum lugar. Quero que conheça uma pessoa.

— OH — ela murmurou um pouco decepcionada. Esperava que fosse uma surpresa, que iria levá-la a algum lugar romântico onde fossem ficarr a sós, mais uma vez suas ilusões ficaram em pedacinhos.

Entraram no carro e Matt pôs o motor em movimento. — Kit, quanto a ontem à noite — começou Matt enquanto tomava o caminho de terra que levava ao aeroporto.

Catherine ficou tensa, antecipando o que ele ia dizer: ou estava tendo remorsos pelo que quase tinha ocorrido e ia se desculpar, ou pior ainda, que de repente tinha se dado conta de que não podia seguir adiante com o casamento...

— Na verdade, quase não dormi — continuou Matt em tom baixo — Estive pensando sobre nós e sobre como se deu nosso noivado e...

— Se quiser terminá-lo... — ela começou vacilante.

Matt virou o rosto para ela. — É isso que você quer, Kit? — perguntou suavemente — O que quer de verdade? Diga me, seja sincera comigo, está se sentindo pressionada?

Catherine fitou seu bonito rosto. Estava lhe oferecendo a oportunidade de escapar, de ser livre. Mordeu o lábio inferior. Por que todas as decisões importantes tinham que ser tão difíceis de se tomar?

— Não tem que dizer nada — ele a interrompeu — Acho que sei como se sente. Não te dei oportunidade para decidir por si mesma, não perguntei se queria esse casamento. Catherine, se preferir não se casar comigo, te deixarei ir para Nova York... se é isso o que quer.

Estava realmente estranho naquela manhã, o olhar duro, a expressão tensa e inacessível. Tinham chegado ao aeroporto e Matt parou o carro.

— E você? Quer este casamento? — ela perguntou, lançando a bola no seu campo.

Matt soltou uma risada seca. — Não estamos falando de mim.

— Não, nunca o fazemos — ela balbuciou irritada — Nunca sei o que sente, nem o que pensa. A maior parte do tempo é um estranho para mim.

— E o que me diz de ti? — ele perguntou olhando-a fixamente — Você tampouco se abre muito, na verdade.

Catherine abriu a boca para lhe responder, mas voltou a fechá-la com um suspiro. Não sabia o que era o que queria, mas tinha um mau pressentimento de que tinha mudado de idéia e queria que fosse ela quem cancelasse o compromisso e não ele. — Se eu te pedisse que rompêssemos nosso compromisso... o faria? — perguntou, testando-o.

— Faria — ele respondeu.

— E pelo que vejo se sentiria aliviado se te propusesse — ela disse sentindo uma pontada no peito — Não quer amarras, não é isso?

— Maldita seja, Catherine, se o que quer é ir para Nova York, vá de uma vez! — gritou ele.

— Muito bem! Sim! Isso é exatamente o que quero! — ela mentiu deixando-se levar pela raiva. Fez-se um silêncio insuportável dentro do veículo.

— Não foi tão difícil, não é mesmo? — ele resmungou tirando a chave do contato, saindo do carro e batendo a porta ao fechar.

Catherine o observou afastar-se para seu avião particular e ficou trêmula no banco antes de descer também. Custava demais conter as lágrimas que ameaçavam rolar por suas bochechas, mas finalmente foi seu orgulho quem ganhou a batalha e não derramou uma só no caminho ao aeroporto.

Tampouco falaram durante todo o trajeto, mas quando se sentaram para esperar no terminal, perguntou-lhe:

— Sequer vai me dizer por que me trouxe aqui?

— Para te apresentar a Layne — ele respondeu sem olhá-la — Marquei aqui com ela para assinar uns papéis.

— Layne! — murmurou Catherine olhando-o com ódio, os lábios tremendos e os olhos arregalados — Me trouxe aqui quando vai se encontrar com ela! — exclamou — Como pode?

Matt arqueou as sobrancelhas, mas antes que pudesse responder ouviram pelos alto-falantes um aviso de que o vôo que estavam esperando estava fazendo sua entrada no aeroporto.

— Vamos, é por aqui — disse segurando Catherine pela mão e arrastando-a com ele — Quando tivermos acabado com isto, vai me explicar esse ataque de raiva — acrescentou olhando-a um instante, antes de voltar a cabeça para a frente.

Chegaram em frente à porta pela qual estavam saindo os passageiros do vôo anunciado e uma mulher gordinha de cabelos castanhos, de mão dada com um menino de uns seis anos, agitou o braço e sorriu para Matt.

— Olá, Layne! — ele cumprimentou-a com outro sorriso, quando chegaram onde eles estavam — Sinto fazer você viajar de última hora.

— Não tem importância — ela respondeu encolhendo os ombros e rindo suavemente — Jimmy, quis vir comigo. Não é, Jimmy? — disse ao menino — Este é o senhor Kincaid. Mamãe trabalha com ele. Matt se agachou para cumprimentá-lo, mas o menino se escondeu atrás das saias de sua mãe.

— É muito tímido — justificou rindo — Tenho três filhos, sabe? — disse a Catherine — Meu marido e eu temos que fazer malabarismos para poder pagar a comida, o colégio, os livros... mas nós adoramos chegar em casa conversar e brincar com eles. Anna, a mais velha, é um verdadeiro furacão e...

Catherine ficou paralisada e estava escutando arrasada a conversa da mulher, falando com paixão de seu marido e seus filhos.

Enquanto a mulher tirava uma pasta cheia de papéis de sua maleta e Matt os assinava, sentiu-se incrivelmente idiota. Agora sim estava encrencada... Por culpa de um rumor sem o menor fundamento, tinha mentido a Matt, dizendo que o que queria era ir para Nova York. Tanto tempo sentindo ciúmes da tal Layne e ali estava, uma mulher casada, que era mais que óbvio que amava com loucura seu marido e seus filhos e cuja única relação com Matt era trabalhista. Queria morrer. Como podia ter se deixado levar por sua imaginação? E por que Matt não lhe havia dito antes o quão enganada estava?

Esperou até que Matt tivesse terminado de assinar os papéis e de novo um silêncio ensurdecedor se fez entre os dois até que estivessem de novo no aeroporto.

— É casada — murmurou quando entraram no carro.

— Sim, é casada — ele respondeu em tom baixo.

— Mas... mas Ângela disse que ela ligava constantemente.

— Sempre por motivos de trabalho — ele respondeu — Estava há meses atrás desse terreno e ultimamente sequer falava com ela e dizia a Angela que não me passasse as ligações, porque estava ficando louco com as constantes mudanças de condições por parte do vendedor — disse acendendo um cigarro — Esta manhã finalmente acertamos o contrato.

— Eu... Hal disse que era sua última conquista — ela balbuciou — E você me deixou acreditar que era verdade... por que?

Matt encolheu os ombros.

— Porque era parte do jogo — respondeu com aspereza — E por um momento acreditei que estava ganhando.

Catherine sentiu o coração doer. Tinha estado enganada a respeito daquela mulher, mas não respeito de suas intenções. Para ele tudo aquilo não tinha sido mais que um jogo, apenas estava se divertindo com ela. Virou o rosto para a janela para que ele não pudesse ver as lágrimas que inundavam seus olhos.

Fizeram o caminho de volta ao rancho em um silêncio ainda mais insuportável e cada vez que olhava para Matt de relance, só via esse estranho no qual às vezes se convertia. Onde estava o Matt agradável, alegre, generoso junto ao qual tinha crescido? De repente se perguntou se se não teria usado uma máscara todo o tempo. E, também de repente, sentiu que não conhecia absolutamente aquele homem que estava ao seu lado. Matt parou o carro em frente ao alpendre e esperou que Catherine se descesse. Entretanto, ela não se moveu. Tinha a sensação de que, se o fizesse, seria o fim de tudo que tinha havido entre eles. Lá fora, o céu estava coberto de nuvens negras e estava começando a relampejar. Virou-se para ele, mas Matt sequer a olhava. As feições de seu rosto pareciam ter se transformado em pedra.

— Matt... — começou em um tom suave.

— Não há nada mais a dizer, Catherine — ele respondeu baixinho — nem adiantará nada que continuemos falando.

— Deveria ter acreditado em você, não é ? — perguntou com tristeza — Devia ter sabido que não era o tipo de homem que fazia jogo duplo. Sequer fui capaz de perceber.

Matt voltou o rosto para ela, olhando-a muito sério.

— Talvez não quisesse — disse tragando seu cigarro — É muito jovem, Catherine, e eu deveria ter levado isso em conta. Não tinha experiência suficiente para entender o que estava acontecendo.

Catherine sorriu com tristeza.

— Agora mesmo me sinto como se tivesse mil anos, se quer saber.

Matt meneou a cabeça.

— Precisava de tempo e eu não podia te dar isso A paciência não é uma das minhas virtudes — terminou o cigarro e o apagou no cinzeiro do carro — Vá para Nova York, Catherine. Abra as asas e voe longe daqui como anseia. Talvez encontre alguém mais novo...

— Não!

Catherine não queria ter gritado assim. Nem pôr tanto ênfase naquela palavra, mas era tarde, porque já tinha abandonado seus lábios e Matt a tinha ouvido. Virou a cabeça para ela e fitou seu rosto angustiado. O peito de Matt estava parado, como se estivesse contendo a respiração.

Catherine olhou em seus olhos, impotente, e seus lábios tremeram quando procurou as palavras adequadas e não as encontrou.

— Amo você — ele murmurou com voz rouca — É isso o que queria ouvir, Kit?

Lágrimas não de pesar, mas de alívio, rolaram pelas bochechas de Catherine. De repente, embora lá fora continuasse chovendo, dentro de seu coração era como se o céu tivesse se aberto e brilhasse o sol. Seus sonhos se tornaram realidade.

— OH, pelo amor de Deus, vem aqui! — ele sussurrou com a voz entrecortada pela emoção, atraindo-a para si.

Seus lábios tomaram os de Catherine e a abraçou como se jamais quisesse deixá-la ir.

— Estava com tanto ciúmes... — ela sussurrou em seu ouvido — Eu te amava, e quando Angela me falou de Layne, eu acreditei... e você não negou... Tinha tanto medo... Sentia que não poderia viver se no final você só tivesse brincando comigo.

Matt riu suavemente e a apertou contra si enquanto a chuva nos vidros criava um véu que os separava do mundo.

— Essa é a maior tolice que poderia pensar — ele disse baixinho — Deus, como estaria brincando contigo quando estava ficando louco esperando que crescesse e me visse como um homem? E então, no dia em que apareceu na margem do rio depois das chuvas e me anunciou que iria para Nova York... Deus, foi como se o mundo caísse sobre minha cabeça! E Hal não ajudava absolutamente em nada. Juro que às vezes senti vontade de mandá-lo a socos para Tegucigalpa por interferir.

Catherine começou a rir.

— Fazia muito tempo que eu te amava — confessou, afundando o rosto no vão de seu pescoço — mas sempre parecia ter um enxame de mulheres ao seu redor e dizia a mim mesma que jamais me notaria.

— Essas mulheres não eram mais que uma fachada — Matt respondeu, afastando-se um pouco para olhá-la nos olhos — Lembra daquela noite em que quase fomos muito longe, depois do churrasco? E aquilo que te disse de que fazia muito tempo que não fazia amor?

Ela assentiu, ruborizando-se ao recordar as circunstâncias em que o havia dito.

Matt traçou o contorno de seus lábios com o dedo.

— Faz dois anos que não fico com uma mulher, Kit — sussurrou com voz rouca — desde o dia em que abri os olhos e me dei conta de que uma certa garota de cabelos castanhos e brilhantes olhos verdes tinha me cativado. Então soube que a única coisa que queria era tê-la a meu lado pelo resto de minha vida.

Catherine não sabia o que dizer. Tocou seu rosto, maravilhando-se com o amor que podia ler tão claramente em seus olhos.

— Como pude estar tão cega? — murmurou.

— Como eu pude estar? — ele respondeu — Tinha diante de meu nariz todos os sinais, mas me preocupava tanto em te perder que sequer os notava. Kit, sei que as

circunstâncias em que chegamos a este compromisso não são as que deveriam, mas te desejava tanto... Quero me casar contigo porque te amo, porque quero ter filhos contigo, deitar ao seu lado cada noite e te amar todos os dias de minha vida. Se me deixar, secarei e morrerei como uma árvore sem chuva — murmurou contra seus lábios — Te amo tanto...!

As lágrimas de Catherine se misturaram ao beijo apaixonado com que Matt concluiu suas palavras e de repente suas fortes mãos começaram a subir e descer pelo corpo dela.

— Matt, não se deu conta mesmo, de que eu estava em sua cama naquela noite em que Hal nos enganou? — ela perguntou curiosa, contendo a respiração quando as mãos de Matt tomaram posse de seus seios e seus polegares começaram a acariciar os mamilos rijos.

— Sim sabia — confessou ele com um meio sorriso — mas era uma oportunidade muito boa para desperdiçá-la. Ao menos uma vez, Hal fez as coisas direito. A verdade é que me aproveitei sem o menor pudor da situação. Acreditei que com isso poderia conseguir que se casasse comigo, que talvez aprendesse a me amar com o tempo.

— E exatamente isso era o que menos precisava aprender — ela riu estremecendo-se de prazer.

— Não, isso não, certamente — ele assentiu — mas outras coisas... — acrescentou com um sorriso malicioso.

— Pois então teremos que nos casar para que me ensine — ela disse — E... ah! — gemeu, arqueando-se para suas mãos experientes — OH, Matt, mas tem que ser logo.

— Eu tampouco acredito que possa resistir por muito mais tempo de noivado — ele murmurou entre beijos — Te desejo tanto, Kit... Quero fazer amor contigo e expressar com meu corpo o que sinto por ti, nos fundir em um só... Fiz amor muitas vezes, entretanto, nunca foi mais que sexo, porque jamais fiz com uma mulher a quem amasse.

As palavras do Matt fazia com que soasse tão bonito... amar e ser amado, fundir-se por uns instantes com o outro. Catherine elevou o rosto para ele, com um olhar emocionado e sua mente se encheu de sensuais imagens. Sentiu que seu rosto de ruborizava e viu que Matt sorria.

— Eu também posso imaginar — disse — como será quando acontecer — sussurrou beijando-a no pescoço enquanto lhe massageava os seios — seu corpo sob o meu, suas mãos se agarrando aos meus quadris, seus gemidos misturando-se aos meus...

— Matt! — ela gemeu, estremecendo de novo, tanto pela excitação que proporcionavam suas carícias e beijos, como pelas imagens que suas palavras estavam produzindo em sua mente.

— Serei o homem mais terno do mundo contigo, Kit — Matt sussurrou — Te tratarei com tanta doçura...

— Eu sei... OH, Matt, sei — ela murmurou fechando os olhos — Te amo tanto...

A troca de beijos e carícias se prolongou por um bom tempo e a temperatura subiu de tal maneira no interior do carro que os vidros embaçaram.

Minutos depois. Catherine descansava no colo de Matt com a cabeça sobre seu ombro, suspirando de puro contentamento.

— Imagino que sendo um homem à moda antiga como é, não me deixará trabalhar quando nos casarmos, não é? — provocou.

— Não sou um homem da Idade Média, Kit — ele replicou surpreendendo-a. Deixarei fazer a campanha de publicidade de todas os meus leilões — acrescentou sorrindo com malícia.

— Ah, é? — Ela disse divertida — Pois terá que me pagar um bom salário, já vou avisando.

— OH, pagarei e além disso terá certos privilégios, por ser a esposa do chefe.

— Sêrio? — ela riu — Como quais?

— Para começar, poderá dormir comigo toda noite — ele respondeu sorrindo com malícia.

— Mmm... Vai ser difícil rejeitar o cargo. Matt se inclinou de novo para beijá-la, mas justo nesse momento ouviram vozes do lado de fora do carro.

— Tem certeza de que estão aí dentro? — escutou Hal perguntar — Não se vê nada. Os vidros estão totalmente embaçados.

— Exatamente por isso estou certa de que estão aí — respondeu a voz de Betty — Anda, bate na janela.

— E por que eu? Se estiverem aí mesmo, Matt ficará furioso comigo por incomodá-los.

Matt sorriu para Catherine, suspirou, ligou o carro e acionou o botão que baixava o vidro.

— O que foi? — perguntou a Hal e Betty, que estavam embaixo da chuva, sob um guarda-chuva que mal cobria aos dois.

A mãe do Catherine e Hal se fixaram nos lábios inchados de ambos, a camisa enrugada dela, a dele meio desabotoada, a expressão sonhadora nos rostos de ambos... olharam-se e sorriram.

— Não sei o que estão celebrando, mas, que tal um pouco de champanhe? — propôs Hal.

— Grande idéia, pegue uma garrafa e abra-a — Matt assentiu rodeando os ombros de sua prometida — Faz uma manhã perfeita para brindar.

Catherine olhou amorosamente para aquele que logo seria seu marido e riu. Sim, era uma amanhã para brindar... pela felicidade que tinha chegado a suas vidas, e por todos os anos que esperava passar junto a Matt.

Fim